

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO
FÍSICA COMO
INTERMEDIÁRIO ENTRE O
ADULTO E O LÚDICO.**

CATHIA ALVES

PIRACICABA, SP.

2007

**O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO
FÍSICA COMO
INTERMEDIÁRIO ENTRE O
ADULTO E O COMPONENTE LÚDICO.**

CATHIA ALVES

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON CARVALHO MARCELLINO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Ciências da Saúde – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação Física, sob a orientação do Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

PIRACICABA, SP.

2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino

Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa

Profª Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio

Agradecimentos

***“Deus de aliança,
Deus de promessa,
Deus que não é homem pra mentir,
Tudo pode passar, tudo pode mudar,
Mas sua palavra vai se cumprir; posso enfrentar o que for,
Eu sei quem luta por mim, seus planos não podem ser frustrados.
Minha esperança está nas mãos do “Grande eu Sou”,
Meus olhos vão ver o impossível acontecer...”***

Agradeço a Deus por mais essa vitória.

Agradeço aos meus pais pelo apoio, carinho e por sempre me incentivarem a continuar os estudos e por acreditarem nos meus sonhos; a minhas irmãs pela paciência e compreensão.

Agradeço a minha família pelas orações.

Agradeço ao amigo e mestre Marcellino, por me ensinar tanto sobre o lazer e essencialmente sobre a vida.

Obrigada a professora Tânia e ao professor Edmur, por fazerem parte desde momento e contribuírem com seus conhecimentos.

Obrigada aos meus amigos por caminharem comigo em mais essa fase da minha vida, por respeitarem esse momento e dividir comigo a alegria dessa vitória.

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todos os adultos que guardam a lembrança da infância, e fazem disso um incentivo para melhorarem as suas vidas.

A todos os animadores socioculturais, como um estímulo e ferramenta para a atuação no campo do lazer.

A todos os amigos professores de Educação Física, com os quais tenho prazer em compartilhar as angústias da profissão, trocar conhecimentos e principalmente por me permitirem aprender um pouco mais dessa área, com cada um deles e poder perceber como a Educação Física é uma ferramenta viva e eficaz para a educação do ser humano.

Resumo

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, que tem por objetivo, verificar o significado do componente lúdico da cultura para o adulto; se atualmente essa faixa etária vivencia momentos lúdicos, e se vivencia, quais são as possibilidades para essa manifestação no espaço do lazer, de forma privilegiada. Pretende ainda, verificar qual o papel do profissional de Educação Física, como mediador entre o adulto e o lúdico. A preocupação desse estudo se justifica na área da Educação Física, uma vez que o jogo, representação privilegiada do lúdico, é um dos seus componentes históricos. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida no Sistema de Bibliotecas da UNIMEP e da UNICAMP. Na pesquisa de campo, foram comparados adultos participantes de programações de lazer nos seus vários conteúdos culturais, desenvolvidos em diferentes equipamentos específicos, da cidade de Americana-SP, escolhida por critério de amostragem não probabilístico, intencional, por representatividade e acessibilidade. O mesmo critério foi usado para definir os equipamentos. Para os profissionais que neles atuam foi adotada a estratificação por gênero, profissão, tempo de exercício profissional e em acordo com as atividades que atuam. Para os usuários, a estratificação por gênero, profissão, faixa etária e em acordo com as atividades que praticam. A principal técnica de coleta foi a de observação participante, que contou com diário de campo e aplicação de formulários. Como técnica complementar foram aplicados os formulários. O estudo detectou que os adultos encontram no tempo de lazer um caminho para suprir a necessidade que sentem da manifestação do lúdico, e entendem esse componente como divertimento, alegria, prática de um esporte, e liberdade, entre outros itens. Em relação à atuação dos profissionais com os adultos, ela é vista como muito positiva, mas ainda deficiente. Constatamos a necessidade de uma política pública de lazer, fundamentada no componente lúdico da cultura, para uma participação expressiva da população, nessa fase da vida.

Palavras chave: Lúdico, Lazer, Animação sociocultural, Educação Física e Adulto.

Abstract

This is a bibliographical and field research, which intends, as an objective, to verify the meaning of the playful component of culture for the adult; analyzing if nowadays this age group experiences playful moments, and, in case it does experience them, what are the possibilities for this manifestation in the leisure space, in a privileged way. This research intends also to verify what the role of the Physical Education professional is, as a mediator between the adult and the playful component. The study preoccupation justifies itself in the Physical Education area, since the game, a privileged representation of the playful component, is one of its historical components. The bibliographical research was developed at UNIMEP and UNICAMP libraries. The field research studied adults participating in leisure programs in its several cultural contents, developed in different specific equipments, in the city of Americana-SP, which was chosen according to non probabilistic sampling, intentional, representative and accessibility criteria. The same criteria were used to define the equipments. For the professionals who act in these equipments, it was adopted the gender, profession, and profession acting time stratification. For the users, the gender, profession, and age group stratification. The main collecting technique was the participating observation, which included field diary and the use of forms. As a complementary technique forms were used. The study detected that adults find in the leisure time a way to take the place of the playful manifestation necessity, and they understand this component as fun, joy, sport, freedom, etc. The professional action with the adults is seen as been very positive, but still deficient. We verified the necessity of a leisure public policy, grounded in the playful component of culture, in order to have an expressive participation of the population, in this age group.

Key-words: Playful, Leisure, Social and Cultural Animation, Physical Education and Adult.

Sumário

Introdução	08
Capítulo I:Adulto, lúdico e lazer	11
1.1– A faixa etária adulta: da incerteza e alegria da infância para a angústia e os prazeres da idade adulta.	11
1.2 - O lúdico e o seu furto na vida adulta: voltar à infância que representa a brincadeira podendo recuperar a capacidade do riso de quem brinca.	25
1.3 - O lazer dos adultos: do lazer consumo ao lazer com significado.	46
Capítulo II: Animador sociocultural e Educação Física	57
2.1 - Animador? Sim, animador sociocultural	58
2.2- O profissional de Educação Física como animador sociocultural no campo do lazer.	66
2.2.1 – O profissional de Educação Física animando a idade adulta	79
2.3 - Política de lazer para faixa etária adulta	85
Capítulo III: Em campo: Caminhando com os adultos pelo lazer.	92
3.1 – Os caminhos percorridos	92
3.1.1 – As categorias de análise	92
3.2 – Os escolhidos	94
3.3 - As técnicas	98
3.3.1 As observações a partir do diário: com os adultos no tempo de lazer	99
3.4 Os profissionais escolhidos	111
3.4.1 Dando fala aos profissionais	111
3.4.2 Dando fala aos adultos	120
3.4.2.a Dados dos Homens	120
3.4.2.b Dados das Mulheres	133
Considerações Finais	144
Referências Bibliográficas	148
Anexos	152

Introdução

As palavras são ferramentas que refletem aquilo que somos, refletem os sonhos e os desejos. Talvez nem sempre seja possível encontrar a palavra certa para representar os nossos anseios. Percebemos que, com esse estudo, ao invés de cessarem, borbulham cada vez mais as dúvidas, angústias e lacunas.

Por uma visão subjetiva, a motivação desse trabalho foi entender como a criança se torna um adulto; por que o adulto perde o gosto pela brincadeira ou pelo jogo; por que tem preconceitos para com as atividades infantis; será que isso realmente acontece? Ou esse desejo está dormindo, esperando que algo o desperte?

Uma vez adultos, percebemo-nos com desejos muitas vezes tão infantis, em meio a responsabilidades e compromissos tão sérios, em meio à liberdade de ir e vir, no prazer de dirigir, de descobrir um amor; na alegria de ter uma profissão e no cansaço que o trabalho traz. E ainda, muitas vezes, com o coração tão triste, quando presenciamos a violência e o medo, e em outras ocasiões, com o coração pulando de alegria, quando vemos uma criança a brincar, a sorrir, ou quando alcançamos um desejo. Essas são algumas das motivações para este estudo.

Quando a criança cresce e se torna um adulto, passa a ser vista como um ser humano dirigido pela lógica que impera no sistema dessa sociedade. E esse trabalho recorreu a palavras, como *lazer* e *lúdico* para combater essa idéia e apresentar um adulto participativo, um adulto que sabe ser sério e que sabe sorrir. Um ser humano, criança ou adulto, que principalmente busque uma vida melhor, através da participação no plano cultural.

E como contribuição a essa luta, partimos para a área da Educação Física, nos dirigindo principalmente aos profissionais dessa área, da qual também fazemos parte, e queremos juntos partilhar da expressão humana pelo lazer, e pelo lúdico com as pessoas adultas.

De uma forma objetiva, esse estudo buscou, estudar a faixa etária adulta e suas relações com o componente lúdico, enfatizando o papel do profissional de Educação Física, como animador sociocultural, atuando no campo do lazer como espaço privilegiado para manifestação do lúdico.

Considerando o ser humano não pelo seu rendimento, produtividade ou por suas habilidades, buscamos quebrar esse paradigma imposto pela sociedade atual, com o desejo de mudar a direção do olhar do profissional e contribuir para mudança dessa visão restrita para produção e rendimento do corpo adulto e, com isso, atender à idéia de um ser humano único, envolvendo todas as suas esferas de atuação.

Dessa perspectiva, é que pensamos na incorporação do componente lúdico, e de sua presença mais constante na vida do adulto, pois, assim, abre-se a possibilidade da "recuperação" (se é que está perdido), dos jogos, brinquedos e brincadeiras sem descaracterizar a faixa etária, possibilitando vivências lúdicas através do campo do lazer, ainda que o componente lúdico da cultura, por ter características "improdutivas e desinteressadas", ¹ seja associado historicamente às crianças.

A abordagem feita aqui tem como principal objetivo relacionar a manifestação lúdica como opção no campo de **lazer**.

A inserção da manifestação do lúdico no campo do lazer tem a possibilidade de separar um tempo para essa prática, validando esse aspecto e abrangendo a questão do espaço e da atitude na sua caracterização.

Assim, o estudo foi realizado através da combinação entre pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir do sistema de bibliotecas da Unimep e da Unicamp, e por meio de levantamento efetuado com as palavras-chave: Educação Física, lazer, animação sociocultural, lúdico e adulto. A pesquisa incluiu análises textual, interpretativa e crítica (SEVERINO, 2000).

¹ As palavras improdutiva e desinteressada em relação ao componente lúdico explicam a visão utilitarista da sociedade capitalista que não considera o lúdico com a importância que merece, valorizando exclusivamente o trabalho.

A pesquisa de campo, através de estudo comparativo (BRUYNE, 1977), envolveu profissionais que atuam com lazer em clubes e com os adultos associados desses clubes, e ainda com um grupo de pessoas autônomas que praticam esporte num espaço público. A escolha dos profissionais e dos participantes seguiu critérios não-probabilísticos, de representatividade e acessibilidade. As técnicas utilizadas foram a observação participante que contou com diário de campo e os formulários aplicados aos profissionais e aos adultos.

O estudo se divide em três capítulos. O primeiro capítulo “**Adulto, lúdico e lazer**”, se divide em três subitens: **1.** A faixa etária adulta: da incerteza e alegria da infância para a angústia e os prazeres da idade adulta. **2.** O lúdico e o seu “furto” na vida adulta: voltar à infância que representa a brincadeira podendo recuperar a capacidade do riso de quem brinca. **3.** O lazer dos adultos: do lazer consumo ao lazer com significado. Esse capítulo tem como pano de fundo as relações do adulto com o lúdico e o lazer.

O segundo capítulo “**Animador sociocultural e Educação Física**”, se divide em 3 subitens: **1.** Animador? Sim, animador sociocultural; **2.** O profissional de Educação Física como animador sociocultural no campo do lazer; **2.1.** O profissional de Educação Física animando a idade adulta; **3.** Política de lazer para faixa etária adulta. Esse capítulo apresenta o lazer nos moldes atuais e a necessidade de instauração de políticas públicas para a faixa etária adulta.

O terceiro capítulo, “**Em campo: caminhando com os adultos pelo lazer**”, relata a pesquisa de campo, com a observação participante e o resultado da aplicação dos formulários. Divide-se em: **3.1.** Os caminhos percorridos; **3.2.** Os escolhidos; **3.3** Técnicas; **3.3.1** As observações a partir do diário: com os adultos no tempo de lazer; **3.4** Os profissionais escolhidos; **3.4.1** Dados dos profissionais; **3.4.2** Dados dos adultos; **3.4.2 a** Dados dos homens; **3.4.2 b** Dados das mulheres.

Ao tornarmos público o resultado do nosso trabalho, estamos prontos a receber críticas e sugestões, que serão bem-vindas e incorporadas ao texto, à medida que forem necessários.

Capítulo I: Adulto, lúdico e lazer

Pouco se fala na relação do ser humano de idade adulta com o componente lúdico da cultura, pois o mesmo é associado historicamente à faixa etária infantil. Levando isso em conta, os propósitos deste capítulo são: entender e confrontar os diferentes valores de crianças e adultos, em relação ao lúdico; compreender como a sociedade enxerga a pessoa adulta e que papel ela desenvolve neste sistema; apresentar a relação do adulto com o lúdico; e ainda, apontar o motivo do lúdico ser tão desvalorizado pelo tipo de sistema que rege a sociedade atual, e como este componente é furtado dos adultos. Identificaremos, também, que tipo de relação a faixa etária adulta tem com o lazer, justificando a manifestação do lúdico neste campo, de forma privilegiada, na sociedade contemporânea.

Portanto, o objetivo geral deste capítulo, é verificar a relação entre o lazer, o lúdico e as pessoas de idade adulta.

1.1 – A FAIXA ETÁRIA ADULTA: DA INCERTEZA E ALEGRIA DA INFÂNCIA PARA A ANGÚSTIA E OS PRAZERES DA IDADE ADULTA.

*Quando a minha cabeça fica vazia,
eu me vejo transformado em
criança. Ponho-me a brincar.
Brinco com as palavras. As
palavras viram brinquedos.²*

Para que a criança se torne um adulto, é necessário todo um processo, como os programas de socialização e de educação. Estes processos são impostos às crianças que, como seres frágeis e fracos, sofrem uma lavagem cerebral, uma coerção física e psicológica para se tornarem adultas (ALVES 1987).

Dessa forma é que nos tornamos adultos: pela repressão, coerção e ainda pela desistência. Desistência é a palavra usada por Alves (1987) quando afirma

² ALVES, R. **Ao professor com meu carinho**. 5ª Ed. Verus, Campinas, 2004.

que o adulto desistiu dos sonhos e desejos de quando era criança, conformou-se e ajustou-se à prisão da idade adulta.

Tendo em vista estas questões, não podemos ser generalistas, pois, o autor se refere às pessoas adultas que abandonaram os seus sonhos, que vivem em conformismo com a sociedade e suas regras e apóiam os “velhos pressupostos” que regem o mundo adulto, contribuindo para manter a ordem estabelecida sem sinais de mudança. Alves (1987) expõe sua aflição em relação à organização social, que se mantém nesta lógica para a sua própria deterioração.

Dessa perspectiva, é necessário começar tudo de novo, para que haja alguma mudança como, por exemplo, transformar os programas de educação e de socialização. A organização social que dirige a lógica do sistema deve se organizar de modo diferente, sem impor os processos, sem tolher a criatividade da criança e seu tempo de brincar. Uma das formas seria não furtar o seu tempo lúdico³.

Marcellino (2005) defende a necessidade de se respeitar o direito que a criança tem à alegria e ao prazer, que são favorecidos pelo componente lúdico que, segundo o autor, é a base que certifica a efetiva participação cultural do ser humano de forma crítica, criativa e transformadora. Do nosso ponto de vista, se isso for possível à criança, esta poderá ser um adulto politicamente participativo.

Os processos de educação e socialização devem ser flexíveis, sem a presença da coerção e da repressão. E assim, pode se pensar em um recomeço, para possível mudança da ordem estabelecida (ALVES, 1987).

Alves (1987) acredita esperançosamente no recomeçar através dos sonhos e do despertar dos desejos dos adultos. Afirma, ainda, que o jogo é uma possibilidade de recomeço, não como um componente salvador, redentor de toda crueldade do mundo adulto, mas como uma das possibilidades de tornar o mundo dos grandes menos agressivo e mais prazeroso, o que pode não ser tão interessante para uma sociedade que visa prioritariamente à produção e o consumo, e coloca as outras esferas da vida do ser humano em segundo plano.

³ Conceito que será discutido no item 1.2

Assim, a idéia de que o adulto possa simbolicamente voltar a ser criança, relembrando suas vivências do brincar e fazendo renascer os seus desejos de infância, é teoricamente impossível, se vista na realidade marcada pelo rendimento, produção e consumo, pois não vemos traços de mudanças neste sentido, e não é este o objetivo deste estudo.

Reiteramos a importância do resgate do lúdico na vida adulta, não somente pelas lembranças da infância; mas pela manifestação da ludicidade em outras esferas, caracterizadas como as atividades de adultos. Como por exemplo, podemos citar a vivência de uma atividade na natureza, um baile ou festa, o teatro, a dança, uma prática esportiva ou cinema. Em outras palavras, a possibilidade do prazer em consumir algo tão desejado e sonhado, entre outras coisas.

*Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão⁴*

Consideramos que pela construção do nosso sistema é quase impossível de se resgatar o lúdico, (esse estudo caminha nessa luta), pois ele foi furtado pela organização social tanto da vida do adulto como da criança. Seria importante quebrar a distância da infância para o mundo adulto, em busca de lutar contra a ideologia dominante, sem infantilizar os adultos, mas, com o objetivo de resgatar este componente pelo viés do prazer e do divertimento, com novas possibilidades de manifestação para além do jogo e da brincadeira.

E por onde começar? Pela educação para e pelo lazer, considerando o lazer como veículo e objeto⁵, e ainda como um espaço privilegiado de manifestação lúdica, com o encontro e a troca de experiências humanas, não de uma forma moralista e ou compensatória, mas com uma visão pautada na

⁴ Música **Bola de Meia, bola de gude**, letra de Milton Nascimento, (seus versos serão utilizados em todo decorrer desde subitem.)

⁵ Reixia (1980) descreve a função educativa do lazer em dois aspectos, a educação pelo lazer, como veículo: educação através das atividades de lazer; e a educação para o lazer, como objeto: educação para vivência do mesmo.

participação política e social do adulto, com vistas a questionar a ordem instaurada e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Todavia, quando se fala em adultos, qual a faixa etária que define essa população?

Após a fase da adolescência e início da juventude, e de todo processo educacional e social, citado por Alves (1987), o ser humano é classificado como **adulto**. Durante essa fase é que, geralmente, as responsabilidades aumentam, e o trabalho passa a ser o campo de principal atuação dessa faixa etária.

Segundo censo demográfico, realizado pelo IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a faixa etária adulta caracteriza-se dos 20 aos 59 anos de idade⁶.

Parker (1978) classifica a faixa etária adulta dos 20 aos 65 anos e afirma que, durante este período, a vida é mais ativa do que antes (infância) e depois (velhice). Entendemos que este termo, “ativa”, seria no sentido de que o adulto age mais no sistema por estar trabalhando e esta ação faz com que o indivíduo seja significativo nesse campo. Os adultos se dedicam em excesso ao trabalho para seu próprio sustento e/ou para sustento da família. É uma fase da vida tão importante quanto às outras, devendo ter o mesmo valor de importância para o indivíduo.

Reconhecemos que o trabalho é de tal forma, a principal manifestação humana durante este período de vida, por isso, a relação do adulto com as atividades profissionais pode se desgastar. O trabalho é permeado pelo sentido da obrigação, e, algumas vezes, pode se opor ao prazer, pois se torna uma atividade mecanizada e que exige pouco da criatividade do trabalhador. Em outros casos, verifica-se que as pessoas encontram prazer e muita satisfação gerados pelo trabalho.

Não é o foco deste estudo relacionar a faixa etária adulta com o trabalho, mas sim com o lúdico, experienciado no campo do lazer, com a

Informação retirada do site: www.ibge.com.br, acessado 21/11/2005.

intermediação do profissional de Educação Física como animador sociocultural. Entretanto, se faz necessário entender que, para as sociedades capitalistas, o papel do adulto é produzir essencialmente no trabalho.

E mesmo quando se aborda o lazer do adulto, essa abordagem não pode ser feita de modo isolado, mas sim, contextualizada, relacionando o lazer às esferas de obrigação humana, entre as quais o trabalho ocupa destaque.

Segundo Padilha (2004), o sistema capitalista privilegia o econômico em detrimento de outras esferas da vida, porque se sustenta na racionalidade econômica. A autora entende este sistema por uma lógica que domina às 24 horas do dia, sendo que todas as suas dimensões são permeadas por essa racionalidade, estendendo essa dominação a todos os sistemas: social, político, econômico e cultural. Por esse viés a autora afirma que os valores são definidos pelos lucros, tudo é transformado em mercadoria e visto com valor monetário. Fazendo uma analogia, os adultos são expostos em prateleiras como mercadorias, valendo mais aquele que render mais no trabalho, contribuindo conseqüentemente para a evolução do sistema.

Pinto (1992), em relação a esta lógica que impera no sistema, aponta que:

O tempo mecânico da Era Industrial, seguindo a lógica que impera no trabalho, impõe à vida a idéia do lucro. Essa mesma lógica do lucro, na atualidade, rouba tempo das crianças, preparando-as, o quanto antes, para produção; rouba tempo dos adolescentes, que precisam se profissionalizar logo e gastar seu tempo consumindo as ilusões do mundo adulto; **rouba tempo dos adultos para que dupliquem seu tempo, produzindo e consumindo mais**; rouba tempo dos idosos, extraindo seu tempo de engajamento no mundo produtivo, que necessita de vigor (p.32) (grifo meu).

Diante dessa afirmação, tal lógica busca preparar a criança e o adolescente para a produção e o consumo da idade adulta. Como se a fase de vida dos adultos, se limitasse a produção e consumo, e tudo em suas vidas girasse em torno destes componentes.

Neste tipo de sistema, o lazer é burlado de todas as faixas etárias, (inclusive das crianças, e é oferecido aos idosos como “premiação” por terem servido ao sistema com seu trabalho durante grande parte de suas vidas).

A lógica deste sistema tem por objetivo principal o consumo e a produção, visto ainda que o adulto é o ponto chave de contribuição para a sua evolução. Uma vez que, são consumidores e produtores ativos e a maior parte do seu tempo é dedicado a essas atividades, ou seja, os adultos mantêm o sistema funcionando.

Dessa perspectiva, o entendimento do que é ser adulto se apresenta como: um ser humano dirigido pela lógica da sociedade capitalista, sendo útil e guiado, não no sentido de humanidade, cumprindo com valores de cidadania, mas como um utensílio no campo do trabalho, priorizando esta atividade, em cooperação e conformismo com a lógica de produção e consumo; adotando, vivendo e transmitindo os valores dessa mesma lógica.

Em relação ao princípio dos valores dos adultos, Alves (1987) explica essa conformidade da idade adulta com a lógica do sistema, através da relação das questões da quantidade e da qualidade. O autor expõe que a quantidade é mais valorizada do que a qualidade, e isso devido aos valores que os adultos transportam. Ele parte da poesia do pequeno príncipe, como exemplo:

Os adultos adoram números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo, eles jamais se informam do essencial. Não perguntam nunca: ‘ Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que ele coleciona borboletas? Mas perguntam:

‘ Qual é a sua idade? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai?’ Somente então que eles julgam conhecê-lo. Se dizemos aos adultos: ‘ Vi uma bela casa de tijolos cor-de-rosa, gerânios na janela, pombas no telhado...’ eles não conseguem, de modo nenhum, fazer uma idéia da casa. É preciso dizer-lhes: ‘ Vi uma casa de cinco bilhões’. Então eles exclamam:

‘ Que beleza!’ (SAINT-EXUPÉRY 2006, p. 19-20).

Em contrapartida à questão da quantidade, Saint-Exupéry enaltece a qualidade como sendo essencial para a vida, superando o fator da quantidade.

Na fase adulta, o ser humano assume a lógica da superioridade em relação ao mundo infantil e acaba por ter uma visão estimulada e dirigida para o fator da

quantidade, essa ligação faz o adulto esquecer-se da qualidade e daquilo que é essencial.

A pessoa adulta, muitas vezes pode, se esquecer da beleza das cores, da beleza das flores, da beleza de somente admirar e elogiar, enfim se esquecer da beleza como um todo, da pureza e daquilo que não tem eficácia, que não tem expressividade em números (ALVES, 1987).

A quantidade pode ser medida, é precisa, manipulada, pode ser controlada e dominada, pela administração e pela política. Os adultos sentem a necessidade de dirigir, controlar as coisas, até mesmo as regras de um jogo, só que não percebem e desconhecem o controle que é feito sobre suas vidas. Muitas vezes o foco de preocupação deles se dirige para formalismos, se divide entre o real e o simbólico, e o jogo e a brincadeira perdem o seu verdadeiro sentido (ALVES, 1987).

Tendo em vista, ainda, a questão dos valores, o autor afirma que:

O mundo tem de ser a expressão dos valores humanos. Quando existe harmonia entre os valores e o mundo, o homem se sente vivendo num universo significativo, mesmo que este não seja quantitativamente rico (ALVES, 1987, p.128).

Nesse sentido, o ser humano precisa de vivências significativas; o *ter* é importante, mas não pode superar o valor do *ser*, ou então acontece uma inversão de valores. Muitas vezes isso já se apresenta nessa sociedade, onde os valores são dirigidos e determinados e o ser humano acaba se desintegrando internamente, porque se recusa a aceitar essa imposição.

Os adultos, por terem a necessidade de controle, determinam previamente, (orientados pelo sistema, de forma alienada), quais os valores a serem adquiridos pelas crianças e pelos jovens. Entretanto, quando as crianças e os jovens amadurecem percebem que há algo errado, e não querem jogar com as regras determinadas pelos adultos, que dão por certo os seus valores, acreditando piamente que o seu estilo de vida é superior ao estilo de vida das crianças (ALVES, 1987). Com o passar do tempo, os mesmos sem muita opção, se adequam e dão seqüência aos “velhos pressupostos”.

Portanto, estabelecemos a necessidade fundamental de resgatar o lúdico no adulto, para que mude esse sentimento de superioridade em relação às crianças e renasça o sentimento de igualdade, para além da necessidade de controlar e medir as coisas, mas para o prazer e o sentido concreto e abstrato do jogo. E ainda a possibilidade de vivências lúdicas para além do jogo, mas em todas as vivências de lazer, nos seus mais variados conteúdos culturais, que as pessoas puderem desfrutar.

*E me fala de coisas bonitas que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo, não quero viver
Como toda essa gente insiste em viver
E não posso aceitar sossegado qualquer sacanagem
Ser coisa normal.*

Na tira do Calvin, apresentada a seguir, podemos visualizar de forma lúdica, como a relação entre valores privilegiados por adultos e crianças acontece:

O Melhor de Calvin (Bill Watterson 20/10/2005).



Aqui se retrata nitidamente a diferença de valores e a idéia de superioridade que os adultos têm em relação às crianças. É como se tivessem esquecido que, um dia também foram crianças.

O mundo adulto enxerga a criança como um ser fraco, que não tem poder. As pessoas de idade adulta acreditam que seus valores são mais importantes do

que os valores das crianças. Isso acontece para que o mundo e a sua ordem não mudem de direção, apoiando a distância da idade adulta com o lúdico.

Perrotti (1982), quando analisa a produção cultural que é dirigida à criança, aponta de forma crítica, a marginalização feita pela política em relação às mesmas. O autor afirma que o sistema capitalista isolou a criança para que se prepare para um futuro, onde poderá ser mais útil. Em vista disso, a sua cultura é desvalorizada. O autor cria categorias e encaixa o adulto na categoria de produtor. Aponta que, as pessoas desta faixa etária, devem entender que para incluir-se no sistema é necessário priorizar a produtividade, afirmando que é a categoria de produção que determina o papel destas pessoas, e ainda que, são as leis do mercado que dão o seu valor, considerando-os como produtores de força de trabalho.

O adulto, quando deixa de produzir, deixa também de “representar seu papel na sociedade”. Ele só é valorizado enquanto o sistema puder contar com sua força para o trabalho. Isso está tão intrínseco nas pessoas que elas só se valorizam quando trabalham, e acabam por acreditar que, essa é a única forma de serem úteis e se esquecem muitas vezes do lúdico, ainda que encontrem prazer em seu trabalho.

Perrotti (1982) aponta que a organização da sociedade é “adultocêntrica”, ou seja, a organização é centrada no ser humano de faixa etária adulta e a criança é depreciada, assim como sua cultura infantil. Não entraremos aqui na discussão sobre a criança, mas na visão Adultocêntrica, que se define em função de algo que é evoluído e completo: o adulto.

Destacamos o filme *Duas Vidas*⁷, no qual o ator principal nega sua infância, e aplica seus valores a bens materiais. Porém, no decorrer do filme, encontra-se consigo mesmo através de um menino que o representa na infância. O objetivo desse encontro é ajudarem-se mutuamente, uma vez que são uma só pessoa. Uma das cenas que mais nos chama a atenção é quando o personagem criança pergunta para o adulto se ele não tem cachorro, se ele não é piloto, se ele

⁷ Filme produzido pela Disney's The Kid, EUA, 2000, disponível em VHS e DVD.

não tem namorada. E o personagem adulto responde que não. Então o menino diz: “será esse o meu futuro?” “Crescer e ser um fracasso?” Para a criança, o que o adulto relatava que tinha não era importante, não tinha muito valor. Enquanto o personagem adulto achava que tinha sido um fracasso na infância e que agora era um vencedor. Enfim, durante o filme, o menino apresenta para o adulto os seus valores, o adulto resgata a sua infância, e passa a ter uma vida melhor, reconhecendo a importância dos valores das crianças e dos adultos.

Neste filme, podemos observar, através daquele personagem, o que os adultos geralmente pensam das crianças, que se associa à fala de Alves (1999), afirmando que a faixa etária adulta enxerga as crianças como seres fracos, que não sabem nada, acreditando que a infância é o ponto de partida. Contudo, a idade adulta é o ponto de chegada, o ponto em que algo se completa, é o fim do jogo.

*Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão*

Segundo Rosário (2001), o ser adulto é um ser incompleto e domesticado, não é capaz de perceber o que o sistema gera, burlando com o lúdico quando dá doses de divertimentos, nos fins de semana e feriados, quando isso acontece, pois às vezes é necessário trabalhar nos fins de semana, para não comprometer a profissão e o futuro.

Rosário (2001) compara a vida e o passar dos anos com um jogo. Para o autor, os jovens quando passam para idade adulta modificarão suas expectativas de acordo com os paradigmas formados para sua nova fase. O autor caracteriza essa fase como um período de muitas angústias e ameaças:

Domesticados pelos outros e por si próprios, aceitando rotinas, a maioria dos adultos foi progressivamente trocando a corrida da juventude por um andar pausado e sente angústia perante a ameaça de que os novos tempos os forcem a correr novamente e a mudarem a direção da corrida para zonas desconhecidas (p. 157).

A angústia dos adultos se reflete em todas as áreas de suas vidas, estão domesticados internamente e externamente. Para o autor, as pessoas adultas estão conformadas, não querem mudar de direção, seja no lazer ou no trabalho, a angústia é tão grande que o pausar e o se ajustar promovem uma possível certeza, uma tranqüilidade inconsciente que lhes permitem continuar a viver sem grandes transformações.

Alves (1987) na década de 70, em meio a fatos históricos, decepciona-se com o ser humano adulto e com a opressão que eles exerciam sobre as crianças, o que permanece até hoje. O autor falava da rebeldia dos jovens (através do movimento hippie...), e como o sistema controla e determina os valores. Já Rosário (2001) fala desses jovens adultos, no início do século XXI, jovens que talvez não se rebelem fazendo um novo movimento como na década de 70, mas, jovens angustiados pelo que a vida adulta apresenta ser, muitas vezes se rebelando, não com um novo discurso, mas com muita violência.

Relacionamos toda essa angústia de mudanças de fases, com a frase da escritora Adélia Prado, entendemos o porque ela enxergava a idade adulta como uma doença: “Meu Deus, me dá cinco anos, me dá a mão, me cura de ser grande...” (apud ALVES, 1999, p. 196). Alves, em concordância com a escritora afirma que: “Para se curar adultite é preciso tomar chá de infância, virar criança de novo...” (1999 p. 196).

O autor afirma que tudo se deve à estrutura do sistema e que o ser humano é apenas mais uma função desse esquema. O sistema determina a lei; ditando as normas a serem seguidas, fornecendo os estímulos de acordo com o seu próprio interesse. Em conseqüência disso, os adultos respondem adequadamente, se acomodando, como vítimas da situação. Muitas vezes se revoltam, buscando a direção da violência; em outras, se angustiam e se conformam. Mas, ainda em outras vezes, conseguem viver muito bem de forma prazerosa, do lazer ao trabalho, sendo permeados pela manifestação do lúdico. São pessoas que quando não estão realmente satisfeitas com as suas vidas, lutam para melhorar as suas condições, são atuantes nos planos cultural, social e político. Não saberia dizer se

o lúdico é a fonte inspiradora e renovadora para a resolução dos problemas de uma sociedade e conscientização do ser, mas é um caminho que proporciona a alegria e pode fazer do ser humano um sujeito que toma uma posição ativa no mundo, através da participação cultural.

Quando o autor fala das respostas adequadas, afirma que não é o sistema que deve julgar ou medir o ser humano, e sim que a própria pessoa é que deve agir e reagir de acordo com o que sente e o que deseja. O autor propõe a imaginação como fonte de respostas e o retorno ao ritmo cultural do corpo, que foi atingido pela racionalidade e a eficiência. (ALVES, 1999).

*Bola de meia, bola de gude
O solitário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão.*

Interrompendo o ritmo natural do corpo e passando a intervir com o ritmo estabelecido pelo sistema, os fundamentos da nossa civilização passam a ser a racionalidade e a eficiência. Não existe outro jeito de abarcar o significado da vida e de descobrir em que consiste e como deve agir o ser humano, se não retornar ao verdadeiro ritmo natural do corpo (ALVES, 1987).

Moreira (2003) faz uma discussão sobre os tipos de corpos. Ele aponta o corpo *objeto burro – corpo alienado*, afirmando que chegamos a esse corpo pela exacerbação da racionalidade: “Pode-se afirmar que a exacerbação da racionalidade, muito presente no modelo de sustentação de nosso processo de desenvolvimento, coopera para a formação desse corpo burro e alienado” (2003 p. 86).

Contribui para essa questão a alienação provocada pelo trabalho. Com o advento da industrialização, o trabalhador não se encontrava mais com o produto final de seu trabalho. Marcellino (2004) aponta que essa alienação advinda do trabalho se reflete em todas as esferas de atuação do ser humano, inclusive no lazer.

Moreira (2003), em defesa do lazer, brinca, quando fala dos dias da semana: seis dias de trabalho e apenas um que, na visão religiosa, é para

adoração a Deus, ou seja, culturalmente nenhum dia é dedicado ao lazer, o que pode gerar um sentimento de culpa quando não há trabalho.

Para a corporeidade do adulto esse sentimento é muito claro, pois, o não trabalho é inaceitável para muitos deles. A prioridade é o trabalho, reduzindo o desenvolvimento de sua corporeidade como um todo, sabemos que o trabalho tem grande importância, porém, para experimentar a corporeidade por inteiro, é fundamental declarar e vivenciar o lazer, sem hierarquizar as necessidades, pois segundo Moraes: “Somos um corpo como forma de presença no mundo, e isso diz tudo” (2003 p.81). O nosso corpo tem desejos do trabalho ao prazer, por isso devemos valorizar todas as expressões.

Entendemos a corporeidade como um fenômeno que pensa o corpo de forma complexa e ampla. Um corpo em movimento, que age na prática esportiva, na dança, na recreação, enfim, em todas as suas possibilidades de ações existentes voltadas para os movimentos. Quando o corpo se movimenta, carrega com ele toda a objetividade e subjetividade da corporeidade em busca de seu objeto.

É uma necessidade de nossa corporeidade viver o lazer (MOREIRA, 2003). A corporeidade intrínseca ao ser humano tem um sentimento de igualdade, em relação as suas necessidades, do lazer ao trabalho, do trabalho ao ócio, do caráter de desenvolvimento do lazer a suas características marcantes de divertimento e descanso.

Logo, Moreira (2003) afirma que:

Da mesma forma que posso ser valorizado por minha produção, devo ser respeitado por meus momentos de nada fazer, de escolher ouvir um jazz, de ir ao teatro ou ao cinema sem peso na consciência, de ler um livro em um dia frio (como na música de Djavan), (...), olhando um belo pôr-do-sol ou estar lá pelo simples prazer do momento, ou mesmo algo menos sofisticado, em minha própria casa, na companhia de meus familiares e das pessoas que amo, não necessitando justificar nada a não ser o direito imperioso do lazer, elemento constitutivo do viver bem e em abundância (p. 89).

O lúdico na vida adulta também pode ser retratado dessa forma; pelo nada fazer, ou por ouvir uma música, ir ao teatro ou cinema, ler um livro, não pela

obrigação, mas sim pelo prazer da leitura, olhar o pôr-do-sol, estar em casa com quem se gosta. Todos esses itens são partes dos conteúdos culturais do lazer e formas de como o lúdico pode se manifestar para os adultos.

Da citação de Moreira (2003) podemos depreender vários conteúdos⁸ do lazer, nos diferentes gêneros⁹ e ainda a possibilidade de alcançar a vivência do lazer nos níveis¹⁰ crítico e criativo, buscando questionar os valores estabelecidos. Assim, é preciso considerar o lazer como “elemento do viver bem e em abundância” e também para que seja prazeroso para o adulto e não penoso.

Um dos grandes prazeres da idade adulta são as realizações e desejos alcançados. Para um grande número de pessoas, essa fase da vida, é uma fase de decisões, de erros e acertos, que marcam a vida do ser humano em toda a sua trajetória; é a fase de decidir uma profissão, ainda sem ter a certeza se é realmente isso com que se quer trabalhar por uma vida inteira; é poder dirigir um carro, talvez casar, ter filhos; entre tantas outras coisas prazerosas que a vida de um adulto pode ter; muitas vezes a autonomia financeira, sentir o sabor de ver o resultado do trabalho reconhecido. É a fase da participação política ativa; pelo voto da maioria de adultos decide-se quem vai dirigir o país. É a busca incessante pelas realizações pessoais.

Recorrendo ao título deste subitem: “A faixa etária adulta: da incerteza e alegria da infância para a angústia e os prazeres da idade adulta”, queremos deixar claro que a infância não é só alegria e angústia, assim como a idade adulta não é feita só de prazeres. O importante é o significado das vivências que experimentamos desde crianças até nos tornarmos adultos; vivências que contribuam para a construção cultural e para experimentação do lazer em todas as fases da vida.

⁸ Segundo Dumazedier, (1980b) os conteúdos do lazer são divididos por interesses: os artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, e os sociais. Camargo, (1979), acrescenta os interesses turísticos.

⁹ Em relação aos gêneros, Dumazedier (1980a) faz a seguinte classificação: prática, o conhecimento e a assistência propiciada pelo consumo a um espetáculo.

¹⁰ Os níveis podem ser classificados como elementar, caracterizado pelo conformismo; médio caracterizado pela criticidade e superior ou inventivo, caracterizado pela criatividade (DUMAZEDIER, 1980a).

1.2 – O LÚDICO E O SEU “FURTO” NA VIDA ADULTA: VOLTAR À INFÂNCIA QUE REPRESENTA A BRINCADEIRA PODENDO RECUPERAR A CAPACIDADE DO RISO DE QUEM BRINCA.

E a gente canta, e a gente dança, e a gente não se cansa, de ser criança, da gente brincar, da nossa velha infância.¹¹

Ariés (1976) contribuiu para os estudos dos jogos e brincadeiras fazendo um histórico da sua origem e sobre a relação de adultos e crianças nas manifestações do brincar. O autor parte de um diário, escrito por um médico no século XVII e de observações e contribuições de material iconográfico.

No início do século XVII não existia uma separação brusca entre as brincadeiras e os jogos de crianças e adultos, como acontece hoje. Na sociedade antiga, o trabalho não era a principal preocupação e não ocupava grande parte do tempo das pessoas (ARIÉS, 1976).

O autor relata algumas atividades tipo, cata-vento, cavalo de pau, algumas vezes até bonecas; questiona se essas atividades sempre foram de crianças pequenas ou se não teriam pertencido ao mundo adulto. Algumas dessas brincadeiras surgiram da emulação das crianças, ou seja, fazer com que elas imitassem o mundo dos grandes, incitá-las a serem adultas em sua infância. O exemplo apontado por ele, é o cavalo de pau, numa época em que o cavalo era o principal meio de transporte. Este tipo de emulação está presente nos dias de hoje, onde as crianças desejam, ou são levadas a parecer-se cada vez mais com os adultos. Numa perspectiva atual, um exemplo disso é a relação dos acessórios que as pessoas adultas consomem e que as crianças passam a consumir também. O aparelho celular ganha cada vez mais o mercado infantil com características de desenho animado; ou o lap top (computador) da boneca barbie ou da Xuxa. O que para o adulto é um instrumento de trabalho, para a criança é um objeto para brincar.

¹¹ Música **Velha Infância**, composição: Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown, disponível em cd, álbum os Tribalistas.

Essa relação acontece pelo fato de as crianças muitas vezes serem vistas como adultos em miniaturas, sendo consideradas como futuros adultos (SOUZA, 1999).

A partir do fim da Idade Média a infância era o depósito dos costumes, entre eles, os jogos e brincadeiras abandonados pela faixa etária adulta. Da Idade Média até o século XVIII, era comum a representação de jogos e brincadeiras nos quadros. Ariés (1976) percebe que adultos e crianças, (a partir dos sete anos de idade), participavam das mesmas brincadeiras.

As crianças brincavam as brincadeiras dos adultos, elas também podiam participar dos jogos de azar, desde que tivessem capacidade para entender o jogo. Não eram recriminadas em nenhuma brincadeira. O inverso também ocorria com os adultos, que participavam de jogos infantis.

O autor ilustra esse dado com uma tapeçaria onde somente os adultos aparecem brincando em uma tela, no próprio espaço de trabalho. Os filhos brincavam com suas mães e, nas brincadeiras, adultos de todas as idades e diferentes profissões participavam.

Os jogos e as festas eram os principais meios de socialização, que incentivavam a coletividade das pessoas; *era a época da valorização do lúdico*. Com a passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna e o advento do capitalismo as coisas mudaram. O trabalho passou a ser o atrativo principal e obrigatório para a pessoa de idade adulta. Acreditamos que esses fatos impulsionaram *o furto do lúdico na vida adulta*, onde o consumo e a produção, tendo como base o trabalho, passam a ser primordiais.

Marcellino (2005) apresenta a ruptura do lazer e trabalho, com a consolidação da industrialização, como um dos motivos que conduz a uma variação no entendimento do lúdico. A sociedade, dessa forma, passa a valorizar somente uma das esferas de atuação humana, a esfera do trabalho.

Posto que, ainda não exista um consenso dos autores em relação a esse acontecimento, a maioria dos estudiosos se debruça sobre essa possibilidade.

Huizinga (1986) também apresenta a perda do elemento lúdico da cultura, em meados do século XVIII.

O que pode acontecer atualmente, é que o divertimento do lúdico, historicamente situado como manifestação da cultura, através dos jogos, brinquedos, brincadeiras e até as festas, não é mais evidenciado, mas o que se manifesta é um divertimento controlado e dentro das leis do mercado, que envolvem a produção e principalmente o consumo.

Como falamos no subitem anterior, existe a possibilidade de que o lúdico se manifeste através dos conteúdos culturais do lazer, não mais de uma forma restrita a jogos e brincadeiras infantis.

Mesmo para Huizinga (1986), (autor clássico), que aponta o jogo como elemento da cultura, o **lúdico** é algo que pode ser facilmente descartável para a faixa etária adulta. O autor afirma que:

Seja como for, para o indivíduo adulto e responsável o jogo é uma função que facilmente poderia ser dispensada, é algo supérfluo. Só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade. É possível, em qualquer momento, adiar ou suspender o jogo. Jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas “horas de ócio”. Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual (p.10-11).

Como o jogo pode ser descartável para o adulto se é a base da cultura? A construção da cultura não é algo exclusivo das crianças, os adultos também constroem cultura e necessitam de prazer, claro que não só os prazeres dos jogos e brincadeiras, mas esses também são essenciais, assim como outras necessidades. Concordamos que o jogo pode ser suspenso em qualquer momento, mas não abolido ou não ter nenhuma importância para os adultos. O jogo não é uma tarefa, podendo sim, ser praticado no espaço do lazer, não é obrigação e nem dever, mas é uma necessidade de se obter mais prazer. Se Huizinga, no século passado, faz essa relação, o que se diria do lúdico para a faixa etária adulta nos dias de hoje?

O lúdico, por suas características tais como, a liberdade, evasão da vida real, desinteresse, alegria, tensão, movimento, entusiasmo, entre outras (HUIZINGA, 1986) é visto como algo inútil para o adulto, já que é associado historicamente às crianças.

Camargo (1998) detecta quatro preconceitos existentes sobre o lúdico, que são pertinentes em relação à vida de uma pessoa adulta. São eles:

- 1º - *Diversão é preocupação de ricos;*
- 2º - *O trabalho é mais importante do que o lúdico;*
- 3º - *A diversão atrapalha o trabalho, dever;*
- 4º - *Trabalhar é difícil, divertir-se é fácil.*

Em relação ao primeiro preconceito, o autor relata que as pessoas entendem o lúdico apenas como sinônimo de diversão e ainda uma diversão prioritariamente dos mais abastados, ficando em último plano para os indivíduos de uma classe social desfavorecida. Esse preconceito, no nosso olhar, revela-se no seguinte sentido: como é possível se divertir se os indivíduos desta classe não têm ao menos as necessidades básicas atendidas? Esquece-se de que a diversão é uma necessidade humana, independentemente de classe social e situação econômica. Nesse sentido, uma política de lazer, vista não de maneira isolada, mas em conjunto com outras ações, pode contribuir para quebra deste preconceito.

O segundo preconceito, apresentado pelo autor, é fato, pois é histórico e cultural; principalmente durante a idade adulta, em que geralmente as pessoas dedicam este período exclusivamente para o trabalho, que acaba se tornando mais importante do que qualquer outra esfera de atuação. O autor afirma que: “[...] o traço lúdico passa a ser importante por si mesmo na personalidade dos indivíduos” (1998 p. 18). O lúdico é importante, porém, muitas vezes é instrumentalizado, ou seja, é uma ferramenta para atingir outros objetivos, e não significa coisa alguma para quem o está vivenciando.

O terceiro preconceito, segundo o autor, encara o lúdico como divertimento vazio, pois não comportaria a seriedade; seu retrato é diminuído à simples

diversão. As pessoas não enxergam o lúdico como componente fundante de cultura, e o restringem ao brincar e jogar, e preconceituosamente acham que essas atividades são desnecessárias. O componente lúdico perde o seu caráter subjetivo e é reduzido apenas a uma de suas representações.

Já no quarto preconceito, o autor afirma que as pessoas acreditam que a diversão é algo fácil, e sabemos que não é isso que acontece. O autor exemplifica essas relações, através de pessoas que buscam diversões caríssimas para encontrar prazer e muitas vezes não suprem suas expectativas. Dessa forma, o divertir-se é tão complexo quanto o trabalho, e ambos dependem de vários fatores.

Nesses preconceitos revelam-se razões que contribuem para afastar o ser humano de idade adulta do componente lúdico da cultura.

Ainda que não abordemos o jogo como uma única manifestação lúdica, não poderíamos deixar de apresentar a sua ligação com o ser humano. Alves (1987) afirma que:

No jogo, no brinquedo o homem encontra um sentido e, portanto, a diversão, precisamente por suspender as regras do jogo, da realidade, que o torna sério e tenso. A realidade produz enfermidades: úlceras e depressões nervosas. O jogo, contudo, cria uma ordem a partir da imaginação e, por conseguinte, a partir da liberdade. Como ocorre com a magia, aqui também a imaginação se faz carne - torna o possível o impossível. No jogo o homem afirma um segredo, segredo este que as regras do princípio da realidade declaram ser pura falta de sentido (p.101,102).

Somente no jogo temos a capacidade de vivenciar o impossível, mesmo que na realidade seja loucura, ou algo assim. No jogo tudo é válido e é somente o jogo que tem a magia de permitir um sorriso em meio à dor. No jogo é possível encontrar sentido e diversão.

Alves (1987) ainda afirma que: “O jogo não consiste num meio para um determinado fim. Ele proporciona prazer, e é o que basta” (p.102).

Poderíamos apresentar aqui vários motivos que justificam a presença do jogo na vida adulta, mas o foco principal se debruça sobre a presença do lúdico,

ou seja, de todas as suas representações e sua importância para a faixa etária adulta.

Baudrillard (2000) se dirige ao tema da sedução e através dele alcança o lúdico. O universo lúdico, para o autor, se caracteriza como um jogo do que pode ou não acontecer, onde tudo é possível simular. O jogo está submetido a regras, não deve ser abandonado, ele cria uma obrigação e um desafio ao mesmo tempo, não existe possibilidade de negá-lo, e isso o diferencia do real, fazendo dele algo simbólico. O autor envolve num mesmo sentido o lúdico e o jogo. Para ele o lúdico está em tudo, inclusive numa escolha que o ser humano tenha que fazer para sua vida. O jogo tornou-se uma função vital, é inserido no princípio do prazer, é uma alternativa de renovações políticas, morais e sociais.

Dessa forma, é necessário o lúdico na vida adulta, não instrumentalizado como meio de fuga da realidade, mas como componente da cultura, com significado; se ele fizer parte da realidade adulta, se ele puder estar presente, a realidade não será tão dura e produzirá menos enfermidades, e ainda dará prazer.

Segundo Alves (1987), através do jogo / lúdico é possível acreditar em outras possibilidades, pois o jogo lança o olhar na direção de um futuro, desperta a esperança para a liberdade. Através dele pode nascer a utopia, a possibilidade de libertação do “cativeiro” da vida humana. Não podemos negar os prazeres que a vida adulta nos traz, como também, não podemos negar que vivemos no cativeiro da produção e do consumo; o jogo, ou qualquer manifestação do lúdico, através dos conteúdos culturais do lazer, permite uma vivência fora desse cativeiro.

Num de seus poemas, o autor fala da esperança que ele tem num mundo diferente, do qual ele não vai fazer parte: “E os grandes pararão o seu trabalho para fazer lugar para o brinquedo das crianças...” (1987 p.21).

Essa é também nossa esperança, com uma visão utópica trazemos esperança nas palavras, entendendo a utopia como:

[...] uma possibilidade que, às vezes, pode dar certo. Menos ainda, jamais falo da utopia como refúgio dos que não atuam ou [como] inalcançável pronúncia de quem apenas devaneia. Falo da utopia,

pelo contrário, como necessidade fundamental do ser humano (FREIRE, 2001, p. 85).

Por acreditar que o lúdico é uma necessidade humana, acreditamos também que é utópico o resgate do lúdico na vida adulta. Entendendo utopia, assim como Freire: esperança, sonho, trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades. O que possibilita que o lúdico renasça na vida adulta é o campo do lazer. E ainda:

Todo amanhã, porém, sobre que se pensa e para cuja realização se luta, implica necessariamente sonho e utopia. Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização (FREIRE, 2001, p. 85).

Falamos da utopia como possibilidade de ver os acontecimentos se concretizarem através de sinais manifestados no presente.

E ainda, enxergando o lúdico como uma possibilidade utópica, é importante lembrar que quando escapamos da realidade e viajamos no imaginário, cria-se a cultura, segundo Freire (2002), no jogo, portanto, no lúdico:

Há uma imensa sobra de energia que precisa ser gasta, mas não porque está sobrando, mas porque precisa ser transformada na matéria mais importante de nossa existência: a cultura humana. Ora, se quando escapamos a realidade produzimos cultura, sem dúvida alguma essa cultura é sempre produzida na atividade lúdica (p. 29).

Dessa forma, o lúdico na representação do jogo é, além de alegria, espaço privilegiado para construir cultura.

Para Freire (2002), o jogo na vida adulta fica à espera, na espreita, esperando o momento certo de retomar seu espaço. O autor afirma que: “Hoje, de posse da racionalidade que não possuíamos como crianças, podemos fazer também das lembranças de nossa infância um jogo” (p.11).

Nem sempre é possível estar em jogo, mas a lembrança viva da infância é importante, para que essa racionalidade não domine por completo a vida, e para que o adulto não ceda à alienação.

Para Huizinga (1986), o jogo é uma função significativa, tem sentido, transcende necessidades e emite sentido à ação do jogador. Sua característica primordial é a fascinação, seguida da intensidade e da excitação. O autor afirma que a relação da cultura e do jogo se dá pelo fato de o jogo ser uma das principais bases da civilização, ele tem uma função cultural.

Dessa perspectiva, entendemos cultura como um:

[...] conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar, que, produzidos socialmente envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve. Implica, assim, no reconhecimento de que a atividade do homem está vinculada à construção de significados que dão sentido a sua existência. A análise de cultura, pois, não pode ficar restrita ao “produto” da atividade humana, mas tem que considerar também “o processo dessa produção” – o modo como esse produto é socialmente elaborado (MACEDO, 1982, p. 35).

A cultura é compreendida, portanto como uma construção de significados, que direcionam a vida social do ser humano, e essa construção pode ser alcançada durante a manifestação do lúdico (MARCELLINO, 2004).

Nesse sentido Marcellino (2004), destaca a inserção da manifestação do lúdico no campo do lazer, com a possibilidade de separar um tempo para essa prática, validando os aspectos tempo e atitude voluntária, na caracterização do lazer.

Huizinga (1986), também caracteriza o jogo como atividade livre, que é capaz de absorver o jogador como um todo, porém exclui o adulto dessa relação, quando afirma que o jogo é algo descartável para a pessoa adulta, dando também ênfase ao preconceito e à distância do componente lúdico em relação à faixa etária adulta.

Para além de Huizinga (1986), Pinto (2004) apresenta a alegria e a liberdade como alicerce para construção da experiência lúdica. Para a autora, estes componentes traduzem todo um processo de humanização

cidadã, ou seja, através do lúdico as pessoas se humanizam e transcendem alcançando a cidadania, isso é válido tanto para crianças, quanto para os adultos.

O campo do lazer, como espaço privilegiado para manifestação lúdica, pode ser espaço de exercício para a cidadania. Dessa forma entendemos que o lúdico se dá de várias perspectivas, de acordo com as diferentes áreas de atuação: Filosofia, Ciências Humanas, Folclore, etc. (MARCELLINO, 2005).

Marcellino (2005), na tentativa de conceituar o lúdico, recorre a psicólogos, sociólogos e fala da experiência interessante e pouco esclarecedora de se procurar uma definição de lúdico. Dessa forma prefere partir de: “[...] uma abordagem do lúdico não em si mesmo, ou de forma isolada nessa ou naquela atividade (brinquedo, festa, jogo, brincadeira, etc), mas como um componente da cultura historicamente situada” (p.28).

O entendimento de lúdico neste estudo também se remete a isto, destacando as diferentes relações que crianças e adultos fazem destas manifestações.

Sendo o lúdico base da cultura, é essencial sua vivência, seu experimento diário, podendo ser vivenciados no lazer (espaço privilegiado) valores que nem sempre o adulto consegue vivenciar no seu cotidiano, realçando sua importância cultural, como elemento fundante da cultura, de uma perspectiva antropológica (HUIZINGA, 1986) ou psicanalítica (WINICOTT, 1975).

É necessário romper as barreiras que identificam o lúdico com a criança e afastam o adulto do mesmo. Para isso o adulto precisa resgatar sua infância, sem descaracterizar sua faixa etária a fim de se permitir desfrutar dos conteúdos culturais do lazer, de acordo com seu tempo e com atitudes favoráveis.

Com uma visão crítica em relação à vida adulta, Alves (2000) aponta que o adulto é infeliz porque nega sua infância. O adulto não deve negar a sua infância só porque se tornou um adulto. Não pode crescer e enterrar a sua criança. O

período da infância é tempo de brincadeira e a vida adulta é tempo de trabalho, mas isso não quer dizer que a brincadeira não possa fazer parte da sua vida. É possível ser grande, sem negar a criança, sem abandonar a infância.

Alves (2003) afirma que os adultos sentem saudades da infância. A saudade representa a ausência que faz transbordar as lembranças. Não podemos voltar no tempo e viver de forma saudosista. Alberto Caeiro (apud ALVES, 2003) diz que “mesmo se ele morresse novo, não teria sido outro a não ser uma criança”. Ser criança para o poeta é a melhor fase da vida.

Diante dessas considerações, não desejamos ser extremistas e apontar os sentimentos de infância¹² como salvação para a humanidade com uma visão isolada, mas ter em vista as relações que interligam essas faixas etárias.

Pelos sentimentos que o brincar provoca, os adultos guardam secretamente a lembrança de quando eram crianças. Dessa lembrança brota o desejo de voltar à infância. Mesmo que algumas vezes a infância não tenha sido tão boa, o ser humano tem a idéia de preservar o que foi benéfico e lembrar-se disso; por isso esse desejo de voltar àquilo que lhe fez bem; isso não quer dizer que a vida de adulto também não seja boa.

Com seu trabalho, o adulto adquire uma liberdade financeira que lhe traz coisas boas, um consumo que pode ser saudável. Ele pode se realizar profissionalmente e afetivamente, tendo a criança dentro de si viva.

Alves (2003) fala da brincadeira e das pessoas grandes:

Brincar é a coisa mais gostosa. Algumas pessoas grandes têm vergonha de brincar; acham que brincar é coisa de criança. O resultado é que elas ficam sérias, preocupadas, ranzinhas, amargas, implicantas, chatas, impacientes. Perdem a capacidade de rir e ninguém gosta da sua companhia. Quem brinca não fica velho. Pode ficar velho por fora, como eu. Mas por dentro continua criança como eu... (p. 105).

¹² Não consideramos salvação nem os sentimentos de paparicação e nem de moralização (ARIÉS, 1976).

Para as crianças o brincar é cultural e pode até mesmo ser natural; é tão ou mais importante que qualquer outra coisa. Já para o adulto, tal atividade pode causar-lhe receio, pois a história apresenta a brincadeira apenas como atividade infantil. A questão, de acordo com o autor, é que quando o adulto brinca, ele dá liberdade a sua imaginação que está presa na racionalidade, e não se recorda da infância. Alves (1987) afirma que as crianças quando brincam declaram uma sabedoria ainda livre dessa prisão. Reportamo-nos novamente ao autor, que expõe:

Não há como negar que a lógica do brinquedo implica numa negação radical da lógica dominante em nossa moderna sociedade de adulto, sociedade que aceita como dogma central a assertiva de que o homem deve ser justificado pela sua produção (p.97).

Apoiando o brinquedo, o adulto vai na direção contrária à do sistema, ele muda radicalmente, pode ser valorizado não pela sua produção, mas por aquilo que realmente é, que significa como ser humano. O problema é que estamos situados numa sociedade em que as pessoas devem se justificar por aquilo que produzem e consomem. O grau de felicidade é medido por esses índices.

Retomo Padilha (2004) que acredita que existam alternativas, mas afirma que é incontestável que o sistema capitalista domina integralmente a vida das pessoas. Para a autora, essa lógica explora e aliena o ser humano, excitando-o por meio da indústria cultural para o consumo e a transformação da cultura em mercadoria.

O papel da indústria cultural é persuadir as pessoas a consumirem uma cultura pronta sem valores e símbolos; a cultura perde seu significado e o adulto se torna mais alienado e continua a ser marionete na lógica dominante.

Dessa perspectiva, Perrotti (1982), em relação ao lúdico dentro deste sistema, afirma que:

À racionalidade interessa somente o tempo de produção, o tempo destacável, fragmentado, mercantilizável/mercantilizado. A racionalidade capitalista despreza completamente o tempo dos homens. Tempo total, integral, simultâneo, passado-presente-futuro fundidos em instantes de plenitude. A racionalidade do sistema produtivo torna o lúdico inviável, pois o tempo do lúdico não é regulável, mensurável, objetivável. Toda tentativa de subordiná-lo ao tempo da produção provoca sua morte. Por isso ele é banido da vida cotidiana do adulto e permitido nas esferas discriminadas improdutivas. O lúdico, dentro do mecanismo do sistema, é a sua negação. Em seu lugar permite-se o lazer, o não trabalho, coisa totalmente diferente do lúdico, que é jogo, a brincadeira, a criação contínua, ininterrupta, intrínseca a produção (p.20).

Encontramos aqui o furto do lúdico na vida do adulto, devido ao sistema capitalista que visa à produção. O autor vê uma impossibilidade de vivência do lúdico na vida adulta e com uma visão equivocada do lazer, (pois não percebe que o campo do lazer pode ser um espaço privilegiado para vivenciar o lúdico), acaba acreditando que o lúdico não se manifesta numa sociedade como esta e entende o lazer apenas como não trabalho.

Marcellino (2004) afirma que o lazer na sociedade moderna é marcado por fortes componentes de produtividade. É valorizado o produto e não o processo de sua vivência. Ainda que o lazer seja uma conquista da classe trabalhadora, acaba sendo sempre adiado para as férias, fins de semana e até mesmo para a aposentadoria.

Essas observações em relação ao furto do lúdico na vida adulta e a visão equivocada de lazer, precisam ser levadas em conta para que ocorra uma mudança, de simples produto para inclusão do processo.

Dessa forma, o lazer é entendido aqui como manifestação humana, que envolve sentido e significado das vivências, como busca de superação.

Ainda nessa linha de discussão, Perrotti (1982) afirma que o tempo do lúdico jamais será o tempo da produção capitalista:

Ora, o tempo do lúdico não pode ser jamais o da produção capitalista. Daí o lúdico identificar-se com a criança, já que ela não está apta para o sistema de produção em virtude de o espírito de racionalidade não ter conseguido ainda domá-la. Com o tempo, ela trocará seus sonhos, seu tempo, pelos privilégios parcos oferecidos pelo sistema; premida pelas exigências, ela sucumbirá à racionalidade (p.20).

O autor relaciona o espírito da racionalidade com o mundo adulto, como se esse espírito o domasse, sendo culpado por o tempo do lúdico não ser vivenciado para essa faixa etária. Ele expõe que para o sistema a criança é vista como um ser que ainda não foi atingida por esse espírito, podendo vivenciar o lúdico. Porém, quando chegar a vida de adulto, também sucumbirá a isso, trocará seus sonhos e seu tempo pelos 'privilégios' deste sistema.

Não podemos prever até quando durará a lógica desse sistema, contudo, não podemos ficar estáticos e passivos diante dela, sem tentar dinamizá-la e transformá-la. A vivência do lazer, ainda que nos moldes desse sistema, com a presença do lúdico, é fonte de possibilidades revolucionárias.

Do nosso ponto de vista, o ajuste exacerbado do adulto à lógica do sistema paralisa a sua capacidade de simbolismo. Acreditamos que a capacidade do simbólico pode aproximar novamente o adulto do lúdico (se é que estão distantes). Tanto a criança como o adulto, possuem a capacidade de simbolização, de imaginação e fantasia e isso os aproxima do lúdico, como componente da cultura; resta saber se para os adultos essa racionalidade dominante lhes interessa realmente ou se lhes faz mal, para que assim possam, eles mesmos, os adultos, fazer renascer o componente lúdico, ainda que o sistema seja uma barreira.

Segundo Alves (1987):

Nossa sociedade dominada que está pelo dogma da produtividade é um túmulo da criança e, por conseguinte, fim do brincar, já que a expansão das coisas produzidas e consumidas depende da repressão da energia humana dirigida à alegria. Desta forma, o brincar implica numa crítica radical à tal sociedade, e ainda numa subversão de seus valores (p.98).

Para o autor a sociedade mata a criança, enterra a brincadeira e reprime a alegria. Assim a brincadeira não se justifica, porque não produz objeto algum; o brincar representaria um ato revolucionário no sistema.

Nesse contexto é preciso enxergar a brincadeira pela ótica do prazer e da alegria, e não mais olhar o mundo pela lente da lógica do sistema de produção e consumo.

O resultado desse pensamento é a seriedade, mas na vertente da siseudez, da amargura, da chatice, entre outros elementos. As pessoas grandes se distanciam da capacidade do rir e acabam por ficar sozinhas. A brincadeira tem a capacidade suprema, de produzir o riso e a alegria, é uma atividade não produtiva, historicamente típica das crianças; o prazer e a alegria são o princípio da infância (ALVES, 2003). E o brinquedo segue na mesma linha: “É isto o que o brinquedo é: um fim em si mesmo, uma proposta de alegria – ele proporciona prazer”. (ALVES, 1987, p.96).

Os adultos abandonaram a brincadeira, por isso perderam a alegria, abandonando assim o lúdico, que tem na brincadeira uma de suas manifestações. Esse esquecimento, provocado coagidamente, ou não, pelo sistema, dirige os adultos a brincarem de comprar; alguns acham que podem comprar tudo, e até podem, menos a capacidade que o brincar tem em gerar alegria. Assim como a idéia de divertimento que Pascal (1961) apresenta, quando fala do rei que está rodeado de pessoas tentando diverti-lo e impedindo-o de pensar em si mesmo: “porque quando pensa em si é infeliz, por mais rei que seja”. É dessa forma que o sistema burla com os adultos, quando tenta diverti-los através do lazer consumo, sem possibilidades de criar e criticar, ou seja, sem reflexão alguma. Acreditamos que o consumo é um “mal-necessário” e pode ser desfrutado de uma maneira mais consciente.

Essa capacidade, de rir e de se alegrar, presente na brincadeira, pode ser comprada de modo compensatório e ou mercadológico, por um fim de semana de esporte de aventura, por um fim semana de pescaria, ou por dias de jogos e brincadeiras, oferecidos pelos programas de governo, que, na maioria das vezes,

não têm um planejamento. E assim a sociedade conformista e passiva caminha dia a dia, cumprindo seu papel e esperando os dias passarem para, no fim-de-semana, no feriado, na chamada terceira idade ou quem sabe até depois do expediente de trabalho, poder comprar, sim comprar, mais uma vez uma porção de alegria. Não podemos generalizar, pois existem os seres humanos que batalham por uma vida com mais qualidade e através do lazer consumo alcançam níveis críticos e criativos.¹³

Segundo Alves (2000), o que foi ensinado ao adulto, fez com que ele se fechasse numa racionalidade exacerbada. Para isso mudar, é necessário esquecer tudo o que foi aprendido, e olhar o mundo com um novo olhar. O aprendido, de acordo com o autor, castrou os adultos, que tão envolvidos no sistema de produção, esqueceram de sorrir, esqueceram de brincar, esqueceram da sua criança.

Sabemos que é impossível voltar a ser criança e não é esse o objetivo do estudo, mas é possível resgatar o sentimento de infância, recuperando sua alegria, através do lúdico. Assim o lúdico pode ser um dos caminhos para o adulto encontrar-se com a lembrança da infância, não somente pelas manifestações do jogo, do brinquedo e da brincadeira, mas, além disso, pelo canal do lazer e seus conteúdos culturais.

Repetimos que não é nosso desejo criticar ou penalizar a faixa etária adulta, mas mostrar-lhes que a finalidade do ser adulto não se resume em trabalho, rendimento, produção e consumo, mas que o lúdico e o lazer também fazem parte da vida do adulto, tanto quanto o trabalho. É possível que o adulto, permita que a sua criança continue a brincar?

Se quando uma criança cresce, se torna adulto e esquece de sua infância; pode perder o sentimento do que é ser uma criança; as coisas pequenas e belas perdem a importância. Alves (1987) valoriza a criança sem descartar o adulto, ou seja, o adulto é importante desde que não deixe de brincar, não perca o seu sentimento infantil.

¹³ Item que será discutido no tópico 1.3.

Não se pode resgatar a infância, na direção do saudosismo, romantismo e muito menos pelo moralismo. Entretanto, vivenciando momentos lúdicos, é possível como pessoas adultas, através dos jogos e brincadeiras e dos conteúdos culturais do lazer; sentir a presença da infância, dando vida à criança que cada um carrega e ainda poder ser um adulto melhor.

Entendemos que o furto do lúdico na vida adulta se dá pela desvalorização que o sistema faz do adulto como pessoa significativa, valorizando apenas a sua força de trabalho. E ainda, pela falta de educação para e pelo lazer dos adultos, e pelo fato de eles se esquecerem de que um dia também foram crianças.

Em relação ao resgate da infância do adulto, Marcellino (2005) afirma que:

Freqüentemente os adultos sentem a necessidade de retorno a uma espécie de felicidade infantil, a uma época de suas vidas onde a razão e a emoção, o corpo e a alma, o lúdico e a vida não se encontravam separados. É um certo tipo de nostalgia reconfortante, cujo apelo, de modo invariável, acaba no mundo do brinquedo, do jogo, da brincadeira – do lúdico (p.73).

Os adultos sentem a necessidade de um certo retorno a infância, e essa nostalgia que renova para que continuem na luta. É necessário que saibam que nas atividades de lazer é possível unir esses elementos novamente. O adulto deseja reencontrar sua infância, entretanto, não valoriza as crianças, os seus valores e a sua cultura, pois é na infância que tudo se mistura, a vida real é associada a brincadeira constantemente.

As possibilidades de vivência do componente lúdico da cultura na vida adulta são restritas principalmente pela falta de tempo para dedicar-se a essa manifestação, e pela lógica do sistema capitalista que afasta o adulto do lúdico por valorizar exacerbadamente a produção no tempo de trabalho.

Devido à visão reducionista da ludicidade e de outras esferas da atuação humana, tem-se a idéia de divisão das faixas etárias, e objetivos específicos para cada uma delas, como pensar que a primeira idade (criança) seria a de preparação para o futuro, a segunda idade (adulto)

responsável pela produção e a terceira idade (idoso) pronta para o gozo. Nesse quadro o adulto, como produtor, é excluído, pois sua tarefa seria exclusivamente de produzir, e ele não poderia vivenciar a ludicidade mais de perto. Esta visão estática tem a possibilidade de ser dinamizada pelo lazer.

Uma das manifestações do lúdico, o brinquedo, por exemplo, tem em sua definição conceituações preconceituosas, que o definem sempre como algo ligado à criança, jamais aos adultos.

O brinquedo entendido como objeto é caracterizado pelos objetos da infância, como o pião, bolinha de gude, peteca, entre outros; é como se aos adultos fosse vetada a aproximação desses brinquedos (OLIVEIRA, 1986). Muitas vezes os próprios adultos têm preconceito em brincar com os brinquedos que demonstrem ser infantil, coisa de criança.

Oliveira (1986) indica três possibilidades que o adulto tem em encarar o brinquedo ou a brincadeira e o jogo. Primeiro propõe que, para o adulto, o brincar representa a fuga da realidade, realidade marcada pelas obrigações e pela rotina. Para o autor, brincando, o adulto encontra prazer, muitas vezes perdido no seu dia-a-dia, devido, inclusive, às relações de dominação que podem caracterizar o seu trabalho, no tipo de sociedade em que vive. Portanto, para o adulto o lúdico tem como uma de suas representações o jogo e a brincadeira, que carregam o sentimento de prazer, muitas vezes, o prazer perdido durante as atividades de obrigação, ou seja, do trabalho.

Em relação ao brinquedo, numa segunda possibilidade, o autor propõe que quando o adulto se distrai com um brinquedo é para se distanciar da realidade; ele deseja se afastar das tensões; além de se opor ao trabalho, o brincar conduz a pessoa adulta a se esquecer dos problemas do dia-a-dia; através da brincadeira ele encontra uma fuga do real para o imaginário. Diferente da criança que não busca uma fuga, mas que se entrega ao simbolismo, fazendo daquele instante do brincar sua vida real.

Winnicott (1975), entendendo que o adulto é uma criança, a partir da psicanálise e incluindo a psicoterapia, chega a uma exposição teórica do brincar. O autor faz uma analogia entre o brincar e a psicoterapia. O objetivo dele é estudar o brincar em si mesmo, sem relacioná-lo a qualquer outra atividade. Para o autor, adulto e criança encaram o brincar da mesma forma: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu” (1975 p. 80).

De uma perspectiva da psicanálise, o sentido de brincar para crianças e adultos pode ser exatamente o mesmo, diferentemente do que Oliveira apresenta.

Segundo Gáspari e Schwartz (2002), a idéia de que brincar é coisa de criança é uma imposição do homem para o próprio homem. Em defesa da produtividade, seriedade, marcas da sociedade capitalista, o ser humano perde sua liberdade de expressão lúdica. Perde sua capacidade de criação, ligada ao prazer e à essência da vida.

Para as autoras, o brincar para o adulto, é:

[...] uma forma de liberação da espontaneidade perdida, de seu elemento lúdico, castrado pelas mazelas socioculturais, inibidoras de seu riso espontâneo, de sua aproximação afetiva e efetiva com seus semelhantes, de sua auto-realização. Mas esse elemento é presente, ainda que sublimado e funcionalizado, com objetivos pré-estabelecidos, diferente da perspectiva infantil, a qual tem nesse um fim em si mesmo (p.15).

Entendemos que o brincar para a idade adulta é a prática de algo que lhe era supostamente proibido, é a liberdade para o riso, é o aconchego dos amigos. E as autoras, ainda, complementam que:

[...] enquanto o adulto tem a possibilidade de (re) valorização; brincando, o homem pode abrir-se para o mundo e para as forças impulsionadoras da cultura, arraigadas na atividade lúdica, como a ordem e o direito, a sabedoria e a ciência, o ofício e a arte (2002 p.15-16).

O brincar para o adulto pode fazer renascer a sua ludicidade, se esta estiver esquecida. É um estimulante para a construção cultural, assim como para a ciência e a arte.

Segundo Machado (1998): “O adulto que não brincou talvez possa resgatar seus ‘impulsos lúdicos’ vendo seu filho crescer e brincando com ele: sem omissão nem tampouco invasão ou opressão” (p.32).

A autora dirige seu texto em defesa da criança e coloca o adulto como responsável em proporcionar liberdade e segurança, para que ela cresça brincando. Defende o brincar pelo prazer do brincar, sem a idéia de “aprender brincando”, que o adulto costuma impor à criança. Ela afirma que adultos bem humorados; adultos que brincam, criam crianças bem humoradas.

Já numa terceira possibilidade, Oliveira (1986) indica qual o significado que o adulto atribui ao brinquedo:

Para o adulto, o brinquedo muitas vezes significa a conquista de algo que no passado lhe foi inacessível. Nesse sentido, simboliza uma espécie de vingança redentora, na qual o fracasso pretérito se transformou, com a aquisição do brinquedo, em signo de sucesso no presente. Tudo se passa como se agora, munido de força palpável, o adulto pudesse, através dos brinquedos, fazer “o mundo” se vergar aos seus pés. É, portanto, um movimento que se direciona de fora para dentro. Exatamente o inverso ocorre com a criança... (p.17).

O adulto se sente realizado porque pôde comprar um brinquedo que sempre quis ter, era um sonho de criança, e quando realiza esse desejo na idade adulta demonstra o poder que foi adquirido com o tempo. O autor fala de um movimento de fora para dentro, pois é como se o adulto tivesse que provar para o mundo que conseguiu o que queria.

*Sou amante do sucesso. Nele eu mando nunca peço. Eu compro o que a infância sonhou.
Se errar eu não confesso. Eu sei bem quem sou*¹⁴

Neste sentido, Gáspari e Schwartz (2002), indicam que:

[...] os pais satisfazem suas frustrações pessoais, que remontam à sua infância, dando aos filhos objetos para brincar, os quais no fundo, nada mais significam do que um presente que dão a si mesmos... (p.16).

¹⁴ Composição Nando – Aldir Blanc, disponível em cd e dvd, álbum Roupa Nova Acústico.

Vemos muitos pais que compram brinquedos para os filhos em busca de realizarem os seus próprios desejos, não para eles brincarem; mas se realizam pela posse do brinquedo. A posse do brinquedo para o adulto é a realização de um desejo da infância, já para a criança o brinquedo é um objeto para poder brincar.

Oliveira (1986) ainda declara que os adultos esperam por prazeres ao brincar, almejam evasão e satisfação.

Indo, além disso, alguns adultos procuram superação quando jogam; levam a sério suas regras e desejam a vitória, preocupam-se com o resultado final, enquanto para outros a participação é o que interessa, o processo é mais importante do que o produto, independente dos resultados.

O brincar não é coisa só de criança, mas o adulto pode (re)aprender a fazer uso do seu “pouco” tempo livre, (re)organizando sua rotina, reservando momentos lúdicos, (re)descobrimo o brincar, a alegria interior, (re)incorporando o lúdico ao humano do seu ser (GÁSPARI e SCHWARTZ 2002).

Em relação a este “tempo livre”, citado pelas autoras, damos preferência ao termo “tempo disponível” para o lazer, como tempo “privilegiado” para manifestação do lúdico; entendendo que para isto acontecer é preciso “reservar um tempo ou se reorganizar” para o lazer, e não para o lúdico, mas entender o lúdico como livre manifestação, livre até mesmo das coações impostas pelo sistema, nascendo como forma de manifestação cultural. Concordamos que para isso é necessário ter a alegria interior e redescobrir o brincar.

Oliveira (1986) justifica que não são as responsabilidades com o trabalho que afastam as pessoas do lúdico e do lazer. As responsabilidades contribuem para que isso aconteça, mas o que o autor também argumenta é que, a nossa sociedade, por ter uma visão extremamente utilitarista, classifica o tempo com valor monetário e não valoriza o lazer como tempo livre.

Pinto (2001) apresenta o papel do sujeito na vivência lúdica, no espaço do lazer, entendendo o lazer como:

[...] exercício de liberdade na resignificação de tempos e lugares, bem como na recriação de objetos, materiais e vivências. O sujeito ocupa o lugar central na vivência lúdica, que nasce dele, da sua curiosidade e capacidade crítica e criativa de transformar o desejado em algo possível – provoca sua imaginação, sua vontade, seu poder de escolha e de decisão sobre as regras e as arquiteturas dos desafios (p.59).

O adulto, como sujeito, é a essência dessa relação, ele busca vivências que tenham significado, encontra-se com outras possibilidades. Nessa ligação, é possível envolvê-lo, com muito mais que consumo e produção, fatores os quais, a sociedade coloca como mais justificáveis do que qualquer outra área de expressão dessa faixa etária (PINTO, 2001).

Para a autora, a experiência lúdica sofre influências e limita-se a se concretizar através dos desejos e do poder dos sujeitos brincantes. Ela se constrói partindo da intencionalidade e da convivência, reconhecendo as necessidades e diferenças, traduzindo e dando significado à cidadania. (PINTO, 2004).

Para Moreira (2003), o ser humano é marcado pelas relações com o mundo e com os outros, produzindo cultura e história, modificando-as e sendo modificado por elas.

Retornando às indagações lançadas no início deste capítulo, percebemos que o lúdico é furtado dos adultos por cinco motivos principais:

- 1- A sociedade valoriza o adulto apenas pelo seu trabalho;
- 2- O divertimento atual é visto como consumo;
- 3- O adulto esqueceu-se de sua infância e enterrou sua criança;
- 4- O adulto ainda, é preconceituoso em relação às manifestações do lúdico como: jogo, brinquedo e brincadeira e não percebe que pode desfrutar do lúdico através dos conteúdos culturais do lazer;

5- O lazer nos moldes do sistema atual, ainda não é reconhecido como espaço privilegiado para manifestação do lúdico.

Contudo, para que o ser humano tenha uma verdadeira participação cultural, crítica e criativa é necessário que haja uma ação democratizadora que combata e lute pela superação dessas barreiras. Sendo o lúdico um canal de contribuição para superação do conformismo e a vivência do lazer, possa, então, ser associado a uma atuação com finalidade de transgressão, quebrando paradigmas, superando a visão que entende o adulto apenas pelo viés do trabalho.

1.3 – O LAZER DOS ADULTOS: DO LAZER CONSUMO AO LAZER COM SIGNIFICADO.

E o que a gente descobre é que por mais que falemos sobre o prazer de brincar, a tranqüilidade de passear de mãos dadas, a tristeza bonita do fim de tarde, a alegria de se ouvir aquela voz, o sabor e as memórias do vinho, a beleza da música e a gratidão que mora em cada gole d'água, haverá sempre uma distância infinita entre aquilo que foi sentido e aquilo que foi dito¹⁵.

O uso do termo **lazer** tem aumentado muito na sociedade contemporânea, porém, tem sido deturpado, desfigurado em relação àquilo que ele é realmente. (PINTO, 2001).

O lazer é visto muitas vezes na visão funcionalista¹⁶. São tipos de lazer que não questionam os valores impostos pela sociedade, mas são vivenciados de forma passiva e continuam mantendo os níveis de alienação do ser humano, de

¹⁵ ALVES, R. **Quando eu era menino**. 1ª Ed. Campinas, Papirus, 2003.

¹⁶ A visão funcionalista é um conjunto de valores que se caracterizam em quatro abordagens: romântica, moralista, compensatória e utilitarista. É uma visão que busca manter a ordem e conservar a paz, através da instrumentalização do lazer. (MARCELLINO, 2004).

uma forma estática. Acreditamos que o que tem levado o adulto a entender o lazer por esse viés é a falta de conhecimento sobre ele, ou seja, falta educação para e pelo lazer, através de expressões dos meios de comunicação de massa via ideologia vigente.

Marcellino (2004) afirma que o que acontece, muitas vezes, é associação do termo lazer com experiências individuais isoladas, o que supõe visões parciais e reduz o amplo conceito de lazer, enxergando-o apenas como sinônimo de seus conteúdos.

Pinto (2001) reflete sobre as tendências do termo lazer, que vem sendo historicamente associado à recreação. A autora apresenta o lazer a partir de três nuances que vão ao encontro da visão funcionalista: lazer moralista, lazer compensatório e utilitarista:

O lazer é carregado do sentido de atividade, cumprindo com as funções de descanso, divertimento e desenvolvimento social com fins moralista (canalização das tensões e redução dos problemas sociais, atuando como válvula de escape e segurança da sociedade), compensatório (manutenção do status quo e descanso voltado à recuperação da força de trabalho) e utilitarista (instrumento de paz social e de mercadoria – entretenimento que demanda o consumo de atividades, bens e serviços) (p.55).

Muitas vezes o lazer é visto de forma compensatória para o adulto, é como se vivenciar algumas horas desse componente o renovasse para continuar a vida. Assim, o lazer é uma compensação, ainda que tudo esteja ruim, um momento de descanso e diversão compensa tudo. Esquecendo-se muitas vezes do caráter de desenvolvimento, tornando-se uma prática pela simples atividade, sem gerar valores; assim o lazer passa a ser sinônimo de fuga da realidade e fonte de alienação.

Essa visão funcionalista, assim caracteriza Marcellino (2003a), instrumentaliza o lazer como recurso para o ajustamento das pessoas numa sociedade dita harmoniosa. O autor denuncia que: “[...] as questões relativas ao lazer e o seu estudo sempre estiveram revestidos de tentativas de manipulação ideológica...” (p.184).

O sistema em sua lógica utiliza-se do campo de lazer como instrumento conformista, reforçando a política do *pão e circo*, sendo que à faixa etária adulta competem o trabalho e as obrigações. Porém, no futuro não tão distante, terão aposentadoria e então poderão gozar dos lazeres. Segundo essa lógica, a vida é vista em partes, como se fosse dividida em etapas, e a etapa da faixa etária adulta é a produção no trabalho. O adulto passa a existir como sinônimo de trabalho e as outras dimensões de sua vida, tão importantes quanto esta, ficam em segundo plano, com o objetivo de mantê-lo em ordem suportando as imposições da vida social.

Articulado a isso, Marcellino (2004) afirma que:

De fato, a observação da prática do lazer na sociedade moderna é marcada por fortes componentes de produtividade. Valoriza-se a “performance”, o produto e não o processo de vivência que lhe dá origem; estimula-se a prática compulsória de atividades denotadoras de moda ou “status”. Além disso, o caráter social requerido pela produtividade, confina e adia o prazer para depois do expediente, fins de semana, períodos de férias, ou, mais drasticamente, para a aposentadoria. No entanto, isso tudo não nos permite ignorar a ocorrência histórica do lazer, inclusive como conquista da classe trabalhadora (p.28).

Marcellino (2002) apresenta o lazer como uma conquista da classe trabalhadora. Contudo, o que ainda vem ocorrendo é que a prática do lazer é marcada pela produtividade, o produto, ou seja, o resultado final é mais valorizado do que o processo da vivência do lazer. O autor afirma que as atividades de lazer são um dos canais possíveis de transformação cultural e moral da sociedade; é um instrumento de mudança, que pode ser acionado em qualquer ordem social dominante.

Também na nuance compensatória, Padilha (2004) afirma que o objetivo do lazer compensatório é divertir um pouco o trabalhador, e fazer com que ele volte para o trabalho um pouco mais animado, com condições de suportar a situação, sem questionamentos, criatividade, imaginação e tentado a evitar qualquer esforço intelectual que, para a indústria cultural, é desnecessário, e assim, o indivíduo, (que pode ser qualquer um), continua tomado pelas regras do sistema.

Padilha (2004) explica que não deseja desconsiderar e nem negar a importância do descanso e divertimento nas concepções compensatórias de lazer. O que a autora expõe é não limitar o lazer a esta função, devendo considerar os valores embutidos na sua prática para que assim o ser humano alcance autonomia e emancipação.

Em virtude disso, concordamos com Marcellino (2005), quando escreve que:

O “sentido” da vida não pode ser buscado, como muitas vezes somos levados a acreditar, apenas nas possibilidades abertas por um fim de semana, ou pelo final do expediente, embora essas ocasiões possam ser consideradas, também como alternativas de felicidade, ou formas de resistência para o cotidiano pesado (p.52).

Dessa perspectiva, o adulto deve considerar as possibilidades de lazer nos fins de semana e no final do expediente, contanto que saiba que existem outras possibilidades para vivência do mesmo, e tenha consciência do lazer como cultura vivenciada no tempo disponível.



Destacando o tempo livre do adulto, Rosário (2001), propõe que o mesmo é um ser despreparado para esse tempo, pois não sabe o que fazer. É um tempo bloqueado pelas dúvidas do que pode ou não fazer, podendo se tornar um tempo de descobertas.

Dessa forma, o que acaba acontecendo é que se lança sobre o lazer uma carga pela desintegração do trabalho, espera-se que o lazer salve o trabalho, mas o que pode acontecer é que lazer e trabalho fracassem juntos se não forem significativos para os participantes (MARCELLINO, 2004).

Assim, lazer e trabalho devem caminhar juntos; a luta política deve se empenhar para o encontro do prazer, em busca de qualidade de vida, em harmonia, nas duas frentes de atuação humana.

O tempo se mede com batidas. Pode ser medido com as batidas de um relógio ou pode ser medido com as batidas do coração¹⁷.

Uma outra visão de lazer é a utilitarista, que o reduz a uma forma de recuperação da força de trabalho, ou o utiliza como instrumento de desenvolvimento (MARCELLINO, 2004). Essa visão instrumentaliza o lazer e prepara o adulto para a produção, não tendo o objetivo de fazer com que os participantes sintam prazer, mas de prepará-los para outros objetivos; isso é reflexo da ideologia dominante, que se utiliza das atividades de lazer, como recurso.

O autor chama nossa atenção para o caráter utilitarista do lazer, com valores baseados na visão funcionalista, complementando que dessa forma o lazer só vale a pena quando vivido como manifestação cultural, que colabore para atuação diferenciada no plano social. E afirma que:

Sendo assim, aos intelectuais comprometidos com a busca da humanização da vida do homem, com a instauração de uma nova ordem social, e que para isso percebem a necessidade de uma mudança moral e cultural para a qual o lazer se apresenta como canal privilegiado, embora não único, cabe difundir seus valores, mostrando as possibilidades e os riscos da ação nesse campo (MARCELLINO, 2002, p.29).

Dessa forma o trabalho quando se opõe ao lazer tem o propósito de dominar o adulto. As pessoas precisam entender que podem usufruir os dois

¹⁷ ALVES, R. **O amor que acende a lua**. Campinas, Papirus, 1999.

campos, pois eles se complementam e os dois têm muita importância. Marcellino (2004) aponta que:

O que ocorre nesses casos, com maior frequência, é a mitificação do trabalho, gerando, quase sempre, uma atitude de desconhecimento de outras dimensões do humano, sobretudo as possibilidades pela vivência do tempo de lazer (p.22).

O adulto com o olhar fixo no trabalho não enxerga outras possibilidades de superação. O que acontece, então, é que insatisfeito com seu trabalho, lança sobre o lazer todas as suas expectativas de encontrar prazer e diversão, deixando de lado a característica do desenvolvimento.

Isayama (2004) afirma que a sociedade, por supervalorizar o trabalho, entende o lazer destituído da sua possibilidade de descanso, divertimento e desenvolvimento.

Certamente o trabalho ensina, não podemos nos esquecer daqueles que sentem prazer na atividade do trabalho; a nossa preocupação é que o sistema econômico anula as outras áreas de expressão do humano, enxergando e valorizando exacerbadamente o trabalho, pois o sistema entende o lazer como: tempo livre, não sério e vazio. Só poderia ser levado em conta, se suas atividades se voltassem para o entretenimento no viés do consumo.

Nesse viés, a importância do lazer deve ser considerada em igualdade, para todas as faixas etárias. Pinto (2001) aponta que:

Noutro sentido, muda-se o enfoque da valorização do lazer como tempo futuro e inculca-se o entendimento de recreação/lazer como diversão sem memória, fundada na razão do ter e do viver emoções cada vez mais sensacionalistas e imediatistas, envolvendo entusiasmados consumidores de todas as idades (p.58).

O lazer consumo com muito entusiasmo tem abarcado todas as idades, com o intuito de somente divertir e consumir. Para a autora, o lazer acaba sendo entendido como atividade de tempo livre, não séria e vazia, e é somente valorizado quando se torna uma atividade da moda ou um programa com custos altos e orientado pela organização da produção e consumo.

É necessário destacar que o lazer pode ser consumo, desde que o indivíduo seja consciente das possibilidades de vivências.

É importante lembrar também, que o lazer se sustenta em três pilares¹⁸: descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social. Assim, deve ser entendido de uma forma ampla, e uma característica não pode ser mais valorizada do que a outra.

Marcellino (2001), baseado nesses pilares, vai além, quando expõe a capacidade do lazer de contribuir para formação de valores da cidadania:

[...] o exercício da cidadania tem que passar pelo exercício da felicidade, do prazer – hoje, para muitos restrito a muito pouco lazer, mas é possível que a partir dele, da sua vivência, tenhamos a denúncia da realidade injusta e o anúncio de uma nova ordem social possível de construção coletiva, também alegre e prazerosa (p.15-16).

A busca de felicidade e prazer no lazer não impedem e nem limitam a capacidade de desenvolvimento pessoal e social do ser humano, pelo contrário, é instigante e tem objetivos que vão além do conformismo, oferece a possibilidade de proporcionar mudanças em todos os planos: cultural, social, político e educativo. Nesse sentido percebemos um lazer que vai além, que transcende na sua possibilidade de desenvolvimento pessoal (*eu comigo mesmo*), e social (*o outro comigo*). Para que essa possibilidade tenha validade é necessária uma valorização da sociedade nesta direção, com uma vivência do lazer com valores que possam questionar essas relações pessoais e sociais de forma a mudá-las, se for necessário. Nesse sentido, a atuação do profissional faz muita diferença.¹⁹

Segundo Marcellino (2004): “Torna-se ainda mais necessário um processo educativo de incentivo à imaginação criadora, ao espírito crítico, ou seja, uma educação para o lazer, que procure não criar necessidades, mas satisfazer necessidades individuais e sociais” (p.62).

O autor trabalha neste texto, com a educação para o lazer no âmbito escolar. Relacionando com a faixa etária adulta, acreditamos que o lazer não

¹⁸ Segundo Dumazedier (1980), os valores do lazer se sustentam em três pilares, ou três “Ds”: descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social. Marcellino (2002) destaca que esses valores devem ser ligados aos aspectos, tempo e atitude.

¹⁹ Tema que será discutido no capítulo II, desde estudo.

possa satisfazer todas as necessidades do adulto. Mas é possível, segundo Marcellino, um lazer que desperte o ser humano para a desigualdade de nosso sistema, com possibilidades de vivenciar as oportunidades perdidas.

Pinto (2004) caracteriza a vida adulta como tempo das obrigações, o adulto tem a obrigação de produzir e consumir. A sociedade tem como base de sua estrutura o fator econômico, que é importante, e além do que, o acesso ao lazer é na maioria das vezes dificultado por esse fator, que divide a sociedade em privilegiados e não privilegiados.

Um outro aspecto da visão funcionalista, que muito se aproxima da vivência do lazer do adulto é o lazer consumo, que intencionalmente é usado pelo sistema e valorizado de forma unilateral, o que apresenta uma série de riscos, sendo entendido como fuga, alienação e ou simples consumo (MARCELLINO, 2004).

Portanto, entendemos que a relação do adulto com o lazer se dá no viés da visão funcionalista, ressaltando principalmente a vivência do lazer consumo, onde existe um preconceito, que é uma barreira para a manifestação lúdica no campo do lazer. Observamos que o adulto precisa valorizar o lazer e seu direito a ele, dando ênfase às questões do tempo e atitude, privilegiando tanto o caráter de desenvolvimento, como o de descanso e diversão, para que seu lazer possa deixar de ser consumo e passe a ter significado e seja a expressão clara daquilo que ele procura e sente.

Consideramos, assim que o lúdico, entendido também nas representações do jogo, da brincadeira e do brinquedo, mas principalmente como um componente da cultura, seria importante na vida do adulto, privilegiando o espaço do lazer e seus conteúdos culturais, para além dessas manifestações, como o esporte, o teatro e o cinema, que podem ser mais atrativos para uma pessoa adulta. Porém, de fato, a relação do adulto com o lúdico e o lazer é moldada pelos valores de produção e consumo que dirigem o sistema, o lazer é conduzido pelas questões do consumo, transformando sua vivência em produto. E o lúdico, é visto com preconceitos que limitam suas representações.

Em relação ao tema do consumo recorremos a Canclini (1999) que confronta a seguinte idéia: se o consumo é tão avançado e acelerado por que o processo de cidadania também não caminha dessa forma?

Poderíamos dizer que no momento em que estamos a ponto de sair do século XX as sociedades se reorganizam para fazer-nos consumidores do século XXI e, como cidadãos, levar-nos de volta para o século XVIII (p.53).

Acrescentaríamos a essa idéia, o processo de cidadania que pode se dar pelo lazer, assim como o consumo. O diferencial seria que o lazer pode contribuir para uma transgressão do consumo supérfluo, para um consumo que realmente tenha sentido, principalmente nas suas manifestações.

É necessário reconhecer que enquanto consumimos também pensamos, escolhemos e reelaboramos o sentido social; é preciso refletir se o consumo pode ser canal para constituir uma nova maneira de ser cidadão, para isso é necessário repensar sobre a forma como está o consumo nos dias atuais (CANCLINI, 1999).

O autor apresenta o consumo na linguagem corriqueira como consumo fútil e inútil. Fazendo uma relação com o lazer consumo, seria aquele em que os adultos compram a diversão, mas que nem sempre é aquele tipo de divertimento que eles gostariam de ter; também pode ser entendido como vivências de lazes que não são críticas e nem criativas, mas que são experimentadas apenas no sentido de mostrar poder, aparência.

Pode-se ainda consumir, na perspectiva de vivenciar um lazer que, ainda que pago, seja prazeroso, consciente e alcance os níveis crítico e criativo.

Canclini (1999) define consumo como: “[...] o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos de produtos” (p.77).

Dessa perspectiva, entendemos o consumo como uma atividade que é social e cultural, que pode envolver o lazer e se apropriar dele como um produto de consumo. E quando acontece essa apropriação de forma alienada é que a vivência do lazer se torna vazia.

Pelo fato de o consumo estar diretamente ligado à cultura e à sociedade, é possível que ele deixe de ser visto como futilidade, capricho; mas compreendido, num sentido mais amplo, segundo o autor, pela racionalidade econômica isso não

é possível. E ainda, o consumo é o reflexo da força de produção do trabalho do ser humano.

Assim, Canclini (1999) indica que o sistema ao se organizar para atender as esferas do ser humano, como alimentação, habitação, transporte e diversão, baseia-se na produção do trabalho para aumentar o lucro dos produtos. Podemos ser contrários a essa estratégia, ainda que não exista uma arbitrariedade nesse sistema.

O autor defende a idéia de que o consumo serve para pensar, serve também para ordenar politicamente cada sociedade, é um processo em que os desejos se transformam em demandas e atos regulados socialmente. Nem sempre o consumo é ostentação, essa idéia assim como várias outras são formas de criticar o consumo: “Coloca-se, pois, de outra maneira a crítica ao consumo como lugar irrefletido e de gastos inúteis” (CANCLINI, 1999, p.88).

Percebemos também que o consumo no lazer, a sua fruição através de uma vivência de uma atividade paga; como um cruzeiro, a visita a um parque, ou um teatro, show, enfim, pode levar o ser humano a refletir sobre a sua realidade, criticá-la e até mesmo mudá-la no sentido de uma qualidade de vida melhor. Segundo Canclini (1999), as pessoas podem simplesmente atuar como consumidores, se situando somente em um dos processos de interação, aquele que é regulado pelo mercado; ou então exercer como cidadãos uma reflexão e uma experimentação mais amplas, que levem em conta as diferentes potencialidades, e possibilidades dos objetos, de forma contextualizada.

O consumo visto de uma forma positiva, no âmbito do lazer, poderá ser canal de encontros entre as pessoas, trocas culturais profundas e valiosas. E ainda, além disso, o consumo que for de certa forma exagerado e prazeroso, pode ser benéfico, desde que não passe a ser rotineiro e descontrolado. Nesse viés recorreremos novamente a Canclini (1999):

Só através da reconquista criativa dos espaços públicos, do interesse pelo público, o consumo poderá ser um lugar de valor cognitivo, útil para pensar e agir significativamente e renovadamente na vida social. Vincular o consumo com cidadania requer ensaiar um reposicionamento do mercado na sociedade, tentar a reconquista imaginativa dos espaços públicos, do interesse público. Assim o consumo se mostrará como um lugar

de valor cognitivo, útil para pensar e atuar significativa e renovadamente, na vida social. (p.92).

Se o consumo puder ser visto dessa forma, ele poderá construir e sustentar comunidades, não só financeiramente, com produção e consumo, mas criar laços sociais e culturais. É preciso analisar o que o consumo tem de cultura, de que forma ele constrói significados e tem sentido. Um dos caminhos é através da relação social, com o exercício da cidadania, pertencendo ao mundo globalizado do consumo, porém sem perder de vista as relações. Para tanto é necessário desconstruir a idéia de que os consumidores são irracionais e os cidadãos atuam com princípios ideológicos, como se não fossem consumidores (CANCLINI, 1999).

E aqui, recorremos a Marcellino (2005), que afirma ser possível voltar atrás, recuperar o passado e lutar pelo futuro. Assim é o processo de construção do ser humano, apesar de todas as barreiras sociais na vivência do lúdico, no lazer. Acrescentamos não só barreiras sociais para os adultos, mas barreiras individuais, onde cada um deve procurar superar as suas próprias limitações e preconceitos, assumindo que carrega dentro de si uma criança que tem desejo de jogar e brincar; podendo aliviar suas angústias e permitir vivências lúdicas com significado no espaço do lazer. Mas não bastam ações individuais, são necessárias políticas de ação articuladas, como veremos mais adiante, através da atuação do profissional de Educação Física como animador sociocultural e ainda com a instauração de políticas públicas pensando no público adulto.

Capítulo II: Animador Sociocultural e Educação Física

O campo do lazer, na interface com o universo da Educação Física, com ênfase nos interesses físico-esportivos, configura-se, na nossa sociedade, como um espaço privilegiado para a manifestação do lúdico e nele o profissional de Educação Física, que domina os conhecimentos técnico-operacionais, sobretudo dos conteúdos culturais ligados às atividades físicas esportivas, precisa estar atento para intermediar essa relação: adulto e lúdico. Dessa perspectiva, que aspectos envolvem essa relação, o que ela deve levar em conta, e de que forma precisa ser operacionalizada? Este é o tema central desde capítulo.

Considerando que a área da Educação Física estuda o ser humano em movimento e almeja a compreensão desse humano diante de suas ações, e ainda fazer com que o movimento tenha significado para quem o executa, a presença deste profissional é imprescindível e insubstituível nessa área, contando também, com o diálogo com outros profissionais, que dominem outros conteúdos culturais, ou as áreas de relação com o lazer.

Notando a escassez da bibliografia relativa à atuação do profissional de Educação Física como animador, em relação direta com a faixa etária adulta, objetivamos ampliar esse campo de atuação, fornecendo subsídios para o animador sociocultural e sua intermediação com esta faixa etária. E ainda, apresentar uma atuação diferenciada do profissional com estas pessoas, de acordo com suas necessidades e desejos, tendo a política pública de lazer como um dos caminhos para as mudanças. Partiremos, portanto, da compreensão da animação sociocultural e da atuação do profissional de Educação Física como animador.

2.1 - ANIMADOR? SIM, ANIMADOR SOCIOCULTURAL

*Invoco o riso daqueles que perceberam o ridículo da seriedade. O riso é o lado de trás e de baixo, escondido, vergonha, das máscaras sérias...*²⁰

Muitas vezes as pessoas questionam a terminologia animação, e a relacionam com palhaços ou animadores de auditório. Dificilmente pensam na animação em relação à Educação Física, talvez porque a mesma, carregue como marca principal a prática esportiva, o que não é ruim, porém, não podemos limitá-la somente a este conteúdo, mas ampliar sua prática para além dos esportes, também no campo do lazer.

O termo animador sociocultural não é nomeação exclusiva do profissional de Educação Física atuante no lazer, pelo contrário, abarca diferentes áreas com profissionais que atuam neste espaço, em todas as suas especificidades. A escolha do termo para a atuação do profissional de Educação Física justifica-se, em concordância com Isayama (2002), não para reforçar preconceitos, mas para valorizar a atuação deste profissional e diferenciá-la das características que lhe são associadas. Portanto partimos do entendimento da animação como esse autor apresenta:

[...] dar alma ou vida; dar ânimo, coragem, vigor, força; estimular e encorajar. Assim o animador trabalha com vivências que possam viabilizar entre outras coisas, prazer e alegria, na intenção de estimular as pessoas em seus momentos de lazer (p.109).

O animador tem uma grande responsabilidade com as pessoas, ele é responsável por dar vivacidade, incentivo, transmitir alegria e contentamento, o que não é tarefa fácil, principalmente entre os adultos, os quais Alves (1987) afirma que esqueceram de como sorrir, porque abandonaram a sua criança. Este é um dos motivos pelos quais o animador, no exercício de sua função, deverá estar atento em relação aos adultos, que muitas vezes podem não se dispor para o envolvimento real na animação.

²⁰ ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 7ª Ed. Papyrus, Campinas, 2004b.

Para Isayama (2002) a atuação do animador no campo do lazer é muito importante, pois facilita o acesso aos seus interesses, possibilitando maior desenvolvimento pessoal e social como uma de suas bases. E o fato do lazer abarcar uma grande diversidade cultural, e estar relacionado a outros aspectos da vida social, também é motivo de cuidado e atenção do animador. O profissional precisa ter conhecimento e respeitar as diferenças, além de refletir e ampliar sua visão de sociedade; um dos caminhos para que isso aconteça é que a linguagem para formação geral de animadores precisa ser a mesma, em todas as áreas, abordando todos os conteúdos com os mesmos princípios da animação.

Um outro problema que nos chama a atenção é a visão que as pessoas têm dos animadores, conforme Isayama descreve:

No nível de senso comum, há um entendimento de que o profissional que atua com lazer deve levar as pessoas a esquecer dos seus problemas cotidianos, de modo a auxiliá-las no trabalho do dia seguinte ou da próxima semana. Nesse contexto, sua ação se restringe à organização de jogos e brincadeiras que incentivem o agrupamento das pessoas, ou à animação de festas e bailes. Assim, deve apresentar sempre um sorriso estampado no rosto, demonstrando alegria e “mentalidade positiva”, que possam auxiliar na adesão de todos às atividades propostas. Nessa perspectiva, não há qualquer possibilidade de reconhecimento dos problemas ou limites encontrados em nossa realidade, que possam ser abordados criticamente e enfrentados mediante a expressão cultural (2002 p.96).

Através da conscientização crítica, tanto os participantes como os animadores saberão que a participação ou não de uma pessoa em uma atividade não deve ser decidida pelo fato de o animador ser o atrativo, ser simpático ou não. Sem a ocorrência de interferências de “mentalidade positiva”, como cita o autor, mas numa abordagem com uma visão crítica que forme opiniões, para que se tenha a verdadeira expressão cultural; sendo comunicativo de forma política, expansivo, mas não abusivo e sociável não baderneiro, considerando principalmente a troca de experiências culturais entre os participantes e o animador, valorizando esta relação.

Em relação ao divertimento sem significado, Isayama (2002), chama a atenção:

No meu entendimento, devemos superar a compreensão da recreação como divertimento alienado e reprodução de um rol de atividades, e do lazer como tempo liberado que deve ser preenchido com as “formas de recreação”, mascarando as relações de dominação existentes em nosso meio. Para o entendimento de recreação como possibilidade consciente de criação, que carrega significados sociais, implica uma concepção mais ampla de lazer que pode assumir um sentido construtivo de transformação de nossa realidade (p.93).

Para superar a compreensão limitada de divertimento e avançar com o significado do lazer é de extrema importância a conscientização política do animador, não para que atue de forma que disfarce as relações de dominação, mas para que construa junto aos adultos uma expressão de lazer que represente de forma clara o seu verdadeiro sentido e, juntos, possam enfrentar esta dominação.

Uma outra visão de lazer a ser combatida pelos animadores, em sua formação, é a visão utilitarista do lazer, que segundo Souza (1999):

Essa maneira de abordar o lazer apenas com a função de recuperação da força de trabalho, não considerando o descanso como opção da livre escolha, está relacionada ao aspecto histórico do lazer que teria surgido com essa única finalidade para os trabalhadores. Eu entendo que esta nuance “utilitarista” deveria ser questionada pelos futuros profissionais da área, já em seu processo de formação (p.75).

O questionamento deve partir dos profissionais, durante a sua formação, para que eles transmitam aos participantes uma visão diferenciada de lazer, com possibilidade de descanso e livre escolha, quebrando paradigmas históricos.

Através da formação de animadores é possível construir as ações para essa luta. Isayama (2005) afirma que:

[...] o desafio é agregar esforços para formar profissionais capazes de construir coletivamente ações teórico-práticas sobre o lazer significativas, afim de não mascarar ou atenuar os problemas sociais dos sujeitos envolvidos (p.12).

A formação do animador fará a diferença sobre seu envolvimento com os sujeitos participantes. Por meio da formação é possível que o animador tenha esta

compreensão. Dessa forma, Isayama (2002), baseado nas competências criadas por Pinto (1992), afirma que:

[...] a formação de profissionais (educadores) para o lazer se dá por meio da construção de saberes e competências que devem estar relacionados ao comprometimento com os valores alicerçados numa sociedade democrática, à compreensão do nosso papel social na educação para o lazer, ao domínio de conteúdos que devem ser socializados, a partir do entendimento de seus significados em diferentes contextos e articulações interdisciplinares, e, por fim, ao conhecimento de processos de investigação, que auxiliem no aperfeiçoamento da prática pedagógica e no gerenciamento do próprio desenvolvimento de ações educativas lúdicas (p.94).

A formação profissional deve estar diretamente ligada aos valores da sociedade justa, ao entendimento da função que cada um deverá desenvolver nesse sistema, e ainda ao domínio da sua especificidade, para que, interdisciplinariamente, ocorra a prática pedagógica com a presença da ludicidade, em busca de uma visão crítica, caso a sociedade desenvolva a reprodução.

Entendemos o pedagógico como uma prática educacional, que segundo Freire (2001):

Se implantada de maneira crítica, a prática educacional pode fazer uma contribuição inestimável à luta política. A prática educacional não é o único caminho à transformação social necessária à conquista dos direitos humanos, contudo acredito que, sem ela, jamais haverá transformação social. A educação consegue dar às pessoas maior clareza para “lerem o mundo”, e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política (p. 36).

Dessa perspectiva entendemos o pedagógico como a possibilidade de transformação do conteúdo que é transmitido pelo professor, para que se possa cada vez mais ter um sentido político, um sentido em busca de mudança social, utilizando o conteúdo como ferramenta. A pedagogia é a maneira de influenciar o conteúdo para que seja transmitido de forma diferente. O pedagógico pode dar crédito à política através dos conteúdos que transmite; podendo formar cidadãos autônomos e emancipadores, que possam lançar os olhos sobre toda a sociedade, de forma que a compreendam e atuem sobre ela.

Fazendo uma ligação com Severino (1986), a educação enquanto ação pedagógica aponta para uma nova direção:

[...] os processos educacionais no seu conjunto e no seu interior geram e desenvolvem também forças contraditórias, que comprometem o fatalismo da reprodução, quer ideológica, quer social, atuando simultaneamente no sentido da transformação da realidade social (p.51).

Severino (1986), assim como Freire (2001), enxerga a educação como uma possibilidade de transformação social.

Dessa forma a atuação profissional deve se dar no sentido de contradição, em busca de modificações. É preciso esforço para estruturar todo um contexto em que as pessoas possam se encontrar, questionar, participar e serem ativas na história.

Freire (2001) afirma que não existem receitas para a educação, não existem meios de ensinar sem conhecer o contexto e a situação específica, ele fala sobre o ato de reinventar e recriar.

Reinventar e recriar são ações espontâneas necessárias ao animador, para que o contexto seja explorado, e que realmente o pedagógico se torne político. Ele aponta que:

Temos de nos esforçar para criar um contexto em que as pessoas possam questionar as percepções fatalistas das circunstâncias nas quais se encontram, de modo que todos possamos cumprir nosso papel como participantes ativos da história (FREIRE, 2001, p. 36).

O que acontece atualmente é que a preocupação da formação do animador se dá em duas linhas; uma delas enfatiza o tecnicismo; a preocupação está em formar um técnico, que tenha como base o domínio dos conteúdos específicos e metodologia adequada. A prática tende a minimizar a teoria na ação profissional. A segunda linha se apropria da formação centrada no conhecimento, na cultura e na crítica. A formação possibilita o domínio dos conteúdos e compreende o papel social do animador na educação para e pelo lazer (ISAYAMA, 2005).

Ao pensar na formação, acreditamos que esta deve seguir os princípios da segunda linha (a que nos referimos acima) e ainda comprometer-se com as

questões sociais, culturais e políticas, com propósitos de respeitar as diferenças e buscar igualdade, com possibilidade de participação e atuação na sociedade.

Cauduro (2003) afirma que as universidades devem se propor a cultivar tanto nos alunos como nos docentes, a capacidade crítica sobre a ordem social.

Segundo a autora:

O professor é um intelectual transformador, com um claro compromisso político de provocar a formação de consciência dos cidadãos na análise crítica da ordem social da comunidade, no sentido de intervir abertamente na análise e no debate de assuntos públicos e de pretender provocar nos alunos o interesse e o compromisso crítico com os problemas coletivos (CAUDURO, 2003, p.39).

A autora se refere especificamente ao professor. Entretanto, essa consciência é importante para todos aqueles que trabalham como educadores / animadores e fazem parte deste contexto.

Marcellino (2003b) destaca três características que o animador sociocultural, independente de sua formação, deve ter. Primeiramente, o conhecimento específico e aprofundado de um conteúdo cultural do lazer, isso não quer dizer que ele não deva ter um conhecimento geral sobre os demais. Em segundo lugar, esse animador deve se dispor a dividir sua especificidade com as pessoas, considerando também uma base cultural ampla, fazendo uma ligação entre sua especificidade de atuação e os outros conteúdos e, por último, refletir e valorizar suas ações com compromisso político, com a perspectiva de mudar a situação em que vive.

A animação, entendida dessa forma, envolve um grande número de manifestações, por isso, diferentes técnicos são exigidos nessa área. O profissional de Educação Física é indiscutivelmente um dos técnicos de mais forte vocação para animação.

Em relação à origem desses profissionais animadores, Marcellino (2003b) indica que:

Se formos examinar as origens dos profissionais que atuam na área, no mundo ocidental, a partir do momento histórico da

diferenciação lazer/trabalho, vamos encontrar, nas variadas denominações, como “chefes de prazer”, “consultores de lazer”, “recreacionistas”, “líderes recreacionais”, “monitores”, “animadores”, “agentes” etc.; uma forte tradição ao “praticismo”, que acaba desaguando em cumprimento de tarefas – “tarefismo” -, com uma visão parcial e limitada da abrangência do lazer [...] (p. 12-13).

Todas estas nomeações indicam o profissional do lazer como um cumpridor de tarefas, é como se ele simplesmente fosse dar conta do que foi planejado, sem um engajamento e envolvimento pessoal; essa idéia é gerada pela indústria do entretenimento.

Para Marcellino (2003b) a indústria do entretenimento busca levar as pessoas à diversão, no sentido de “desviar a atenção de”. Acreditamos que está conseguindo, pois elas vivem cada vez mais alienadas à realidade. Baseado nos escritos de Mills²¹; o autor fala da alienação não somente de funcionários, mas dos profissionais do lazer, que têm vendido seu trabalho para o mercado como se fosse um produto; profissionais desse tipo que infantilizam os adultos e só chamam a atenção pelas fantasias e “palhaçadas” que fazem. O autor destaca que esse tipo de profissional na maioria das vezes se torna a atração, sendo maior que a atividade. Critica a idéia de que o bom humor é mais importante que a competência, indicando:

O bom humor é importante não confundir com bobo-alegrismo, do sorriso e solicitude artificiais estampada nos lábios e nos gestos, é fruto de uma situação geral e profissional adequadas, que torna o trabalho escolhido, quando é, prazeroso. É do prazer do trabalho que deve nascer o bom humor, e não do bom humor estabelecido “a priori” como mais uma peça do vestuário colocada, que deve nascer o prazer do trabalho (MARCELLINO, 2003b, p.128).

O autor fala de três elementos importantes, a *seriedade* não entendida como sisudez; a *competência*, como capacidade e habilidade para atuar neste campo e o *compromisso político* do profissional com o trabalho e com a sociedade. Se o animador conseguir somar estes três elementos em sua atuação, de fato, será um profissional reconhecido e valorizado.

²¹MILLS, W. A nova classe média (White Collar). Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

Percebemos que um dos caminhos para a educação do adulto, para a vivência diferenciada de lazer, tem como um dos principais agentes o animador sociocultural, que pode ser o intermediário entre o adulto e o lúdico, manifestado no espaço do lazer.

Se não lutarmos para mudança da idéia de que o bom humor supera as competências, o lazer toma o sentido de rol de atividades, sem fundamentação teórica, sem a base pedagógica e política. Dessa forma, qualquer pessoa pode ministrar um jogo, ou uma brincadeira no momento de lazer, para isso basta saber interpretar e explicar.

A função do animador vai adiante, se remete ao sentido da palavra: a capacidade de dar vigor, coragem, ousadia e colaborar para a superação própria e a dos participantes, através da vivência e reflexão daquele momento de descontração, podendo alcançar níveis críticos e criativos. Assim, o animador precisa apresentar uma nova postura, para que mude este tipo de imagem.

O profissional, através do compromisso de cidadania, consigo mesmo e com os participantes reafirma suas metas, com vistas a ir além, agindo nos planos social e cultural, buscando mudanças significativas diante da realidade.

Uma das formas de se atingir esta meta é utilizar a animação como ferramenta educativa, como indica Carvalho (1977), a animação:

[...] pretende, acima de tudo, provocar alterações concretas na forma de vida dos indivíduos através da sua adesão e atividades próprias, procurando, finalmente, alterações estruturais, única forma de realizar, no plano real, uma autêntica ideologia da transformação social e do desenvolvimento (p.147).

As alterações que podem acontecer na estrutura do sistema são alterações concretas e que podem realmente alcançar transformações sociais, partindo das mudanças nas vidas das pessoas e alcançando a sociedade. Nesse sentido o lazer pode confirmar ainda mais seu caráter educativo.

Portanto, a terminologia animador é significativa e dá vida ao animador sociocultural, que se liga à sociedade, à cultura e à política, tendo o espaço do lazer como campo para sua atuação.

2.2 O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ANIMADOR SOCIOCULTURAL NO CAMPO DO LAZER.

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.²²

Acreditamos que a animação recobre a atuação dos profissionais da Educação Física para além da especificidade do lazer, podendo alcançar todas as suas manifestações de uma maneira ampla.

Isayama nos leva a pensar que:

[...] esse profissional busca alicerçar seu trabalho social e no compromisso político pedagógico de promover mudanças nos planos cultural e social. Uma ação preocupada com essas questões pode contribuir, portanto, com o efetivo exercício de cidadania e com a melhoria da qualidade de vida, buscando a transformação social, para tornar nossa realidade mais justa e humanizada. Representa, assim, uma ação educativa preocupada com a emancipação dos sujeitos (2002 p.109-110).

O profissional de Educação Física atuando como animador sociocultural é o “provocador” das manifestações lúdicas, é o agente transformador que num momento de lazer, além de divertir as pessoas, o que é muito importante, é intermediário e educador, além de ter uma visão ampla de ser humano, objetivando educar e contribuir para emancipação dos sujeitos.

Destacamos que o profissional de educação física não é animador exclusivo no campo do lazer, mas trabalha de forma transdisciplinar, somando seus conhecimentos com outras áreas que envolvam os outros conteúdos de lazer, ainda que os físico-esportivos tenham maior destaque.

²² ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 7ª Ed. Papyrus, Campinas, 2004b.

Carvalho (1977) apresenta a função da animação sócio-cultural, que aqui será vista de forma dialética, abordando tanto o animador quanto o adulto:

1- Proporcionar maior compreensão das pessoas em relação ao mundo que as cerca; contribuir para que as pessoas compreendam a realidade e busquem alternativas para mudança daquilo que não está bom.

2- Maior compreensão da sociedade em que o indivíduo se encontra; a sociedade enxergar o indivíduo como realmente ele é, considerando tanto suas necessidades, quanto suas aspirações e desejos.

3- Uma preparação mais extensa diante das mudanças de comportamento da sociedade e de tudo que a cerca; estar preparado para as mudanças e transformações que acontecem diariamente na realidade e influenciam as suas vidas.

A animação sociocultural, segundo a visão de Carvalho (1977) e Isayama (2002), desempenha um papel fundamental na democratização de acesso ao lazer, atuando na mediação entre a cultura, enquanto patrimônio cultural da humanidade e a população. Sem a criticidade do animador e do participante, não é possível que essa mediação aconteça, além do mais, o animador é o intermediário, ele é quem faz a ligação do participante diretamente com a atividade, ainda que muitas vezes a atividade possa acontecer sem a presença de um animador. O diferencial é que o animador com a formação e informação específica poderá pesquisar, planejar, agir e interagir com os participantes, em busca da criticidade e criatividade.

Para Carvalho (1977) o papel da animação reveste-se de muita importância, pois deve ser espontânea e gerada; espontânea porque deve ser originada de uma forma livre e ao mesmo tempo, gerada porque o animador deve atuar como aquele que cria essa oportunidade; permitindo ao indivíduo que tome posse de seu próprio desenvolvimento, dando sentido a sua existência, tomando consciência do significado da cultura e de suas necessidades. E por parte do animador, deve ter por base o

reconhecimento das necessidades do grupo em que atua, buscando uma mudança de comportamento das pessoas, caracterizando-se como uma liberdade de escolha, respeitando características, na perspectiva de uma participação livre.

O animador precisa conhecer previamente o grupo com que irá trabalhar. Conhecer suas origens, principais características e necessidades. A atuação do animador com grupos religiosos²³, por exemplo, é completamente diferente de atuar com um grupo de empresários, com o qual a empresa possa ter algum interesse de lazer compensatório; ou em uma comunidade, com projetos políticos que visam à “política do pão e circo”. É necessário saber as especificidades de cada grupo, sem perder de vista o sentido real da animação, mas adaptá-lo a cada tipo de grupo.

Em relação à atuação do animador, Marcellino, afirma que:

É importante que as atividades de lazer procurem atender as pessoas no seu todo. Mas, para tanto, é necessário que essas mesmas pessoas conheçam as atividades que satisfaçam os vários interesses, sejam atividades estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção. Em outras palavras, a escolha, a opção, em termos de conteúdo, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece (2004 p.122).

Nesse sentido é necessário que o profissional do lazer tenha competências não para dominar todos os conteúdos, mas tenha a flexibilidade em apresentar tudo o que o lazer abrange, podendo inclusive trabalhar de forma multidisciplinar, ir além de um único conteúdo específico, mas permitir aos adultos, conhecimento de todas as possibilidades e capacidades para ter uma opinião formada sobre os interesses do lazer.

O profissional esclarecido deve dialogar com o adulto a respeito das atividades, para que os mesmos alcancem níveis de criticidade e criatividade, superando a ideia de lazer compensatório, mercadoria e/ou utilitário.

²³ Tipo de grupo com o qual a pesquisadora tem mais experiência.

Não desejamos utilizar o campo do lazer para instrumentalizar o lúdico, mas como meio / ponte de aproximação entre o lúdico e o adulto.

A busca por uma nova ordem social pelo canal do lazer pode a princípio parecer um projeto irrealizável, mas esta possibilidade existe sim; conforme a afirmação de Marcellino:

Acredito que as atividades de lazer constituem um dos canais possíveis de transformação cultural e moral da sociedade, sendo assim instrumentos de mudança, mas instrumentos que podem ser acionados qualquer que seja a ordem social dominante (2001 p.36).

Para isso, em muito contribui a conscientização sobre tudo aquilo que o lazer pode oferecer. Através dele a necessidade de mudança social e cultural fica mais evidente. Dessa forma, cabe ao profissional a busca intensa pela mudança.

Um dos caminhos para mudança é a formação. Confirmamos isso através do estudo de Izquierdo (2004) que, em sua pesquisa: *“O papel do profissional de Educação Física, enquanto animador sociocultural atuando em hotéis”*, conclui que o preparo para este tipo de trabalho é precário durante a graduação, pois a maioria dos cursos não apresenta uma grade curricular sustentável em relação às disciplinas de lazer; a maioria preocupa-se em transmitir “receitas” de jogos e brincadeiras e acabam deixando de lado o papel educativo do lazer.

De fato, os cursos de Educação Física ainda não dão conta o suficiente da formação de animadores para o lazer. Contudo, considerando que a área da Educação Física estuda o ser humano em movimento, e almeja a compreensão deste humano diante de suas ações, movimentações, e ainda, almeja fazer com que o movimento tenha significado para quem o executa, somos profissionais de presença imprescindível e insubstituível nessa área, podendo contribuir para as transformações. Mesmo porque, carregamos conhecimentos sobre os esportes que, segundo Carvalho (1977), é um dos conteúdos da Educação Física que mais chama a atenção das pessoas, é capaz de alcançá-las em todas as camadas.

Não poderíamos deixar de citar as noções trabalhadas por Carvalho (1977), que são bem exploradas e discutidas em outros estudos, como

ações para a atuação do profissional de Educação Física como animador, são elas: a facilitação, a clarificação, a catalização e a promoção.²⁴

A área da Educação Física pode tratar com propriedade da relação do adulto com o lazer, destacando que: “[...] os chamados interesses físico-esportivos constituem o ponto de partida para as inter-relações entre a Educação Física e o Lazer” (ISAYAMA, 2004, p.77).

Segundo Isayama (2003), a intervenção do profissional de educação física no campo do lazer tem aumentado muito; isso se dá pelo fato de que historicamente o lazer é relacionado com as práticas esportivas, jogos, brinquedos e brincadeiras. Atualmente, as práticas de atividades na natureza (uma das áreas de atuação do animador sociocultural) também têm chamado muito a atenção do ser humano, que busca aventuras de risco para extravasar as tensões do dia-a-dia e uma reaproximação com o ambiente natural (BAHIA, 2005).

Contudo, em um estudo feito por Ferreira et all. (2004) com adultos em um Clube dos empregados da Petrobrás em Natal / RN²⁵, os autores chegaram à conclusão de que os adultos muitas vezes preferem o ócio à prática da atividade. Eles afirmam que as pessoas dessa faixa etária carregam as convenções impostas pela sociedade, não se permitem agir de maneira espontânea, têm vergonha de expressar suas emoções e criatividade, ou seja, não se permitem uma expressão significativa de ludicidade. Esse estudo demonstra que o interesse social do lazer é o que mais predomina entre os adultos de maneira geral. O estudo não diz se a opção de nada fazer é dos adultos, uma vez que geralmente são obrigados a fazer uma série de obrigações no seu cotidiano.

O gênero da assistência, nas atividades de lazer dos adultos, pode em algumas vezes prevalecer sobre sua prática, e deverá ser valorizado

²⁴ A facilitação é o canal de comunicação do grupo, que procura abrir canais de contato; a clarificação procura esclarecer para o grupo o significado dos comportamentos individuais e coletivos; a catalização, é um movimento de constante busca do grupo no sentido, de concretizar as ações; e a promoção, é o resultado de toda ação destes elementos, é uma via emancipadora. (CARVALHO, 1977).

²⁵ FERREIRA, A, F. et all. **O lúdico nos Adultos: um estudo exploratório nos frequentadores do CEPE – Natal – RN.** HOLOS, ano 20, 2004.

pelo animador, que deverá estar aberto inclusive à opção da possibilidade de vivência do ócio.

Neste sentido, os conteúdos físico-esportivos são inicialmente o que pode vir a chamar a atenção dos adultos. Neste ponto o profissional de educação física deve atuar de forma competente, apresentando o seu conteúdo, mas apropriando-se principalmente da educação para o lazer dos adultos, através de todos os seus objetos de atuação: os esportes, os jogos, as brincadeiras, as lutas, a ginástica, a dança, etc. O processo de construção para esta educação é progressivo e contínuo, ou seja, avança em cada vivência, superando limites e barreiras, tanto para o animador como para os participantes.

Isayama alerta para o fato de a Educação Física se apropriar dos conhecimentos específicos do lazer, em todos os seus conteúdos:

É necessário considerar, ainda, que para os profissionais formados em educação física, a intervenção exige conhecimentos específicos sobre o lazer ou relacionados a ele, tais como a recreação, o lúdico, o prazer, etc. Esse fato é visualizado, dentre outras possibilidades, no seu trabalho com o esporte escolar, com a dança, com a ginástica, com os jogos e outros conteúdos culturais que propiciem vivências lúdicas, prazerosas e significativas para os sujeitos envolvidos. O que mais uma vez demonstra a necessidade de aprofundamento de estudos sobre o lazer no contexto da educação física (ISAYAMA, 2004, p. 62).

A área da Educação Física precisa investir satisfatoriamente no caminho do lazer, com possibilidades de atuações transdisciplinares, investindo em conhecimento teórico e prático, com intervenção política, social e cultural.

Nesta direção, concordamos com a idéia de intelectuais orgânicos, como indica Isayama (2004), baseado em Gramsci (1979), quando se dirige aos profissionais da educação física como tais, que em sua prática profissional devem:

[...] representar um conjunto orgânico de experiências coletivamente produzidas e organizadas no intuito de permitir a compreensão crítica dos mecanismos de opressão presentes em nosso cotidiano, assim como o conhecimento e a criação de mecanismos para luta contra essa opressão (p. 71).

O profissional na sua atuação não poderá partir da sua visão de mundo e realidade, precisará abrir o leque para enxergar estes mecanismos de opressão e através deste instrumento atingir os participantes, para que juntos encontrem um caminho melhor para lutar. O comprometimento do profissional, vai além de transmissão de conteúdos e conhecimentos e seu compromisso passa a ser pessoal, de para cidadão com cidadão, em busca de uma vida melhor, não só para sua realidade, mas para todas. Dessa forma, a animação dá vida ao seu verdadeiro sentido:

A animação sociocultural, assim, busca se alicerçar na vontade social e no compromisso político – pedagógico de promover mudanças nos planos cultural e social. Portanto, uma ação preocupada com essas questões pode contribuir com o efetivo exercício de cidadania e com a melhoria da qualidade de vida, buscando a transformação social, no sentido de tornar a nossa realidade mais justa e humanizada. Representa, dessa forma, uma ação educativa preocupada com a emancipação dos sujeitos (ISAYAMA, 2004, p. 72).

A animação reaviva o compromisso com a sociedade através do pedagógico, propondo mudanças e principalmente transformando os sujeitos para que lutem por uma sociedade mais justa e humanizada.

Recorremos novamente a Isayama, quando fala do envolvimento do profissional com a sua prática:

[...] é fundamental que o profissional se envolva e participe, de forma crítica e criativa, com diferentes práticas culturais, priorizando a ampliação das suas próprias vivências de lazer, de modo condizente com sua prática profissional (ISAYAMA, 2002, p.113).

A ação do profissional de Educação Física que atua com domínio sobre os conteúdos físico-esportivos, não pode se limitar apenas a algumas atividades esportivas, ao futebol, por exemplo. É preciso apresentar novas possibilidades de ações aos participantes em outras modalidades e conteúdos. Ainda que, para os homens o interesse pelo futebol possa ser predominante, é interessante apresentar outras manifestações esportivas.

A procura pelas atividades desenvolvidas junto à natureza, atualmente, tem sido muito grande, e é a faixa etária adulta (principalmente os mais jovens), a maior parte dos que se engajam nestas atividades. E os animadores estão preparados para atuar com eles neste campo? Esta questão gera problemas para um novo estudo.

Assim, a Educação Física deve atuar para além dos esportes tradicionais, tendo como base o compromisso social e político. Segundo apresenta Cauduro:

Quando falamos de uma educação física comprometida com o social, devemos estar aptos e conscientes para realizar a leitura de todos os tipos de corpos, principalmente os das crianças, com os quais necessitamos trabalhar. É necessário ler o sentido e o significado de cada contexto no qual estamos atuando para podermos usar a metodologia mais adequada a cada realidade (CAUDURO, 2003, p.33).

A autora se dirige à atuação do profissional voltada para o contexto social, reconhecendo as diferenças corporais. Não podemos refutar e deixar de lembrar que o adulto também está inserido nesse contexto. Nesse sentido, quando se fala da leitura individual de cada realidade, é preciso enxergar de modo diferenciado a metodologia mais adequada para atuar junto à faixa etária adulta, considerando suas dificuldades a partir da realidade de suas vidas.

Cada área de interesse, dentro dos conteúdos específicos do lazer, defende uma parte da “fatia” de sua atuação, sempre dando maior ênfase e importância ao que for interessante para o seu conteúdo. A Educação Física defende veementemente sua atuação, com grande relevância na área do lazer, principalmente com relação às práticas esportivas. Isayama (2002), em virtude de dar valor a todos os interesses, discorda de que o profissional de Educação Física seja o mais habilitado para atuar no campo do lazer, como animador sociocultural. O autor justifica-se, quando fala da importância e necessidade de projetos integradores no campo do lazer, não se limitando a uma área específica, como a Educação Física.

Em relação aos conteúdos do lazer, os profissionais de diferentes áreas têm o hábito de limitar o lazer somente à sua especificidade, deixando de lado os

outros conteúdos e fazendo da sua área a mais importante; eles não enxergam o ser humano inserido no todo, como pessoa que necessita satisfazer necessidades e desejos em busca de superação. Para Isayama, essa ação é problemática, pois:

A ação, nesse caso, torna-se restrita, uma vez que o profissional desconsidera a diversidade cultural que permeia o lazer, e assume o trabalho a partir do referencial específico de sua área de formação, desconsiderando a importância da realização de trabalhos integrados (2002, p.101)

Uma das dificuldades da atuação do profissional na área do lazer é exatamente esta, de abrir o leque para trabalhos integrados. Quem perde com isso são os próprios profissionais, pois se privam da oportunidade de trocar conhecimento com outras áreas, os participantes também perdem e conseqüentemente a construção da cultura fica limitada somente a alguns interesses. Ainda neste aspecto, Isayama indica que:

É preciso também que o profissional evite a tendência à valorização de suas preferências em termos de conteúdo e gêneros, e observe os riscos decorrentes da atuação institucionalizada. Analisando esses riscos, percebemos que a imposição pode gerar ou não – participação efetiva dos sujeitos, por meio da dominação sociocultural (2002 p.101).

A ação neste sentido deve ser democratizada entre os participantes que, com a possibilidade de terem voz ativa na tomada de decisões, podem assim quebrar a dominação do sistema.

Reiteramos que o profissional de Educação Física desempenha papel fundamental no campo do lazer. Enfatizamos o esporte como o conteúdo mais procurado pelas pessoas, independentemente se pela prática, assistência e conhecimento²⁶; por isso o profissional de Educação Física é relativamente mais valorizado, lembrando que ele deve ter uma visão ampla e interdisciplinar do lazer, considerando todos os conteúdos com a mesma importância.

²⁶ Classificados como gêneros do lazer: prática, assistência e conhecimento. (MARCELLINO, 2002).

É importante destacar que independente da área de formação do animador, com sua presença ou não; o momento de lazer acontece. O autor alerta que:

[...] penso ser imprescindível refletir sobre o próprio sentido da animação sociocultural, já que nem sempre é necessária a presença de um profissional para que as vivências de lazer aconteçam. Os próprios sujeitos podem, espontaneamente, desenvolver os conteúdos que desejarem. No entanto, em outros momentos ou espaços é interessante (e muitas vezes fundamental) a participação de um profissional que possa contribuir para o desenvolvimento de experiências de lazer, comprometidas com a mobilização e o engajamento político (ISAYAMA, 2002, p.96).

Na verdade, o que pode acontecer é que os próprios participantes organizem um momento de lazer, com qualquer atividade. Porém, a presença do profissional, neste caso, é dispensável, se o grupo já tiver autonomia suficiente para desenvolver atividades espontâneas com qualidade.

Isayama apresenta alguns princípios básicos que devem ser considerados pelos profissionais: *adesão livre e espontânea*, as pessoas participam se quiserem; *a liberdade* para que todos possam participar do processo como sujeitos que detêm o direito de optar, todos podem se manifestar e agir; construir coletivamente os projetos e *as ações desenvolvidas*, envolvendo as relações de troca entre os profissionais e os sujeitos; e ainda respeitar a diversidade cultural ampliada no campo do lazer.

Esses momentos de lazer “independentes”, sem a presença de um profissional da área, geralmente se subordinam a lazeres com a falta de engajamento político e planejamento, e se tornam simplesmente práticas de atividades; as pessoas não percebem que por esse canal podem transcender o movimento do local para a comunidade, da comunidade para a cidade; mobilizando os políticos, podendo construir projetos coletivamente. Para que isso aconteça é necessário tornar o pedagógico mais político; por isso a presença do animador é imprescindível, para que haja essa ponte.

Isayama (2002) refere-se a tornar o pedagógico mais político, inserindo as vivências de lazer no setor político, reafirmando o lazer como canal de luta referente às questões de poder. Nessa lógica, contextualizar a atuação do profissional de Educação Física no campo de lazer, como animador, em intervenção com a faixa etária adulta, buscando a manifestação do lúdico como construção cultural, além de produto e conteúdo, mas essencialmente como processo, vai além de uma atuação profissional simplesmente. Trata-se de uma atuação animadora no sentido de estimular as pessoas a serem conscientes do que podem alcançar através da educação pelo e para o lazer.

Para isso é necessário que a formação e atuação do animador se consolidem na expectativa do real significado da animação sociocultural, com a realização de estudos sociais, que entendam os problemas das pessoas adultas em relação as suas vivências no lazer, podendo compreender o cotidiano dessas pessoas e dos profissionais.

Neste sentido, Isayama (2002) propõe a ação / reflexão / ação, como um caminho fundamental, onde o profissional se torna pesquisador de sua prática, reafirmando seus compromissos com a luta pelo conhecimento e promovendo uma interação entre a teoria e a prática.

Quando se discute a formação de um animador, na perspectiva da Educação Física:

[...] é necessário lembrar que entendo o lazer como campo multidisciplinar que possibilita a concretização de propostas interdisciplinares, por meio da participação de profissionais com diferentes formações (Educação Física, Turismo e Hotelaria, Arte - Educação, Sociologia, Psicologia, Pedagogia). Lamentavelmente, muitas vezes se pensa que para atuar nesse campo, não é necessário ter formação específica e aprofundada sobre o tema. (ISAYAMA, 2002, p.93).

Esta também é nossa busca, contextualizar a atuação do profissional de Educação Física no campo do lazer, relacionado especificamente com o adulto, buscando construção cultural, como produto, processo e projeto do traço lúdico.

É necessário atuar na prática e refletir sobre a mesma; não bastam somente a alegria e a facilidade de falar com as pessoas, para que haja uma

transformação da realidade. E para que o lazer seja o ponto de partida dessa mudança é preciso refletir e agir, e nessa complexidade de reflexão e ação, interagir internamente e externamente, lado a lado com os cidadãos participantes. Dessa forma a animação se consolida, além do esperado e alcança níveis de possibilidades jamais imaginados.

Isayama critica a forma como o lazer é entendido pelos currículos dos cursos de graduação em Educação Física, afirmando que:

O sentido que muitas vezes é atribuído ao lazer, em alguns currículos dos cursos de graduação em Educação Física, está relacionado à sua consideração como algo não sério, válvula de escape, fonte de consumo de bens/serviços e meio compensador de frustrações advindas dos problemas gerados em nossa sociedade, visões que necessitam ser repensadas, por meio da sistematização dos conhecimentos nos currículos dos cursos de graduação em Educação Física (ISAYAMA, 2002,p.92).

Para que a atuação do profissional de Educação Física no campo do lazer seja satisfatória, é preciso interferir na sua formação e o modo como o lazer é entendido nesta área. Considera-se necessário superar o conceito de lazer como algo não sério, válvula de escape e fonte de consumo, mas repensá-lo na ótica dos aspectos tempo e atitude, com vistas ao desenvolvimento pessoal e social e ainda como momento de construção de novos valores culturais e sociais, que possam enxergar e fazer do lazer aquilo que ele realmente é.

Dessa forma a ação do animador sem qualquer engajamento pessoal, contribui para o consumo das mercadorias de lazer, gerando barreiras e igualando as diferenças, fechando os olhos para as diferenças sociais e culturais.

Partindo da formação, como caminho de mudanças dos quadros curriculares, é possível superar esta compreensão equivocada do lazer.

Essas visões precisam ser repensadas por meio da sistematização dos conhecimentos nos currículos dos cursos de graduação em Educação Física, mudando a base de formação do animador, para que o próprio entenda e atue com o lazer de forma séria, agindo diretamente sobre os valores equivocados tanto do profissional como do participante.

Em relação aos valores, Alves (1987) fala da relação do corpo com nossos valores, e a partir disso, a presença do profissional de Educação Física se confirma cada vez mais, pois lidamos com corpos que trazem valores individuais. Muito mais do que movimentos corretos e específicos de um esporte ou de um exercício físico; lidamos com o que cada movimento carrega em si. Como trabalhar essa relação com o adulto? Quais as possibilidades de verificarmos neles os valores impressos nos seus corpos, em meio à diversidade cultural? Este seria um novo tema a ser discutido em um novo estudo.

Para a Educação Física o corpo em movimento representa a esfera de estudo, sendo assim, trabalhamos com as intenções humanas que os corpos carregam. Destacamos então, o papel do lúdico, como componente da cultura, representado aqui como jogo, brinquedo, brincadeira, teatro, cinema, dança e festa, etc, ou ainda, uma manifestação livre de alegria e liberdade no espaço do lazer, relacionando-se com as intenções destes corpos.

Qual a liberdade lúdica vivida pelos adultos atualmente? O lúdico pode contribuir para descobrirmos o significado real de nossas lutas, para partirmos da intenção humana e não da função que exercemos no esquema desse sistema.

Este é um dos motivos que colaboram, para a atuação do profissional de educação física no campo do lazer como animador. Atuar com corpos repletos de intenções em busca de superação.

Para que estas ações se consolidem, concordamos com Izquierdo (2004):

É necessário lutar pela formação de profissionais que estejam na linha de frente de um trabalho interdisciplinar, que estejam preparados e criticamente engajados, ávidos por mudanças e pela participação de todos na transformação das vivências de lazer desenvolvidas em nosso meio. Para isso, não basta concebê-los como simples reprodutores: os profissionais têm de ser agentes de mudança capazes de abalar e promover uma reflexão sobre vários fundamentos sociais em nossa cultura; repensar os limites e as possibilidades da situação na qual se encontram; analisar as contradições; identificar horizontes de manobras; suportar conflitos e incertezas e, sobretudo correr riscos (2004 p.10).

A partir da formação é possível que os animadores cumpram com seu papel de animar, em busca de mudanças e transformações, refletindo sobre sua prática,

repensando limites e novas possibilidades, superando os conflitos e incertezas, renovando esperanças.

Se a atuação do animador for dessa forma, com esses princípios, capacidades e intenções, é possível que se tenha uma verdadeira participação cultural e social do adulto na realidade em que vive. E ainda, se tiver a participação cultural como base de renovações, é possível a instauração de uma nova ordem cultural (MARCELLINO, 1996).

2.2.1 – O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ANIMANDO A IDADE ADULTA.

[...] brinca com os meus sonhos. Vira uns de pernas para o ar, põe uns em cima dos outros e bate as palmas sozinho sorrindo para o meu sono.²⁷

Os adultos encaram os jogos e brincadeiras, especificamente, como possibilidade de fuga da realidade, eles buscam esquecer os problemas do cotidiano (OLIVEIRA, 1986). Talvez seja por isso que exista essa idéia de que é função do animador despertar os participantes para a possibilidade de esquecerem dos seus problemas, fazer com que eles deixem de lado as suas angústias e dúvidas; o fato de manter esta idéia faz do animador um simples reproduzidor.

Entendemos que essa ação é negativa e limitada, e colabora para uma participação conformista no lazer. O diferencial para mudança desta realidade pode ser a influência de valores que o animador conseguir transmitir para os participantes, para além dessa fuga, com base em uma vivência real que consolide ações no plano cultural, com vivências significativas para os adultos.

Reportando-nos ao entendimento da cultura como “*construção de significados*” (MARCELLINO, 2005) que direcionam a vida social do ser

²⁷ ALVES, R. **Ao professor com meu carinho**. 5ª Ed. Verus, Campinas, 2004b.

humano, é possível que essa construção seja alcançada durante a manifestação do lúdico, no campo do lazer, com a intervenção consciente e significativa do animador que saliente a importância da cultura, da política e da socialização.

Souza (1999), em relação à atuação do animador em clubes, especificamente com as crianças, propõe que: “[...] os profissionais de lazer tenham a função de transmitir o patrimônio cultural, porém, reconhecendo e propiciando espaço para que as crianças possam produzir e usufruir da cultura através das trocas culturais” (p.87).

Que seja assim também com a atuação do animador com os adultos, que haja reconhecimento da necessidade de lazer deles, com possibilidade de espaço para a criação e troca de culturas, possibilitando tanto a transmissão do patrimônio cultural, como propiciando oportunidades de se criar uma nova cultura.

Contudo, é necessário mudar a visão de que o profissional preocupe-se simplesmente com o divertimento, que o papel dele é desviar a atenção dos participantes, apoiando o consumo alienado, que se liga à fragmentação e perda de consciência do ser humano, que passa a ser dirigido pelo sistema (ISAYAMA, 2002).

Um dos aspectos que contribui para essa alienação é a fragmentação do trabalho, o adulto é obrigatoriamente forçado a dedicar a maioria destes anos de vida ao trabalho, uma atividade da qual, muitas vezes, não se obtém prazer, ou ainda, que não leva a nenhum engajamento pessoal. Essa alienação alcança todas as esferas da vida do adulto, inclusive faz com que ele tenha o mesmo entendimento e visão em relação ao profissional de lazer tal qual concebido pelo senso comum, como vimos anteriormente. Essa idéia recai sobre o profissional de Educação Física e sobre o adulto, principais elementos nesse estudo.

Considerando que a faixa etária adulta é dominada pela racionalidade da lógica que impera nesse sistema, e essa racionalidade exacerbada também atinge ao profissional. É necessário que tanto os profissionais como os adultos revalorizem a cultura popular e sua diversidade, como indica Isayama:

Na busca de superação de uma vivência de lazer, moldada pela produção / consumo dominante na sociedade, é necessário que a educação incorpore relações culturais, transformando-as em ações críticas, ampliando chances de escolha de conteúdos e educando para inclusão de todos os segmentos historicamente marginalizados (2002, p.116).

A faixa etária adulta é entendida aqui como um seguimento marginalizado, pois está moldada pela lógica da produção e consumo, limita-se a vivências do lazer mercadoria, compensatória e utilitarista, conforme vimos no capítulo anterior.

Um dos caminhos para superar essas relações e compreensões equivocadas está na formação do profissional animador, que é uma das deficiências da área, podendo ser sanada através de uma compreensão ampla do significado de lazer, valorizando os aspectos de tempo e atitude. E qual deve ser essa compreensão? O significado do lazer varia de acordo com os momentos históricos e o lazer se apresenta com significados próprios (MARCELLINO, 2001).

Neste sentido, a atuação do profissional com os adultos é fazer o papel de mediador; mediar a troca de experiências entre um participante e outro, colaborar para o encontro de diferentes culturas e o que esta ação representa para a cultura como patrimônio da humanidade e a importância disso. Mediar também o conhecimento gerado pelo grupo e o que os seus participantes poderão fazer com isto em mãos, agindo no contexto cultural, político e social.

Quando pensamos na atuação direta junto à idade adulta, notamos que o incentivo do senso crítico e criativo, ou seja, a educação para essas atitudes deve ser dada à mesma atenção, do que em qualquer outra faixa etária, pois, são os adultos que contribuem para manter a ordem estática e muitas vezes se sujeitam a mesma, reprimidos pelas leis do sistema. Dessa forma, é preciso trabalhar tendo em vista alguns princípios:

[...] tais como, a adesão livre e espontânea; a liberdade para que todos possam participar do processo como sujeitos que detêm o direito de optar, de construir coletivamente as ações e os projetos desenvolvidos, buscando respeitar a diversidade cultural que integra o campo do lazer (ISAYAMA, 2003, p. 73).

Essa postura é imprescindível, para que os adultos possam manifestar-se como pessoas atuantes, podendo construir coletivamente não só as ações, mas somá-las à reconstrução de relações, considerando a diversidade cultural.

Um dos caminhos para que esta ação se consolide é a atuação diferenciada do profissional que precisa assumir com as suas responsabilidades pedagógicas e políticas; sua intervenção não deve ser desinteressada e isolada das relações de dominação do sistema, mas deve possuir uma expressiva dimensão política (ISAYAMA, 2003).

Quanto mais próxima estiver a atuação do profissional em relação ao adulto, mais efetiva deverá ser a intervenção na sociedade, pois a faixa etária adulta é voz ativa no meio social. O profissional tem o papel de chamar a atenção das pessoas para os acontecimentos de uma maneira geral, e também ficar atento, desenvolvendo o papel de educador para e pelo lazer, tendo um compromisso social que refletirá na ação política.

Atentamos para o fato de que os participantes não gostam de ser guiados, sentem a necessidade de opinar e participar. O que acontece muitas vezes é que não sabem como, pois sempre foram impedidos de tomar essas atitudes. Toda essa situação leva o animador a direcionar os interesses do lazer de forma abusiva, esquecendo dos valores pedagógicos. Isayama afirma que:

[...] o direcionamento excessivo das atividades, deixa de lado o papel pedagógico da animação e contribui para reforçar os valores da ideologia dominante, encorajando práticas tradicionais que não possibilitam o envolvimento crítico, criativo e consciente dos participantes. (2002, p.100).

De fato os animadores têm a tendência de direcionar as atividades; percebemos que na atuação com a idade adulta esta atitude precisa ser repensada, assim como para todas as faixas etárias.

O animador precisa incentivar o envolvimento dos adultos na escolha e nos critérios usados para as atividades. Sua atuação precisa ser extremamente flexível e respaldada por argumentos legítimos, com uma prática reflexiva.

Os momentos de lazer e recreação para crianças, adultos e idosos em muito se diferenciam, principalmente quanto ao critério usado para a escolha dos conteúdos e atividades abordadas. Também é diferente a relação dos

participantes com o animador, que será diferente de acordo com a faixa etária. Além disso, o senso comum enxerga o animador sociocultural, o profissional do lazer como o engraçado, o palhaço da equipe multiprofissional, que veio para fazer as pessoas rirem; que não tem conhecimento, e que, para animar, não precisa nem de formação específica, basta sorrir e contar piadas (ainda que tais ações possam acontecer). Existe uma diferença entre ser extrovertido e palhaço. Sem desmerecer a atuação destes profissionais, esclarecemos que é necessária a competência profissional, além de facilidades pessoais e isso deve ser demonstrado pela atuação do animador, para que seja reconhecido, independentemente de atuar em escolas, clubes, festas, hotéis, hospitais, colônia de férias, etc.

A facilidade que o animador tem em transmitir o conteúdo e comunicar-se com alegria é de extrema importância; contudo é preciso somar a sua competência e valorizar a sua atuação, através da teoria e da reflexão sobre sua prática.

Um outro problema que chama a nossa atenção é a questão dos pacotes de lazer. Isayama afirma: “Os “pacotes de lazer” também constituem uma dificuldade, pois são elaborados pelos profissionais para simples consumo e, na maioria das vezes, visam aos objetivos consumatórios de prazer e descanso” (2002, p.100).

O grande problema destes pacotes é a falta de engajamento do profissional, para planejar as atividades que não vão além dos objetivos consumatórios. Como é possível, através destes pacotes, proporcionar atividades integradoras e realizadoras para as pessoas? Como falamos anteriormente, o consumo quando é consciente, pode ser feito de uma forma crítica e criativa, como também é possível participar de um lazer consumo sem estar sempre ligado a essas questões.

Marcellino (2003a) destaca que o animador não pode deixar de lado o papel pedagógico, e não pode reforçar os valores da ideologia dominante; deve encorajar a práticas inovadoras que levem à real participação crítica e criativa dos

cidadãos. Nesse sentido, o autor fala da significância que o lazer pode trazer para vida das pessoas, pois, quando o indivíduo toma parte naquela situação e se envolve, cria laços, é possível ir além, ultrapassando os próprios limites e passando a ter opiniões políticas que podem mudar a realidade de sua comunidade.

O autor afirma que:

Assim, é necessário que a Educação Física ao tratar das questões do lazer a ela relacionadas, não se restrinja ora ao seu próprio âmbito, ora a negação do lazer como parte de sua área de estudo/intervenção, tendências que ocorrem simultaneamente entre nós, aprofundando o isolamento de questões relativas à teoria/prática, ao agir/pensar, e contribuindo para a manutenção de uma determinada ordem social estabelecida (MARCELLINO, 2003a, p.183).

Dessa forma, cabem ao profissional a *competência específica*, o *compromisso político* e a *reflexão sobre os rumos da ação*, para uma atuação efetiva (MARCELLINO, 2003a).

Em relação à atuação direta com a faixa etária adulta, tema desde sub-item, o profissional deve basear-se nestes elementos, respeitando as características e necessidades deste grupo e principalmente considerar o papel do lazer enquanto objeto e veículo de educação. O papel dos animadores, assim, é educar os adultos para agirem socialmente em busca de uma vida melhor.

2.3- POLÍTICA DE LAZER

É uma criança bonita de riso e natural. [...]
Atira pedras aos burros,
rouba a fruta dos pomares. [...]
Corre atrás das raparigas que vão em
ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças e levanta-lhes
as saias. [...]
Mostra-me como as pedras são
engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas. [...]
Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um
poeta,
E como se cada pedra fosse todo um
universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.²⁸

Pensar em política pública sempre é algo complicado e extremamente discutível; envolvem ideais e idéias completamente diferentes, e que na maioria das vezes está associada a algum partido político. Os projetos geralmente partem da hierarquização das necessidades, os políticos e os idealistas inventam os projetos pensando primeiramente no atendimento das necessidades “básicas”. Como é possível pensar em lazer, em diversão se as pessoas não têm o que comer ou vestir? Sempre ouvimos em campanhas políticas várias promessas; dificilmente alguma sobre uma política pública de lazer; em algumas até vemos o destaque para o esporte. Não que as atenções não devam se voltar para sanar os problemas das classes desfavorecidas, mas o lazer também é uma questão importante e deve ser valorizado.

Marcellino (2001) indica que quando convivemos diretamente com as pessoas percebemos a importância do lazer como busca de significado para suas

²⁸ ALVES, R. **Ao professor com meu carinho**. Verus, Campinas, 2004.

vidas. Dessa forma, o lazer ligado tanto à política como à cultura é capaz de dar sentido à vida dos adultos. Para isso é preciso pensar numa política de lazer de forma abrangente. O autor afirma que:

Falar numa política de lazer significa falar não só de uma política de atividades, que na maioria das vezes acabam por se constituir em eventos isolados, e não em política de animação como processo; significa falar em redução de jornada de trabalho – sem redução de salários e, portanto, numa política de reordenação do tempo, numa política de transporte urbano etc; significa também, falar numa política de reordenação de solo – urbano, incluindo aí os espaços e equipamentos de lazer, o que inclui a moradia e seu entorno; e finalmente, numa política de formação de quadros, profissionais e voluntários para trabalharem de forma eficiente e atualizada. Resumindo: o lazer tem sua especificidade, inclusive como política pública, mas não pode ser tratado de forma isolada de outras questões sociais (MARCELLINO, 2001, p.12).

Entendemos política pública de lazer como aquela que envolva o ser humano em todas as suas esferas, considerando principalmente esse ser como produtor de cultura e simbólico, no sentido de que suas práticas devam ter significados, para que assim ocorra a possibilidade de transcendência, ir além do que a sua própria realidade apresenta. É necessária a política pública de lazer, mas também de segurança, por exemplo, pois, do que adianta existir um parque público com atividades culturais, se as pessoas não se sentirem seguras para irem até lá?

Pinto (2001) propõe um corpus em construção que registra saberes e competências a educadores e educadoras, comprometidos com a cidadania e com a ludicidade. Percebemos fatores com características diferenciadas e que se completam, podendo ajudar-se mutuamente.

Quando nos referimos ao lúdico, pensamos no brincar, no brinquedo, jogo, festa, etc. Contudo, quanto à cidadania, já pensamos na atitude de cidadão com valores pautados na ética e moral, com normas e regras de convivência. E, em itens tão diferentes, vemos uma fusão tão perfeita; em concordância com a autora, o comprometimento do profissional precisa partir da manifestação da brincadeira até a seriedade da construção de valores e cidadania. De que forma isto seria possível? Dando conta de algumas deficiências apresentadas por Pinto (2001):

1 - *fazer um levantamento de interesses e demandas para o lazer*, é necessário saber qual o interesse que os adultos têm no lazer, se sabem o que é o lazer e quais interesses lhes atraem mais;

2- *propiciar acesso aos diferentes conteúdos do lazer*, a partir do item número 1;

3- *equipamentos adequados para todas as regiões e incluso equipamentos adequados para diferentes faixas etárias*; (percebemos aqui a visão da autora, para as especificidades das idades). Não adiantam parques infantis se o objetivo for alcançar os adultos, como também é inválida a construção de ginásios se os adultos não se interessarem pelo conteúdo físico-esportivo;

4- *considerar o ser humano como agente e transformador cultural*; ou seja, um ser humano que inventa e reinventa, enterra e faz nascerem novas e velhas idéias;

5- *corpo presente no mundo*; considerar o corpo do adulto e suas necessidades específicas, não de forma isolada, mas com real interesse em seu bem estar;

6- *integração das pessoas de diferentes idades*; a possibilidade de encontro e troca de experiências humanas, de vidas com histórias diferentes, mas com a possibilidade da vivência do lúdico, manifestado no lazer como algo em comum e que possam partilhar;

7- *ampliar orçamento destinado ao lazer*, acreditamos que este item seja um dos pontos mais difíceis, devido à falta de interesse político sobre este aspecto;

8- *transpor a compreensão do lúdico e do lazer de forma a ampliá-los*; e por fim modificar, reconstruir a idéia de lúdico e lazer que impera no senso comum, rompendo com os preconceitos dos adultos em relação a estes componentes.

Existem, ainda, alguns elementos básicos, a que a autora se refere como competências necessárias aos educadores e educadoras do lazer. O primeiro deles relaciona-se com valores do educador de forma contextualizada, ou seja, inserido na sociedade; o segundo refere-se ao papel social que o educador deve desenvolver; o terceiro, o conhecimento que ele deve ter dos conteúdos e da

articulação interdisciplinar; e o quarto refere-se à atuação do educador e educadora, devendo ir além do conhecimento técnico, para superarem as deficiências.

Em relação às deficiências na formação do animador, destacamos a afirmação de Isayama sobre a necessidade de compreender o lúdico, que na nossa visão é um dos componentes que contribuem para uma atuação mais efetiva dos animadores:

Assim, existe a necessidade de formação de profissionais para o campo do lazer pautada em estudos aprofundados sobre as relações mais amplas no conjunto das vivências lúdicas, o que pode levar a uma maior compreensão do nosso cotidiano, considerando os diferentes pontos de vista, interesses e conhecimentos que engloba (ISAYAMA, 2004, p. 76).

A formação do profissional precisa abranger a questão do lúdico, não simplesmente como um sinônimo de atividade, mas entendê-lo como fenômeno fundante da cultura, ou seja: quando brinco, quando jogo, quando me divirto, quando dou gargalhada com uma peça, ou quando choro assistindo a um filme, etc... Isso é o significado de lúdico. Nestes momentos nascem significados, enterram-se outros; e ainda pode ser uma possibilidade de compreender e questionar o dia-a-dia, em todas as esferas de atuação humana.

Recorremos a Padilha, quando pensamos na instauração de uma política pública de lazer. A autora afirma que o governo deve pretender:

[...] desenvolver política pública de lazer respeitando o verdadeiro significado da expressão política pública e entendendo lazer num contexto maior de cultura (compreendida no seu sentido amplo e não no seu sentido reificado), deveria entender que o público não é mero espectador, que ele deve ser visto como parte do processo, como coadjuvante das ações políticas. (PADILHA, 2004, p.77)

Uma política pública de lazer seria então uma contribuição de valores de ordem moral e cultural, com o objetivo de proporcionar prazer e muita alegria em sua vivência, e ainda, valores que transformem a sociedade atual, com um ser humano não mais acomodado, ajustado à ordem, mas um ser humano crítico e criativo, que encara a realidade consciente de suas possibilidades, como ator principal no processo e promotor das ações políticas.

Para que uma política de lazer se consolide também, é preciso considerar as possibilidades do lazer enquanto instrumento de mobilização e participação cultural, o lazer precisa movimentar as pessoas no sentido de que elas se relacionem, transmitam e construam a arte, o conteúdo intelectual, o esporte, o conteúdo manual, enfim, todos os aspectos ligados à cultura.

Para isso é necessário: 1. de um lado, integrar esforços de grupos populares da cidade, atuando a partir das suas manifestações culturais, considerando os níveis de participação, e procurando através de uma política de animação sócio-cultural, superar esses níveis, de conformistas para críticos e criativos, sem descaracterizar a participação; 2. de outro lado, a atuação conjunta, com grupos e organizações ligados ao setor cultural. E ainda, considerar as barreiras das questões econômicas, gênero, faixa etária, o espaço, fatores que limitam o lazer qualitativa e quantitativamente (MARCELLINO, 1996).

Para implantar uma política pública de lazer é necessário, segundo Marcellino, mais que um rol de atividades:

Envolve, também, discussões sobre a reordenação do tempo, na cidade, e a necessidade de minimizar as barreiras que contribuem para o “todo inibidor” para a prática do lazer, sobretudo as existentes intraclasses sociais, como a faixa etária, sexo, estereótipos, violência. No entanto, as existentes interclasses sociais devem ser consideradas priorizando o atendimento à classe trabalhadora (2001 p.13).

É necessário inserir os participantes na esfera política, confirmando a idéia de que o lazer representa uma possibilidade de luta em relação às questões de poder, reconhecendo as barreiras na tentativa de minimizá-las.

O pedagógico e o político precisam caminhar juntos. O pedagógico como canal educacional e o político como canal de reivindicações para mudanças. O lazer neste sentido precisa se desvincular do cunho assistencialista e ser reconhecido como direito social.

Para isso é preciso que os profissionais de todas as áreas, do lazer, da saúde, da educação, da economia, da política, enfim, todos aqueles comprometidos com a qualidade de vida do ser humano, tenham a mesma meta. Segundo Alves:

Ao descobrirmos, porém que partilhamos esperanças similares, que participamos da mesma sinfonia de gemidos, desejando arriscar nossas vidas pela criação de um mundo que nós dois possamos amar, podemos então dar as mãos... (1987, p.167).

É somente desta forma que acreditamos na consolidação de uma política pública, dividindo as angústias e somando as vitórias. O autor ainda alerta que:

Ah!”, retrucarão os professores, “a felicidade não é a disciplina que ensino. Ensino ciências, ensino literatura, ensino história, ensino matemática...” Mas será que vocês não percebem que essas coisas que se chamam “disciplinas”, e que vocês devem ensinar, nada mais são que taças multiformes coloridas, que devem estar cheias de alegria? (ALVES, 2000, p.12.)

Ele se dirige aos professores, e nosso intuito é nos dirigirmos a todos os profissionais que trabalham com as pessoas, que busquem acima de tudo transmitir a alegria, através de suas ferramentas de trabalho.

E encerramos este capítulo com a possibilidade de resgate do gosto e sabor da festa, como esperança da instauração de uma nova ordem social:

[...], mas manifestar a crença na possibilidade de mudança, sem a espera da situação ideal para a ação, sem a atuação marcada pelo “tarefismo”, mas na aliança de “competências” para gerar “novas competências” engajadas no compromisso de superação do quadro atual que se verifica no plano social, e na re-descoberta do “gosto e do sabor da festa”. (MARCELLINO, 2004, p. 152-153).

Por meio da aliança de competências, sem o tarefismo o fazer pelo fazer mas a ação com sentido e significado do participante ao animador, serão possíveis mudanças.

Retomando o questionamento feito no início do capítulo, acreditamos que o profissional de Educação Física como animador sociocultural pode atuar de forma competente junto à faixa etária adulta, partindo dos princípios apresentados neste estudo e, ainda, contribuir para melhor qualidade de vida destas pessoas.

Os aspectos principais que envolvem a relação do animador com a idade adulta são: o conhecimento prévio do grupo, a possibilidade de eles terem oportunidade de opinar, a troca de experiência entre um e outro, a questão da socialização e sociabilidade. E a operacionalização dessa relação pode se dar

através do diálogo entre profissionais e participantes, em busca do mesmo objetivo, “redescoberta do gosto e sabor da festa”.

Capítulo III: Em campo: caminhando com os adultos pelo lazer

Esse capítulo tem como objetivo descrever os caminhos percorridos pela metodologia; apresentar a escolha da cidade e dos espaços de lazer que foram pesquisados, assim como suas atividades; expor a observação participante, a partir do diário de campo, descrevendo cada atividade selecionada, relacionando-as com as categorias de análise, com a possibilidade de perceber o que as pessoas buscam no seu tempo de lazer, e ainda verificar como se dá a intermediação do profissional entre o adulto e o lúdico; e analisar as falas dos profissionais e dos adultos, a partir dos formulários.

Os clubes foram eleitos pelos critérios de acessibilidade e representatividade, assim como as atividades. Os adultos foram selecionados de acordo com as atividades que praticam, pela estratificação por gênero, profissão e faixa etária. E os profissionais foram selecionados de acordo com a atividade em que atuam, pela estratificação por gênero, profissão e tempo de exercício profissional.

3.1. OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Descrevemos neste item os caminhos da metodologia, que teve como ponto de partida a observação participante, baseada nas categorias apresentadas no sub-item 3.1.1 e a aplicação de formulários (anexos 2 e 3).

Utilizamos como modo de investigação o estudo comparativo (BRUYNE, 1977), em clubes social-recreativos, e em uma praça esportiva da cidade de Americana – SP, escolhidos por critérios de representatividade e acessibilidade.

3.1.1. AS “CATEGORIAS” DE ANÁLISE

Com relação à pesquisa bibliográfica, segundo Severino (2002), as técnicas utilizadas foram as análises: textual, interpretativa e crítica, já apresentadas no

primeiro e segundo capítulos, e que, de forma sintética, apontaram as seguintes “categorias de análise”, apresentadas a partir de quatro eixos norteadores:

1- Faixa etária adulta: a transformação de crianças em pessoas adultas considera-se:

- os programas de educação e socialização (ALVES, 1987);
- a visão da sociedade em preparar a criança para o futuro (MARCELLINO, 2003);
- a visão da sociedade em enxergar a pessoa adulta como ser produtivo no trabalho (PADILHA, 2004);
- a classificação etária (PARKER, 1978 e IBGE).

2- Lúdico: como componente fundante de cultura a partir:

- da necessidade de se entender o que é o lúdico (MARCELLINO, 2005);
- do furto do lúdico na vida adulta (ARIÉS, 1976; HUIZINGA, 1986);
- dos preconceitos em relação ao lúdico na vida adulta (CAMARGO, 1998; PERROTTI, 1982);
- da desvalorização que o adulto faz da criança e o esquecimento da própria infância (ALVES, 1987);
- das diferentes formas como adultos e crianças encaram o jogo, a brincadeira e o brinquedo (OLIVEIRA, 1986);

3- Lazer: como manifestação humana:

- a visão funcionalista está presente na vivência do lazer das pessoas adultas (MARCELLINO, 2004);
- a falta de preparo do adulto para o tempo livre (ROSÁRIO, 2001);
- A visão restrita das pessoas em relação ao entendimento de lazer.

4- Atuação profissional: a animação no lazer a partir:

- da necessidade da mudança de visão em relação ao entendimento do que representa ser o profissional do lazer (ISAYAMA, 2002);
- da formação como canal de mudanças (PINTO, 1992);

- da animação como ferramenta educativa (CARVALHO, 1977);
- da mudança de visão das pessoas em relação ao profissional de Educação Física como animador (ISAYAMA, 2002, CARVALHO, 1977);
- da necessidade de Políticas públicas de lazer para o público adulto (PINTO, 2001, MARCELLINO, 1996 e 2001);

3.2 OS ESCOLHIDOS

A cidade de Americana - SP, escolhida por critério de representatividade (alta taxa de urbanização) e acessibilidade, tem uma população estimada em 200.607 habitantes, com base no ano de 2005; sua área de unidade territorial é de 134.000.000; sua taxa de urbanização é de 99,8% e a de alfabetização é de 96%. O índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM) é de **0,840** sendo sua classificação estadual a 19ª e a 5ª da Região Metropolitana de Campinas (RMC), em termos de competitividade estadual é a 4ª e a 2ª na RMC²⁹.

Em relação aos equipamentos específicos de lazer, a cidade disponibiliza para a população espaços públicos, tais como: ginásios e quadras poli-esportivas, praças, parques, teatros, centros de cultura, pista de atletismo, campos de futebol de várzea e centro comunitário, além de espaços pertencentes ao sistema "S". Outra opção de lazer para a população da cidade são os clubes sociais.

Os clubes foram definidos por critérios de representatividade e acessibilidade. A representatividade baseia-se em: espaços em que são oferecidas atividades físico-esportivas de lazer, dirigidas ao público adulto, com mediação de profissionais; o número de associados; a dimensão estrutural de cada clube e a importância histórica dessas instituições na cidade. A acessibilidade àqueles clubes com sedes próximas ao centro da cidade também foi considerada. Esses critérios foram utilizados para escolha da amostra que segue:

²⁹ Informações retiradas do site: www.americana.sp.gov.br em 15/07/2006

Clube A

Atividades oferecidas à faixa etária adulta	Atividades com orientação de um profissional	Atividades sem a orientação do profissional	Atividades escolhidas para pesquisa
Futebol de Campo masculino (é oferecido somente o espaço para essa prática)	(Os profissionais nesse caso programam um campeonato entre os associados)	X	X
Futebol de Campo feminino	X		X
Aula de Dança	X		
Aula de Ginástica	X		
Peteca (é oferecido somente o espaço para essa prática)		X	X
Musculação	X		
Bocha (é oferecido somente o espaço para essa prática)	(Os profissionais nesse caso programam um campeonato entre os associados)	X	X

Clube B

Atividades oferecidas a faixa etária adulta	Atividades com orientação de um profissional	Atividades sem a orientação do profissional	Atividades escolhidas para pesquisa
Futebol de campo masculino (é oferecido somente o espaço para essa prática)	(Os profissionais nesse caso programam um campeonato entre os associados)	X	
Futebol de campo feminino	X		
Tênis de campo	X		
Aula de yoga	X		
Aula de axé	X		
Aula de dança	X		
Musculação	X		X
Hidroginástica	X		

Clube C

Atividades oferecidas a faixa etária adulta	Atividades com orientação de um profissional	Atividades sem a orientação do profissional	Atividades escolhidas para pesquisa
Futebol de campo (é oferecido somente o espaço para essa prática)	(Os profissionais nesse caso programam um campeonato entre os associados)		
Aula de dança	X		X
Aula de ginástica feminina	X		X
Musculação	X		

Clube D

Atividades oferecidas à faixa etária adulta	Atividades com orientação de um profissional	Atividades sem a orientação do profissional	Atividades escolhidas para pesquisa
Futebol de Campo masculino (é oferecido somente o espaço para essa prática)	(Os profissionais nesse caso programam um campeonato entre os associados)		
Ginástica Feminina	X		
Ginástica mista	X		X
Alongamento	X		
Hidroginástica	X		
Musculação	X		
Sauna Feminina		X	
Sauna Masculina		X	
Aula de tênis de campo	X		

As atividades selecionadas foram: futebol de campo masculino, futebol de campo feminino, peteca, bocha, musculação, ginástica mista, dança e ginástica feminina, levando em conta, principalmente, a existência da presença de profissionais e a procura pelo público adulto. Em relação aos clubes, Capi (2006) afirma que:

Os clubes por serem instituições corporativas tornam-se um espaço restrito, pois a participação em seus projetos é permitida somente para as pessoas filiadas, ou seja, associados, além de seus convidados que podem freqüentar em datas específicas as dependências do clube (bailes, “shows”, festas ou outros eventos de esportes e lazer), mediante um convite oferecido pela diretoria ou por intermédio da sua aquisição na secretaria. Para a aquisição de um título ou cota de um clube corporativo, os interessados precisam seguir as normas previstas nos estatutos das associações, cada qual com suas particularidades (p.56).

Portanto, para que a pesquisa se ampliasse, foram procurados também alguns espaços públicos que oferecessem atividades para a faixa etária adulta. A prefeitura oferece “oficialmente” ao público adulto somente um campeonato de futebol de campo masculino, organizado pelos profissionais. Nos demais espaços não existe a intervenção do profissional de forma direta com adultos. Destacamos algumas atividades como indica o quadro a seguir:

Prefeitura Municipal de Americana (E)

Atividades oferecidas à faixa etária adulta	Atividades com orientação de um profissional	Atividades sem a orientação do profissional	Atividades escolhidas para pesquisa
Futebol de campo (é oferecido o espaço para essa prática, como campeonatos entre bairros)	(quando acontece um campeonato, o profissional responsável organiza)	X	
Aula de Tênis (é oferecido o espaço sem custos)	(os usuários que quiserem podem pagar separadamente para um profissional)	X	
Vôlei (é oferecido somente o espaço para essa prática)		X	X
Caminhada (é oferecida uma pista de atletismo, para essa prática)		X	

Em relação aos espaços públicos, a atividade do vôlei foi escolhida de forma intencional, pela história do grupo que pratica essa atividade, por ser um grupo fixo, e com a possibilidade de observar homens e mulheres na mesma atividade com diferentes faixas etárias. O espaço escolhido é do ginásio da Nova Americana, que tem acesso fácil, e com equipamentos bem estruturados para prática de várias modalidades.

É um equipamento de médio porte, onde existe um grupo formado por adultos, homens e mulheres, que se mobilizaram há mais ou menos 10 anos, e praticam vôlei uma vez por semana, nesse mesmo espaço, sem ter qualquer ajuda profissional e material por parte da prefeitura.

3.3 AS TÉCNICAS

Para Bruyne (1977), várias técnicas de coletas de dados devem freqüentemente ser empregadas numa mesma pesquisa, para reunir um conjunto de dados ao mesmo tempo disponíveis e acessíveis, conforme o seu objeto de estudo.

Na pesquisa de campo foram empregadas duas técnicas de coleta de dados: a observação participante e os formulários. A principal técnica de coleta de dados foi a observação participante (BRUYNE, 1977), que pressupõe observação direta e convívio com o grupo observado, com utilização de diário de campo, e com “categorias” fixadas a partir da pesquisa bibliográfica (já indicadas no texto).

Dessa forma, foram selecionadas nove atividades de acordo com os critérios de acessibilidade e representatividade: são as atividades mais procuradas nos clubes pelo público adulto e que contam, em sua maioria, com a intervenção do profissional de Educação Física: 1. futebol de campo masculino, 2. futebol de campo feminino, 3. bocha, 4. peteca, 5. dança de salão, 6. ginástica feminina, 7. ginástica mista, 8. musculação, 9. vôlei misto.

No próximo item apresentamos as especificidades de cada uma das atividades selecionadas.

3.3.1 AS OBSERVAÇÕES A PARTIR DO DIÁRIO: COM OS ADULTOS NO TEMPO DE LAZER

Através da observação participante foi possível verificar várias ações, que fazemos questão de apresentar sem a influência dos formulários, baseadas no roteiro de observação participante (Anexo 1), pois foi a partir dessas observações que percebemos a necessidade da aplicação dos formulários.

Em relação a inserção da pesquisadora nos clubes e no espaço público, podemos dizer que se deu da seguinte forma. O primeiro contato, com o clube A, foi feito com o diretor de esportes do clube, que recebeu a pesquisadora muito bem e demonstrou total interesse em abrir o clube para campo de pesquisa. O diretor manifestou muito empenho sobre o retorno dos resultados da pesquisa e disse ser de extrema relevância para o clube que a pesquisa apontasse as necessidades dos sócios. Ele teve o cuidado de apresentar a pesquisadora para todos os profissionais do clube e deu autonomia e liberdade para que a mesma transitasse livremente pelo ambiente. Em relação aos sócios, a inserção também

foi muito gratificante. No início, durante a observação direta, os sócios não notaram a presença de uma pessoa diferente, porém com a frequência assídua ao clube e com o caderno de anotações da pesquisadora, sua presença ficou mais evidenciada. Alguns deles perguntavam se ela era de algum jornal da cidade ou repórter de TV. Até o momento em que ela partiu para a aplicação dos formulários e os sócios se dispuseram a responder com muita facilidade, principalmente os homens praticantes do futebol, que faziam daquele momento uma brincadeira.

No clube B não aconteceu um contato direto com o diretor do clube, a pesquisadora apresentou o projeto na secretaria do clube, e por telefone foi autorizada a fazer a pesquisa. Nesse ambiente não teve relações mais próximas com a direção do clube, mas apenas com um professor de Educação Física funcionário do clube, que foi muito atencioso e disposto a participar da pesquisa. No início os sócios achavam que a pesquisadora era alguma amiga do professor, até o momento da aplicação dos formulários, em que eles perceberam que já estavam sendo observados há algumas semanas. Nesse ambiente a aplicação dos formulários foi um pouco dificultada pelo fator do tempo; os sócios chegam para o treino em cima da hora, acabam o treinamento e logo vão embora, eles pouco se socializam, sobrando pouquíssimo tempo para a pesquisa. Nesse ambiente, não era possível fazer a pesquisa com expectadores, pois só frequenta esse espaço do clube quem pratica a modalidade.

No clube C, os primeiros contatos foram por telefone, a pesquisadora não conseguia encontrar o diretor do clube que estava sempre muito ocupado. Após ter feito contato, a pesquisa discorreu com facilidade. Tanto o profissional como os sócios receberam a pesquisadora muito bem e deram atenção no momento da aplicação dos formulários. A profissional desse clube demonstrou muito interesse pelo resultado da pesquisa.

No clube D, o contato foi feito direto na secretaria que intermediou o contato com o diretor; foi pedido o modelo dos formulários que iam ser usados na pesquisa; o diretor e os professores queriam saber o que a pesquisadora ia perguntar. Após esse contato, a pesquisadora foi autorizada a fazer a pesquisa.

Com os alunos da dança, a pesquisadora teve uma facilidade de contato maior e mais interesse dos sócios em participar da pesquisa. No caso da ginástica, a aplicação dos formulários foi um pouco dificultada pelo fator do tempo; as sócias chegam para o treino em cima da hora, acabam, e logo vão embora, elas pouco se socializam. Nesse ambiente, não era possível fazer a pesquisa com expectadores, pois só frequenta esse espaço do clube quem pratica a modalidade.

No ambiente da praça de esportes, não houve nenhum tipo de intermediação, a pesquisadora chegou no espaço e se apresentou para o grupo, explicando qual era o objetivo da pesquisa. Esse grupo foi o mais participativo e que demonstrou maior interesse pelos resultados da pesquisa. Eles ainda têm contato com a pesquisadora e gostaram muito de participar da pesquisa.

Portanto, descreveremos aqui cada atividade escolhida e as especificidades observadas, a partir do diário de campo, com a visão da pesquisadora .

3.3.1. Futebol de campo masculino

O espaço é um campo de futebol, com boas condições de uso. A faixa etária dos participantes caracteriza-se com pessoas dos entre 20 e 60 anos. Observamos um campeonato de férias entre os associados, organizado pelo professor do clube. O campeonato acontece de terça a sexta-feira, no período noturno. O material utilizado está em boas condições. O profissional, no caso dessa atividade, tem como função organizar o campeonato, atuando na montagem das equipes e da tabela dos jogos. Os árbitros contratados não são do clube. A ação dos praticantes é muito positiva. As relações entre eles são as mais diversas possíveis; alguns são silenciosos e simplesmente jogam, com muita calma como se nada os afligisse; enquanto outros agem como técnicos e jogadores ao mesmo tempo; orientam, xingam, comemoram, ficam angustiados com a expectativa do gol; sofrem quando perdem uma jogada e muitas vezes brincam uns com os outros, e ao mesmo tempo o jogo é muito sério. Enfim, é possível perceber o jogo de futebol como uma representação do lúdico e, além disso, perceber esse

componente no sorriso de muitos adultos, quando torcem ou vibram por uma boa jogada. Foi possível detectar o lazer como tempo disponível e atitude satisfatória, ainda que a atividade possa parecer conformista, sem alcançar os níveis de criticidade e criatividade: eles encaram o jogo como uma chance de evasão, fuga dos problemas do dia-a-dia. O momento do jogo torna-se uma recuperação daquilo que eles não têm no cotidiano (a falta do lúdico); assim o jogo configura-se como um momento de descontração, diversão, (encontro com o lúdico). Eles estão ali inteiramente para brincar e sentir prazer, sem preocupar-se com a vida real. A relação do profissional com os participantes é positiva, mas distante, pois ele não desenvolve uma ação efetiva de animador. Os participantes não demonstram sentir tanta necessidade de orientação profissional no ato do jogo, por acreditarem que a atividade não visa ao rendimento. Dessa forma, verificamos que ainda existe a idéia do profissional de Educação Física atuar somente como um treinador, no viés do rendimento. As pessoas não o vêem como um animador e mediador entre o participante e o jogo descompromissado.

3.3.2 Futebol de campo feminino

O espaço é um campo de futebol, com boas condições de uso. A faixa etária das participantes vai dos 10 aos 60 anos. Percebemos que não existem divisões de faixa etária nos treinamentos, como há entre os homens, nem mesmo nos jogos. As mulheres adultas se misturam com as adolescentes e com as crianças (as idades variam bastante). O material também está em boas condições. Os treinos recreativos acontecem todas as terças-feiras à noite, e os jogos entre as equipes se realizam aos sábados à tarde. Todos os treinos ocorrem com a intervenção de um profissional e o campeonato também é organizado por ele. O profissional utiliza uma boa metodologia e interage de forma séria com as alunas, sem perder de vista as brincadeiras, mas notamos que ele não vê o quanto a sua atuação é importante e essencial nessa atividade, pois não se dá conta de que a animação pode ser uma ferramenta educativa e contribuir para que essas mulheres tenham uma participação além do esperado. No processo pedagógico, ele trabalha com atividades recreativas para o aquecimento; na parte principal

transmite exercícios específicos do futebol, como passe, chute a gol, exercícios de deslocamento entre outros; e na parte final, encerra com um coletivo. A ação desenvolvida por ele é a de um treinador de futebol, com características de um animador, procurando respeitar a atitude das alunas e buscando entender a atividade como recreação. Acreditamos que pelo canal da formação, o profissional poderia ampliar a sua visão e melhorar sua intermediação junto às participantes. O que mais nos chamou a atenção foram as relações entre as alunas, “o papo rola solto”. As participantes conversam muito entre si, existe uma interação entre as diferentes faixas etárias e os assuntos são diversos. A relação do profissional com as participantes é muito positiva, pois ele entende e respeita o objetivo de cada uma delas; conhece cada uma e as corrige pelo nome, incentiva e também repreende quando necessário. Assim como também cada uma respeita o objetivo da outra; percebemos que as adolescentes desejam aprender a jogar o futebol, já as adultas estão ali pelo lazer ou pela preocupação em realizar uma atividade física prazerosa. É perceptível a forma diferenciada como as mulheres adultas, diferentemente das crianças, encaram o jogo. Essa atividade tem aspectos de treinamento equilibrando-se com a recreação.

3.3.3 Peteca

O espaço é muito bom, as quadras são cobertas, a rede está em ótimo estado e a peteca também. A faixa etária que participa é somente de adultos, e a maioria são homens, eles jogam de terça a sexta-feira no período noturno. Esse jogo acontece entre duplas e observamos somente duplas masculinas jogando. Não existe um profissional intermediando essa atividade, o que acaba deixando a desejar, pois a atividade poderia ser diferenciada com a atuação de um profissional. Encontramos dois tipos de grupos: 1. Um grupo que pratica a peteca profissionalmente e participa de campeonatos, no qual os participantes são extremamente concentrados, raramente sorriem, incentivam o companheiro discretamente, sem perder de vista o movimento da peteca e a contagem dos pontos. Geralmente eles jogam nas duas primeiras quadras e desejam a presença de um treinador e não de um animador, pois eles querem alguém que possa

montar a categoria de base para divulgação do esporte, ou seja, existe uma preocupação em preparar as crianças para o futuro, desvalorizando o momento que elas vivem, para prepará-las para a competição. Esse grupo não está preocupado com a diversão; fazemos aqui uma relação com o fato de os adultos muitas vezes esquecerem a infância (ALVES, 1987), e por estarem tão envolvidos no ritmo de produção do sistema, não se envolvem com o lúdico e pensam no lazer pelo viés do rendimento. Uma outra idéia é de que esse grupo, como tem por objetivo principal a competição, exclui a manifestação do lúdico e o tempo de lazer acaba sendo usado de uma forma utilitarista, com fins competitivos. 2. O outro grupo encontrado joga nas duas quadras ao lado, seus componentes não treinam, eles “brincam” de peteca e percebemos como a falta de um animador faz a diferença, pois, esse grupo é frágil, no sentido de que, em muitos momentos, eles não sabem como se organizar para a brincadeira e não sabem como jogar a peteca. Um animador nesse espaço daria conta da expectativa desses participantes, e seria o provocador das manifestações lúdicas, além do estímulo, para a prática da atividade, e poderia ensinar como se joga a peteca. O grupo dá risada, incentiva a participação do outro, faz brincadeiras, mas também se preocupa com a contagem dos pontos; percebemos que também existe o desejo de competir. Tanto em um grupo quanto no outro, é nítida a preocupação com a vitória, com o resultado final do jogo. A ação dos dois grupos, apesar de diferenciada é muito positiva, pois cada um busca os seus objetivos.

3.3.4.Bocha

O espaço é razoável, poderia ser ampliado e melhorada a estrutura, pois é uma atividade muito procurada pelos adultos sócios do clube. Nessa atividade deparamos com um público praticante específico adultos e terceira idade. Muitos homens e poucas mulheres, sendo o público masculino dominante nessa atividade. O material também precisa ser melhorado. Não existem profissionais intermediando essa atividade. Os jogos acontecem em duplas, cada jogador tem duas chances a cada rodada. Nessa atividade a torcida se faz presente, opinando e medindo a distância entre a bocha e o bolim. Existem aqueles jogadores

“viciados”, que não aceitam errar e muito menos perder, se revoltam, ficam chateados e percebemos que, durante o jogo, buscam superação das jogadas erradas. Na torcida, os assuntos são diversos, mas para quem está na pista não tem conversa, a não ser o próprio jogo. Os jogadores se ajudam, um dá dicas para o outro de como lançar a bocha. O que nos chamou a atenção foi a frase pintada na parede: “BOCHA o esporte que faz amigos”. Uma outra observação a destacar foi o campeonato entre casais, organizado pelo profissional do clube, com 32 casais inscritos. A arbitragem foi formada pelos jogadores mais experientes. As esposas escutavam com atenção as orientações dos maridos, que apoiavam ao mesmo tempo em que ficavam bravos e auxiliavam nas jogadas. Em relação ao ambiente como um todo, é um espaço muito acolhedor, honesto e sociável. Os adultos falam alto, xingam à vontade quando erram, criam expectativas em cada jogada, comemoram, vibram; e entre uma rodada e outra sorriem e se concentram. A manifestação do lúdico flui de forma natural nesses corpos; é um momento de lazer e de diversão. Ainda que a atividade represente fins moralistas e compensatórios, não existe a consciência de uma preocupação da recuperação das forças do trabalho como uma válvula de escape. As pessoas encontram muito prazer nessa atividade. A presença de um animador seria importante no sentido de que as pessoas se conscientizassem de que podem ter no lazer uma válvula de escape sim; mas que o tempo de lazer também pode ser momento de troca de experiências, de desenvolvimento pessoal e social e de que podem alcançar os níveis crítico e criativo e buscar dias melhores nas suas vidas. Nessa atividade também se percebe a preocupação com a vitória e a competição como um estímulo para o jogo.

3.3.5 Musculação

O espaço para a atividade é pequeno e adaptado, não é um lugar próprio para sala de musculação, faltam materiais e os aparelhos, principalmente, as esteiras e as bicicletas estão ultrapassados. O número e gênero dos participantes dessa atividade variam bastante, assim como a faixa etária. A ação do professor se dá pela montagem e orientação dos exercícios. Ele não é visto como um

animador, mas sim como um treinador. A ação dos adultos é mais solitária, e o objetivo de cada um é específico e direcionado. Nessa atividade as relações entre os adultos não são tão perceptíveis, não existe muita comunicação, a não ser a de professor e aluno, que se dá de forma tranqüila e amigável. O profissional interage muito bem com os alunos, orienta, conversa e é muito atencioso. A musculação é uma atividade procurada para manutenção da saúde, e os participantes não encaram essa atividade como tempo de lazer, e por isso esperam que o profissional seja um treinador e não um animador. Para uma mudança nesse quadro é necessário pensar em duas frentes de atuação: 1. o profissional precisa entender que além de treinador ele é um animador, que interage com as pessoas no tempo de lazer; 2. as pessoas precisam rever o conceito de lazer, entendendo que esse tempo não é somente de diversão e descanso, mas que também propicia desenvolvimento. E nesse sentido o papel do profissional é imprescindível, educando para e pelo lazer.

3.3.6 Ginástica mista

O espaço é adaptado, mas muito bom, pois o ambiente é favorável à contemplação; é possível fazer a aula olhando para um lago e as grandes árvores que embelezam o clube, formando um bosque. É uma vista muito bonita e tranqüila. As aulas acontecem às segundas e quartas-feiras, à noite. O público feminino predomina nessa aula. A faixa etária varia dos 18 aos 65 anos. O material está em bom estado. Em relação à ação da profissional, poderíamos dizer que sua atuação equilibra-se tanto no aspecto da animação, como no aspecto do treinamento. É uma pessoa muito atenciosa, e demonstra conhecimento na aplicação das aulas; explica com paciência o funcionamento dos exercícios. É muito interessante a maneira como conduz a aula, explicando os movimentos e o porquê de se trabalhar daquela forma, respeitando os objetivos dos alunos, mas ao mesmo tempo chamando-lhes a atenção quando necessário, fazendo correções dos movimentos. Procura animar a aula, incentivando os alunos a se esforçarem nos exercícios; aproximando-se para fazer as correções dos movimentos; quando um pára, logo pergunta se está tudo bem. Monta variações

diferentes para homens e mulheres; inúmeras vezes interrompe a aula e faz uma correção geral; logo em seguida brinca por causa do cheiro do pastel e pede para os alunos capricharem nos movimentos. Os alunos conversam bastante, falam alto, fazem brincadeiras, parece o clube do “bolinha” e da “luluzinha”, homens de um lado e mulheres do outro, todos batendo papo. É interessante perceber também que os alunos preferem ficar próximos de quem eles já conhecem e com quem têm amizade. A manifestação do lúdico é representada através desse encontro de pessoas. Percebemos que as mulheres estão preocupadas com o rendimento dos seus corpos, mas, ao mesmo tempo, querem se socializar, assim como os homens. As relações são positivas tanto da profissional com os alunos, como dos alunos entre si. Aqui a profissional apresenta-se como uma mediadora entre os participantes e a manifestação do lúdico.

3.3.7 Aula de Dança

O espaço é um salão próprio para dança. A faixa etária dos casais varia bastante, mas todos são adultos de acordo com a classificação de idade. As aulas acontecem todas as quartas-feiras à noite. O material é um som trazido pelo próprio professor, com as músicas selecionadas por ele. Em relação à ação do profissional: de início observamos que ele é muito didático, faz com que os alunos entendam as várias etapas de um único passo, explica de forma pausada, fala da letra e da melodia das músicas, levando os alunos a refletirem. Com as outras aulas, detectamos que ele é animador, no sentido de dar vigor e energia para o grupo, convida os alunos a opinarem durante a aula, sobre os movimentos corporais, fazendo com que eles tenham uma visão mais crítica. Aproxima-se dos alunos, faz os movimentos junto com eles e corrige aluno por aluno; ele lança as perguntas, fazendo com que os participantes reflitam para responder. Poderíamos dizer que ele utiliza a animação como uma ferramenta educativa. Em relação aos participantes, pouco se socializam, chegam ao salão e já fazem a posição inicial de aula, são concentrados nos passos e pouco falam, apenas quando o professor pergunta. Não costumam fazer comentários entre uma explicação e outra; observamos que a maioria dos casais sente-se envergonhada e tímida. Ficam

pouco à vontade no início das aulas, mas, depois que aprendem o movimento, começam a se soltar. A expressão do lúdico se dá através dos movimentos. Às vezes entre um erro e outro, o professor brinca, todos riem, mas rapidamente voltam e se concentram nos passos. Eles são silenciosos e existe pouca interação entre os casais; encaram a dança com seriedade, não de forma sisuda, mas com aspectos de brincadeira também. Percebemos nessa atividade, um momento de lazer, que busca alcançar os níveis crítico e criativo; os participantes se envolvem não somente pelo fato de acompanharem a esposa ou marido, mas para aprender através da dança a viver melhor. E o profissional é um animador sociocultural, que diverte as pessoas, e através do processo pedagógico constrói valores junto ao grupo quando os incentiva e dá oportunidade de refletirem sobre o movimento da dança.

3.3.8 Ginástica feminina

O espaço para essa aula é muito ruim e os materiais são precários. A professora utiliza equipamento próprio (som e microfone). As aulas acontecem todas as quartas e sextas-feiras à noite. As praticantes são mulheres e a faixa etária varia bastante. Em relação à profissional, observamos que ela procura chamar as alunas pelo nome e animar a aula no sentido de dar ânimo e coragem para as alunas conseguirem fazer os movimentos. A aula tem uma seqüência lógica e antes de seu início, a profissional conversa e interage com todas as alunas, falando sobre a aula, tirando dúvidas ou ainda discutindo outros assuntos. As alunas quase não conversam durante a aula, somente antes e no fim; é uma turma heterogênea, e cada uma realiza os “seus” movimentos da forma como melhor lhe convém. Algumas são treinadas e não erram nenhum passo, mas existem aquelas que não conseguem acompanhar e ficam perdidas, tentando se esconder atrás das outras, ficam sem graça, não sabem se sentam ou se continuam na aula. Elas têm como objetivo geral os benefícios para a saúde. É um momento de lazer canalizado para recuperação do trabalho e manutenção de um corpo saudável; não buscam as relações humanas. Percebemos que nessa atividade a animação poderia ser mais eficaz no sentido educativo e a expressão

do lúdico se revelaria pelo movimento e também pela liberação da energia. Nesse sentido, essa energia poderia ser transformada em cultura, através da manifestação do lúdico; para isso seria necessário considerar o tempo dessa atividade, não somente pelo viés da saúde, mas também como meio de transformação e para tanto a atuação dos profissionais precisaria ser revista nesse campo. De uma maneira geral, a profissional se esforça para o bom andamento da aula. Percebemos que existe uma grande satisfação das mulheres que praticam essa atividade, mas não há interação social entre elas.

3.3.9 Vôlei misto

Como indicamos anteriormente, a prefeitura cede somente o espaço, que é uma quadra em bom estado. O material utilizado por esse grupo foi adquirido com recursos próprios dos participantes (rede e uma bola oficial de vôlei). Não há intervenção de um profissional nesse espaço. Esse grupo, de todos os escolhidos, é o que mais nos chamou a atenção, pois representa o que há de melhor no ser humano que pratica o esporte pelo simples prazer que ele proporciona. É nítida a manifestação do lúdico nesse ambiente, é perceptível também a forma diferenciada com que os adultos encaram o jogo e a competição; é um grupo autônomo e alegre. Percebemos facilmente o tempo de lazer com a fruição do lúdico, através da prática desinteressada, num tempo livre e com uma atividade satisfatória. Todos conversam e fazem brincadeiras e não há qualquer tipo de preconceito ou resistência. O desejo maior é partir logo para o jogo, onde os participantes mal fazem aquecimento e já começam a jogar / brincar. Não há cobrança em relação aos erros, pelo contrário, um procura dar força ao outro e quando acontece uma jogada bonita, todos aplaudem inclusive os adversários. Os próprios participantes dividem os times de uma forma justa, e quando um deles quer entrar, o outro sai, respeitando o fim de cada set; a atitude é individual e se dá de forma tranqüila. Percebemos nesse grupo a preocupação com a contagem dos pontos, tentando exercer, assim, o domínio da situação. E mesmo sendo um momento descontraído, eles sempre perguntam quanto está o placar. Existe no grupo uma vontade de superação e não de vitória. Nessa atividade, caberia a um profissional indicar uma orientação específica dos exercícios para o aquecimento

e para uma prática mais eficaz dos movimentos, mas não é esse o objetivo que o grupo procura. Já na direção da animação, percebemos que o grupo é animado e estimulado para a prática, dessa forma um animador inserido nesse espaço teria a possibilidade de reconhecer junto ao grupo os problemas e limites da realidade, podendo enfrentá-los diante de expressões da cultura, nesse caso, o esporte. Assim a instauração de políticas públicas, nesse espaço e nos demais equipamentos públicos da cidade de Americana, viria ao encontro das necessidades do público como um todo.

De forma geral foi muito gratificante para a pesquisadora o contato com as pessoas pesquisadas. Através da observação participante, foi possível verificar a relação da pessoa adulta com o lúdico e com o lazer. Foi possível também verificar qual o tipo de relação o profissional de Educação Física tem com os sócios; uma relação muito saudável, mas em alguns momentos com deficiências pedagógicas. Um exemplo dessa deficiência pedagógica é quando em muitos momentos o profissional não sabe o motivo daquele praticante ter escolhido aquela atividade. E em muitos momentos, os profissionais não modificam seu conteúdo, numa perspectiva da participação popular e democratização do lazer.

A partir dessas informações, percebemos a necessidade de elaborarmos formulários para serem aplicados aos profissionais de educação física (Anexo 2) e aos adultos (Anexo 3), para obtermos dados adicionais que não haviam sido colhidos na observação participante, e cuja análise foi fundamental para atingirmos o nosso objetivo.

3.4 OS PROFISSIONAIS ESCOLHIDOS

Limitamo-nos a pesquisar somente os profissionais que atuam nas atividades selecionadas para a pesquisa, sendo que, das 9 atividades, em 3 não há a intermediação do profissional (peteca, bocha e vôlei). Por isso ouvimos 6 profissionais no total.

3.4.1 Dando fala aos profissionais

Os profissionais foram escolhidos de acordo com as atividades selecionadas para a pesquisa (quadro 1).

1- Atividades que os profissionais ministram nos clubes:	Clubes:
Professor na escolinha de futebol masculino e futebol feminino;	A
Professor de Dança de salão;	A e D
Coordenador de esportes;	A
Professora de Ginástica;	D
Professor de musculação;	B
Professora de Ginástica geral.	C

Quanto ao sexo e o número de profissionais, percebemos uma maior predominância do sexo masculino entre os profissionais que atuam nos clubes (quadro 2).

2- Quanto ao sexo e número:	
Mulheres	2 profissionais
Homens	4 profissionais

Em relação à formação, destacam-se duas situações interessantes. A primeira é que, dos seis profissionais, existem dois que não têm o nível superior e apenas um profissional com pós-graduação, na área da Educação Física.

Um dos profissionais que não tem formação em Educação Física tem curso especializado na área de dança, que é seu campo de atuação; já o outro profissional não tem formação superior. É necessário destacar a importância da competência específica, o compromisso político e a reflexão sobre os rumos da ação de cada profissional (MARCELLINO, 2003a). Dessa forma, a formação é fundamental para a atuação eficaz, é uma ferramenta de base para a competência, pois através dela é possível transformar a idéia limitada que as pessoas têm do lazer como simples divertimento e alcançar uma consciência crítica, tanto do profissional como do participante e assim caminhar para a reflexão. (quadro 3)

3- Formação:	
Ensino Médio	2 profissionais
Ensino superior	3 profissionais
Pós-Graduação	1 profissional

No que diz respeito ao tempo de formação, a maior parte dos profissionais tem mais de cinco anos de formados e somente um profissional procurou atualizações nesse período, através de uma pós-graduação.

Para que o profissional tenha um aperfeiçoamento da sua prática pedagógica é necessário que busque por atualizações permanentes com reciclagens pedagógicas. (quadro 4)

4- Tempo de Formação:	
Mais de cinco anos formados	3 profissionais
De dois a cinco anos formados	1 profissional

Em relação ao tempo de trabalho, percebemos que todos os profissionais já trabalhavam com lazer, antes de se formarem, o que confirma, muitas vezes, a falta de competência específica para atuar no campo do lazer, lembrando que somente a facilidade, experiência e disposição não são suficientes para uma boa atuação. É necessária a *seriedade* não entendida como sisudez; a *competência*, como capacidade e habilidade para atuar neste campo e o *compromisso político* do profissional com o trabalho e com a sociedade (MARCELLINO, 2003) (quadro 5).

5- Tempo de trabalho com esportes, lazer e atividade física:	
Mais de cinco anos	Todos os profissionais

O item 6 representa a baixa rotatividade dos profissionais nos clubes, pois a maioria trabalha há mais de cinco anos no mesmo local. Esse fator é positivo, pois o profissional cria vínculos tanto com a direção dos clubes, como com seus associados.

6 – Tempo que trabalha no clube:	
Mais de cinco anos	4 profissionais
De dois a cinco anos	2 profissionais

Todos os profissionais atuam com a faixa etária adulta há mais de cinco anos, mesmo aquele que tem apenas 1 ano de formado, o que nos remete novamente ao quadro 5, com relação ao tempo de trabalho dos profissionais com a área de esporte e lazer. É preciso atentar ao fato de que a experiência por si só não demonstra conhecimento, mesmo porque a prática muitas vezes pode diminuir a teoria na ação profissional (ISAYAMA, 2005). E isso não pode acontecer, é preciso que a prática e a teoria andem juntas, uma ligada à outra. (quadro 7)

7- Tempo que atua com a faixa etária adulta:	
Mais de cinco anos	Todos os profissionais

O item 8a apresenta que apenas um profissional prefere atuar com a idade adulta, e se justifica, dizendo que se preparou para atuar especificamente com essa faixa etária.

8a- Profissionais que preferem atuar com a faixa etária adulta:	
Discurso de 1 profissional	“Não gosto de trabalhar com crianças, as minhas especializações não são ligadas às crianças”.

Em relação ao item 8b, os profissionais não apresentam preferências em trabalhar com uma idade específica. De certa forma, isso é positivo, pois o profissional acaba tendo uma maior flexibilidade e um leque maior de opções, porém, ao mesmo tempo, pode não dar conta de atender as necessidades específicas de cada grupo, que apresenta características e exigências diferenciadas.

Segundo Carvalho (1977), a função da animação seria: 1. proporcionar maior compreensão das pessoas em relação ao mundo que as cerca; 2. maior compreensão da sociedade em que o indivíduo se encontra; 3. uma preparação mais extensa diante as mudanças de comportamento da sociedade e de tudo que a cerca. Assim, o profissional que se especializa em um tipo de grupo tem a possibilidade de levá-lo à, compreensão do mundo, das pessoas e das mudanças que acontecem nesse meio.

8b- Profissionais que não têm preferência por faixa etária:	
Discurso dos 5 profissionais	<p><i>“Não tenho restrições, atuo com todas as faixas etárias”</i></p> <p><i>“Atuo com todas as idades”</i></p> <p><i>“A atuação do profissional de Educação física, com diferentes faixas etárias, obriga-o a estar atento a diferentes propostas na elaboração das atividades”.</i></p> <p><i>“Misto, não tenho problemas em atuar com idades diferenciadas”.</i></p> <p><i>“Gosto de trabalhar com todas, não tenho preferência”.</i></p>

Nesse item (9), ainda percebemos a necessidade da área da Educação Física se aprofundar nos estudos referentes ao lazer (ISAYAMA, 2003), pois os profissionais não entendem o lazer de forma consistente. Apenas dois profissionais apresentaram o fator da qualidade de vida no âmbito do lazer; um deles apontou o prazer e a socialização (essas visões são mais amplas). Porém, ainda existe aquele que tem uma visão parcial e limitada, reduzindo o lazer à fuga da rotina. Isso não quer dizer, que o lazer, em alguns momentos, não possa ser uma fuga; ele pode ser, desde que a pessoa seja consciente, tanto nos momentos de fuga e conformismo, quanto nos momentos da criticidade e da criatividade.

9-Qual o significado de lazer que os profissionais vêem para os adultos:	<p><i>“ Em relação aos homens, eles procuram treinamento, querem se movimentar. E acredito que as mulheres buscam as atividades pelo mesmo motivo.”</i></p> <p><i>“ Prazer de viver, companheirismo (marido e mulher)”.</i></p> <p><i>“Independente de faixa etária o lazer é direito de todos”.</i></p> <p><i>“Qualidade de Vida”.</i></p> <p><i>“Acho muito importante, principalmente pra fugir da rotina, é o momento de se desligar de tudo”.</i></p> <p><i>“Sociabilidade, qualidade de vida, socialização, momento de encontro”.</i></p>
A fala dos 6 Profissionais	

Em relação ao item 10, os profissionais têm experiência com a idade adulta em outros espaços, o que representa um fator muito positivo, pois a experiência unida ao conhecimento pode produzir um trabalho competente.

10- Quantos profissionais já trabalharam com adultos em outros locais :	Em quais locais diferentes trabalharam com essa faixa etária
1 profissional	<i>Hotel</i>
1 profissional	<i>Eventos e hotel</i>
1 profissional	<i>Escolas, prefeituras, outros clubes</i>
1 profissional	<i>Academias, particulares e comunidades</i>
1 profissional	<i>Outros clubes</i>
1 profissional	<i>Em nenhum outro local</i>

O conhecimento prévio dos participantes do grupo e saber o que eles esperam e desejam do momento de lazer é um dos itens principais para atuação

do animador ser motivadora. Nesse caso, os profissionais explicitaram os valores dessa relação de uma forma muito clara, mostrando que aspectos como respeito, qualidade de vida, a consciência corporal, a descontração, a ética, a importância da conquista e a amizade, precisam ser considerados na atuação com essa faixa de idade. (quadro 11).

<p>11 – O que os profissionais valorizam no trabalho que desenvolvem com os adultos:</p>	<p><i>“Valorizo a vontade dos participantes”.</i></p> <p><i>“A auto-estima, melhora da qualidade de vida, prazer, convívio social, melhora das capacidades motoras, mentais, etc”.</i></p> <p><i>“A conquista deles conseguirem fazer o que mais queriam”.[sic]</i></p> <p><i>“Amizade e ética”.</i></p> <p><i>“Descontração, contato com outras pessoas, a pessoa pode liberar o stress, qualidade de vida”.</i></p> <p><i>“Consciência corporal, equilíbrio, alongamento, oportunidade da prática de um exercício físico”.</i></p>
<p>A fala dos 6 Profissionais</p>	

O item 12 nos remete ao papel da Educação Física, enquanto área de conhecimento, pois entendemos a mesma como uma disciplina que estuda e trabalha com o movimento corporal intencional; dessa forma, a informação gerada pelos profissionais, no que diz respeito às dificuldades, se relaciona diretamente com esse entendimento, pois todos eles apresentaram a questão do movimento como uma limitação. Talvez ainda falte aos profissionais se aprofundarem na intenção dos movimentos dos corpos adultos e entenderem qual o seu papel como animadores. Dessa forma a atuação do animador no campo do lazer facilitaria o acesso aos seus interesses, possibilitando maior desenvolvimento pessoal e social como uma de suas bases (ISAYAMA, 2002).

12 – Quais profissionais encontram dificuldades em trabalhar com a faixa etária adulta:	Quais são essas dificuldades:
3 profissionais	<p><i>“Aprendizagem, movimentos mais limitados”.</i></p> <p><i>“Em relação ao movimento, principalmente dos mais velhos”.</i></p> <p><i>“Dificuldade de coordenação motora, tentar convencer o aluno de que aquele exercício faz bem pra ele”.</i></p>
3 profissionais não encontraram dificuldades	

Já no item 13, detectamos qual o interesse dos participantes nas aulas. De acordo com o objetivo de cada um deles, as aulas se tornam mais fáceis de serem ministradas, pois eles demonstram maior interesse. O profissional que não encontra facilidades justifica que às vezes é necessário insistir e ter paciência, o que indica a desmotivação do grupo para a prática.

13 – Quais profissionais encontram facilidades em trabalhar com a faixa etária adulta:	Quais são essas facilidades:
5 profissionais encontraram as seguintes facilidades	<p><i>“Respeito, interesse pela atividade, gostam de dançar com as esposas, freqüentar os bailes, prestam atenção nas explicações”.</i></p> <p><i>“O entendimento deles é mais fácil, falo de igual pra igual”.</i></p> <p><i>“Autonomia, criticidade, valorização das atividades”.</i></p> <p><i>“Eles têm maior entendimento nas atividades”[sic]</i></p> <p><i>“Direito adquirido, por ser a única profissional no clube, apesar das condições de equipamento e material a aula é sempre muito cheia”.</i></p>
1 profissional não encontrou facilidades	<i>“Muita conversa, paciência, tenho que insistir nos dias em que elas estão muito cansadas”.</i>

3.4.2 Dando fala aos adultos

Quanto ao número e sexo, o grupo apresentou as seguintes características. (quadro 1).

1- Número de Entrevistados	2- Sexo
31	Homens
27	Mulheres
58	Total

O número de entrevistados foi fixado pela saturação de dados; em relação ao sexo, a pesquisa procurou de forma não intencional, atingir um número aproximado de homens e mulheres; por isso a escolha por atividades que envolvessem as especificidades dos dois sexos.

Optamos em fazer a tabulação de dados separando homens e mulheres, podendo possivelmente, abrir um leque de possibilidades para um trabalho de gênero e diferenças que homens e mulheres buscam nos momentos de lazer, procuramos respeitar as individualidades.

3.4.2 a Dados dos Homens

As atividades que os homens procuram são variadas, predominando a prática histórica e cultural do futebol. A maioria deles foi entrevistada na atividade do futebol e mesmo os demais, que naquele momento não estavam praticando futebol, também apontaram esse esporte como uma das suas práticas de lazer.

O clube A tem uma maior representatividade na cidade e oferece um maior número de atividades em relação aos outros clubes. (quadro 1)

1-Atividade praticada pelos Homens	2-Equipamentos	3-Número de entrevistados
Futebol de campo	Clube A	10
Peteca	Clube A	05
Bocha	Clube A	02
Musculação	Clube B	05
Ginástica Mista	Clube C	01
Dança de Salão	Clube D	04
Vôlei misto	Praça esportiva E	04
Total	4 clubes e 1 praça esportiva	31

A faixa etária ficou em “aberto”, não fizemos uma classificação específica de adultos jovens e maduros; consideramos as idades como um todo. De acordo com o número de participantes, a faixa de idade foi bem distribuída. (quadro 4)

4- Faixa Etária	4 a- Número de participantes
20 – 30	06
31 – 40	08
41 – 50	10
51 – 60	07

Em relação à formação desses homens, predomina o ensino médio com indicação de 16 sujeitos, mas é alta a indicação de ensino superior (12). (quadro 5)

5- Formação	5 a- Número de participantes
Ensino Fundamental	03
Ensino Médio	16
Ensino Superior	12
Pós-graduação	Nenhum

Na frequência ao clube, o que predomina é a visita dos associados de uma a três vezes na semana. (quadro 6).

6- Frequência ao clube	6a- Número de participantes
1x por semana	09
2x por semana	Nenhum
3x por semana	08
4x por semana	06
5x por semana	02
6x por semana	05
Raramente	01

Em relação ao item 7, a maioria dos participantes frequenta outros espaços de lazer, (ainda que não saibam identificá-los como um equipamento de lazer). Apenas 3 sujeitos disseram não frequentar outros espaços.

7- Quantos homens frequentam outros equipamentos de lazer na cidade:	7a- Quantos homens não frequentam outros equipamentos de lazer na cidade:
28 pessoas	03 pessoas
	7b- Motivos: 02 pessoas disseram que não têm tempo; 01 pessoa procura outras cidades.

No item 8 percebemos a falta de educação para e pelo lazer, através de expressões dos meios de comunicação de massa via ideologia vigente; pois a maioria dos adultos não identifica determinados equipamentos como espaços de lazer; inclusive, quando foi perguntado a um dos participantes se ele frequentava outros equipamentos de lazer, ele disse: “De lazer não; a noite vou em restaurantes.” O que demonstra a falta de conhecimento que essas pessoas têm em relação aos conteúdos do lazer e à apropriação dos conteúdos físico-esportivos nessa esfera. Esse item retrata a visão limitada que as pessoas ainda têm de lazer, restringindo sua visão apenas aos conteúdos físico-esportivos.

8- Quantos homens não identificam equipamentos de lazer;	8a- Quais os equipamentos que os homens não reconhecem, como sendo equipamento de lazer:
22 pessoas	<ul style="list-style-type: none"> - Shopping; - Clubes; - Bares; - Restaurantes; - Cinema; - Teatro

Os mesmos espaços / equipamentos aparecem tanto no item 8 como no 9, e o número de pessoas que identifica alguns equipamentos de lazer é menos da metade do total de participantes entrevistados.

9- Quantos homens identificam equipamentos de lazer;	9a- Quais os equipamentos que os homens reconhecem, como sendo equipamento de lazer:
09 pessoas	<ul style="list-style-type: none"> - Shopping; - Bares; - Restaurantes; - Cinema; - Teatro; - Clubes.

Na questão da preferência dos espaços pelo público adulto, como lugar de diversão, são preferidos os restaurantes e depois os cinemas e bares, no caso dos homens. (quadro 10)

10- Quais os espaços mais freqüentados entre os participantes:	10a- Número de pessoas:
1º Restaurantes	14 pessoas
2º Cinemas	13 pessoas
3º Bares	13 pessoas
4º Shoppingcenters	08 pessoas
5º Teatros	09 pessoas
6º Clubes	06 pessoas
7º Parques	03 pessoas
8º Academias	02 pessoas

Em relação ao item 11, percebemos que cada atividade apresenta uma justificativa diferente, de acordo com as suas especificidades, que se identificam com o tipo de modalidade e com o objetivo que cada praticante procura. Por exemplo, os participantes da musculação estão preocupados com a saúde e bem-estar físico do corpo. Já os motivos que atraem praticantes do futebol e da peteca são mais parecidos e diferentes daqueles que procuram a musculação.

Em algumas atividades, percebemos a procura dos participantes por relações humanas, a busca por encontros com pessoas estranhas para se criar um vínculo afetivo e amigos, para aprofundar as relações.

11- As atividades:	11a - O motivo de escolher essa atividade na fala dos participantes:
Futebol de campo	<i>“Porque gosto”</i> <i>“Porque faz muitos amigos”</i> <i>“Porque meu pai jogava e só tínhamos isso pra fazer”</i>
Peteca	<i>“Curiosidade”</i> <i>“É uma opção de lazer”</i> <i>“Porque a gente faz bastante amigo”</i> <i>“Jogo desde criança, meu pai jogava e eu também joga”.</i>

	<i>“ Venho aqui mais pra conversar”</i>
Bocha	<i>“ Porque gosto”</i>
Musculação	<i>“ Orientação médica”</i> <i>“Definir a musculatura”</i> <i>“ Pra treino”</i> <i>“ Estilo de vida”</i>
Ginástica Mista	<i>“ Por conveniência do horário e por ser uma atividade que gosto”</i>
Dança de Salão	<i>“ Porque minha esposa gosta bastante”</i> <i>“Porque gosto de dançar”</i> <i>“ Porque não sabia dançar, achei que era divertido”</i>
Vôlei misto	<i>“ Um esporte diferente, gostoso”</i> <i>“Apropriada para a minha idade” (de 41 a 50 anos).</i> <i>“Amo essa atividade”</i> <i>“ Sou ex-jogador”</i>

A maior parte dos participantes frequênta o clube e pratica as atividades oferecidas há mais de cinco anos. (Veja o item 12)

12-Tempo de prática das atividades	12a- Número de participantes
Menos de 1 ano	07
1 a 2 anos	Nenhum
2 a cinco anos	06
Mais de 5 anos	18

No item 13, notamos que as atividades são em sua grande maioria entendidas pelos participantes como lazer (aspectos do tempo e atitude), e a presença do lúdico é constante, representado pelas palavras como: *amizade, liberdade, coisa gostosa, alívio, distração, bem estar, qualidade de vida, prazer, disposição, relaxamento e divertimento*. Se tivéssemos que definir o que é o lúdico, com certeza descreveríamos essas palavras que os adultos utilizaram.

13- As atividades:	13a – Qual o significado de praticar essas atividades para os adultos:
Futebol de campo	<i>“ Atividade física”</i> <i>“ Esporte”</i> <i>“ Relaxamento, meio de manter a forma física”</i>

	<i>“Saúde”</i> <i>“ Faz muitos amigos, união”</i> <i>“Tiro o stress da semana”</i> <i>“ Amizade, lazer, dá uma liberdade espiritual...”</i>
Peteca	<i>“ Encontro com os amigos”</i> <i>“ Além do esporte em si, é saúde, é um prazer jogar, alivia o stress”</i> <i>“ Além do lazer, anti-stress, coisa gostosa, tira toda tensão...”</i>
Bocha	<i>“ Esporte”</i> <i>“ Bom pra saúde, lazer, distrair, bater papo com os amigos”</i>
Musculação	<i>“ Bem estar”</i> <i>“ Saúde”</i>
Ginástica Mista	<i>“ Qualidade de vida, bem estar, prazer e disposição”</i>
Dança de Salão	<i>“ Relaxamento, diversão”</i> <i>“ Prazer”</i> <i>“ Atividade física”</i>
Vôlei misto	<i>“ Além da atividade física, lazer e prazer”</i> <i>“ Extravasar, suar, perder barriga”</i> <i>“ Descontração, divertimento”</i> <i>“ Saúde e amizade”</i>

Em relação ao item 14, temos dois parâmetros diferentes; primeiro as atividades intermediadas pelos profissionais, nas quais os adultos em seus discursos confirmam a importância do profissional intermediando essas práticas.

Percebemos que os profissionais que atuam nessas atividades, não são vistos como animadores pelos participantes, mas em algumas situações como um treinador, que é o caso da ginástica e do futebol.

Na bocha, não há a intervenção do profissional e também não percebemos a necessidade de um (diante dos discursos dos participantes); nesse caso o local poderia trabalhar com animadores profissionais com competência geral, que dentro do processo de animação, teriam outras preocupações e metas junto ao grupo, como a participação de voluntários para atuarem no dia-a-dia do clube de uma forma geral. No caso do vôlei os participantes sentem falta de um preparador físico, mas considerando o objetivo que o grupo busca, não é algo insubstituível.

Eles jogam sem qualquer orientação e em nenhum momento fizeram qualquer tipo de reivindicação por um profissional, junto ao poder público. Já na peteca, os participantes gostariam que houvesse a intermediação do profissional, por vários motivos, um deles é a preocupação em abrir uma turma de base e para divulgação do esporte.

Nas atividades em que não há o profissional atuando, no caso o futebol masculino, os participantes indicam que querem um profissional, porém pensam apenas na atividade física, não vêem esse professor como um animador e mediador de valores educacionais. Os participantes não entendem o quanto o pedagógico, como prática educacional, pode contribuir para a mudança do quadro em que se encontra a sociedade. Ainda que as mudanças no quadro social não ocorram apenas através do lazer, este é, seguramente, um caminho repleto de possibilidades.

É importante destacar que a atuação do profissional no campo do lazer, como um animador, visa acima de tudo desafiar os indivíduos a alterações reais nas suas vidas, através da sua adesão a atividades próprias, procurando atingir alterações estruturais, como única forma de realizar uma autêntica ideologia da transformação social e do desenvolvimento (CARVALHO, 1977). Nesse sentido o lazer pode confirmar ainda mais seu caráter educativo.

14- As atividades que praticam:	14a – A opinião dos adultos em relação à atuação, ou não, de um profissional de Educação Física, como intermediário nas atividades específicas:
Ginástica Mista (com intervenção de um profissional da área da Educação Física)	<i>“Eu acho fundamental, principalmente neste tipo de exercício”</i>
Musculação (com intervenção de um profissional da área da Educação Física)	<i>“Essencial” “Importante” “Depende muito de quem for” “Bom”</i>
Dança de Salão (com intervenção de um profissional da área da Dança)	<i>“Ótimo, excelente professor” “Sabe passar as dicas”</i>
Futebol de campo	<i>“Seria uma boa, para o aquecimento e</i>

(com a intervenção do profissional de Educação Física, somente na organização dos campeonatos)	<p><i>alongamento</i></p> <p><i>“Acharia bom, porque o profissional poderia usar suas técnicas para auxiliar os jogadores”</i></p> <p><i>“Eles têm uma boa base pra instruir a garotada, na nossa idade já não adianta mais” (31 a 40 anos)</i></p> <p><i>“Seria ótimo, faz muita falta”</i></p>
Bocha (com a intervenção do profissional de Educação Física, somente na organização do campeonato de casal).	<p><i>“Não tem necessidade”</i></p> <p><i>“Seria bom”</i></p>
Peteca (não há intervenção profissional)	<p><i>“Eu acharia excelente para atuar como preparador físico, técnico e a turma de base”.</i></p> <p><i>“Seria interessante, pelo fato da competição; faz um esforço além da conta de que somos preparados. O profissional poderia dar mais condicionamento físico”.[sic]</i></p> <p><i>“Seria melhor, contribuiria com mais gente pra jogar”.</i></p> <p><i>“Estamos precisando disso, seria uma opção de atrair mais pessoas pra essa atividade”.</i></p>
Vôlei misto (não há intervenção profissional)	<p><i>“Seria importante uma orientação específica, alongamento e até mesmo orientação técnica, o pessoal se machuca muito por não ter essa orientação”</i></p> <p><i>“Orientação física, alongamentos”</i></p> <p><i>“Não veria”</i></p> <p><i>“Seria bom para aprimorar os movimentos”</i></p>

Percebemos, que é pequeno o número de adultos que não pratica outras atividades, e o principal motivo é a falta de tempo. (quadro 15)

15- Quantos adultos não praticam outras atividades:	15 a- Os motivos de não praticar:
08 pessoas	06 pessoas por falta de tempo 02 pessoas por não gostar de outra atividade.

No item 16, detectamos 24 adultos que praticam outras atividades, a maioria delas no clube mesmo. E nas atividades em que há o profissional como

intermediário, eles percebem que é fundamental a sua presença. Já nas atividades em que não há a presença do profissional, esse fator passa a depender do tipo de atividade e do objetivo do grupo. No caso da pesca, por exemplo, não se faz necessário à intermediação de um profissional (não da área da Educação Física). A maioria das atividades que os homens indicaram possuem características físico-esportivas, exceto o carteadado, o videogame e a sauna.

Uma fala a ser destacada dos participantes, em relação à atuação do profissional nas atividades é a seguinte: *“O objetivo do grupo é brincadeira, talvez por esse fato o profissional seja desnecessário”*.

As pessoas têm a visão de que para o profissional estar presente é necessário que a prática seja levada a sério, mas sério, no sentido dessa fala, deve ser rendimento e produtividade, ou seja, já que é lazer, não precisa de um profissional. Por isso é preciso alertar para a idéia que as pessoas têm sobre o profissional do lazer, entendendo que a presença dele só é importante nos momentos de produtividade, desvalorizando o lazer como divertimento e brincadeira, e desvalorizando também o profissional que anima esse momento.

16-Quantos adultos praticam outras atividades:	16 a- Quais são essas atividades:
23 pessoas	- <i>futebol, academia, bicicleta, corrida, tênis de campo, natação, vídeo game, caminhada, musculação, bocha, carteadado, sauna, dança e pesca.</i>
16b- Se existem profissionais intermediando essas práticas:	16c- O que os adultos acham disso:
Sim	<i>“Imprescindível” “Muito bom, é amigo” “É necessário para dar as instruções, alimentação e vitaminas” “Fundamental para o aluno” “Ele tem percepção daquilo que dá”</i>
Não	<i>“Pode ser conseqüência de não poder pagar...” “A gente tem que se virar do jeito que dá, tendo o profissional o esporte poderia ser mais divulgado”</i>

	<p><i>“O objetivo do grupo é brincadeira, talvez por esse fato o profissional seja desnecessário”</i></p> <p><i>“Tirando as contusões, talvez não houvesse tanta necessidade”</i></p> <p><i>“Está errado, deveria ter...”</i></p> <p><i>“Acho de suma importância um profissional em qualquer atividade”</i></p> <p><i>“Precisaria ter pra resgatar mais sócios”</i></p>
--	--

Para entendermos se o adulto sente falta do lúdico, fizemos uma relação desse componente como uma manifestação, através de algumas de suas características, (item 17).

Verificamos que vários participantes sentem falta do lúdico e eles dizem que não sabem como resolver isso. Outros, não conseguem perceber que quando viajam praticam esportes e/ ou dançam; encontram o lúdico no campo do lazer como espaço privilegiado. Não conseguem detectar esse fato, pela visão equivocada e distorcida que têm sobre o lazer e o lúdico.

Eles afirmam que o trabalho toma muito tempo.

Percebemos que vários deles não sentem falta do lúdico, porque suprem essa necessidade através de vivências no campo do lazer, ou no prazer gerado pelo trabalho, e por vivências permeadas pelas características lúdicas. Porém, alguns adultos ainda indicam os fins de semana como possibilidade de felicidade e solução dos problemas. Segundo Marcellino (2005), os fins de semana são, sim, um canal de possibilidades, mas o sentido da vida não pode ser buscado apenas por esse caminho. O adulto deve considerar as possibilidades de lazer nos fins de semana e no final do expediente, contanto que saiba que existem outras possibilidades para essa vivência e tenha consciência do lazer como cultura vivenciada no tempo disponível.

17- Se os adultos sentem falta de espontaneidade, alegria, prazer, de poderem fazer o que querem e de descompromisso:	17 a- Se sim, como resolvem isso. Se não, por quê?
14 adultos responderam que sim	<i>“ Não consegui até hoje, não sei a resposta, não dá pra fugir do trabalho. Então, praticar</i>

	<p><i>esportes e passear resolve um pouco”</i></p> <p><i>“Às vezes dando um de vagabundo, indo viajar, mergulhar, quando tem recurso”</i></p> <p><i>“ Através da laboral da empresa e pelo esporte alivio as tensões”</i></p> <p><i>“ Bebendo”</i></p> <p><i>“Por enquanto não resolvo, tiro as frustrações jogando bola”</i></p> <p><i>“ Mais tempo para o lazer”</i></p> <p><i>“ Não sei”</i></p> <p><i>“ Vir dançar”</i></p> <p><i>“ A gente procura o clube...”</i></p> <p><i>“ Faria esportes...”</i></p> <p><i>A gente só trabalha, resolvo trabalhando”</i></p> <p><i>“ Sinto falta de um pouco mais de tempo, a parte profissional toma muito tempo”</i></p>
--	--

17 adultos responderam que não	<p><i>“Sou muito tranqüilo, nos fins de semana, vou pra barzinhos ouvir música”</i></p> <p><i>“Tenho muita liberdade no trabalho”</i></p> <p><i>“Alivio o stress no momento de lazer”</i></p> <p><i>“Estou bem comigo mesmo, não preciso de outras coisas pra complementar”</i></p> <p><i>“Sou feliz...”</i></p> <p><i>“Porque sou um profissional liberal...”</i></p> <p><i>“Porque trabalho com que gosto”</i></p> <p><i>“Devido a atividade física que a gente pratica, a gente fica bem mais disposto”</i></p> <p><i>“Eu faço o que quero”</i></p> <p><i>“Trabalho ainda, mas sou aposentado, quando dá vontade de pescar, a gente pára o serviço e vai”</i></p> <p><i>“Procuro fazer do meu trabalho e do ambiente profissional o mais alegre possível”</i></p> <p><i>“Porque tenho tempo para fazer de tudo”</i></p> <p><i>“Porque trabalho no comércio e tenho contato com muitas pessoas”</i></p> <p><i>“No serviço faço o que gosto e no clube pratico um esporte que eu gosto também”</i></p>
--------------------------------	---

Em relação ao item 18, detectamos que a maior parte dos participantes tem lembranças de manifestações do lúdico durante a infância. Detectamos também que os adultos sentem falta dessas manifestações, ou seja, sentem saudades da infância (ALVES, 2003). Ainda que, em algumas vezes, a infância não tenha sido tão boa, o ser humano tem a idéia de preservar o que foi bom e lembrar-se disso; por isso esse desejo de voltar àquilo que foi bom, isso não quer dizer que a vida de adulto também não seja boa.

Apenas um adulto detectou um ponto negativo de sua infância.

18– Quais imagens e lembranças os adultos têm da infância: Aspectos positivos:	Aspectos negativos:
- jogos, brincadeiras, esportes, sítio, futebol, rio, bicicleta, menos compromisso, mais qualidade de vida, pipa, escola, amizade, família reunida, festas de fim de ano, escola, brincadeiras na rua com segurança.	- vida difícil no sítio. (apenas um adulto fez essa observação)

3.4.2 b Dados das mulheres

As atividades que as mulheres procuram são variadas, assim como a dos homens. O clube A tem uma maior representatividade na cidade e oferece um maior número de atividades em relação aos outros clubes. (quadro 1)

1-Atividades praticadas pelas mulheres	2-Equipamentos	3- Número de entrevistadas
Futebol de campo	Clube A	06
Peteca	Clube A	01
Bocha	Clube A	03
Musculação	Clube B	02
Ginástica Mista	Clube C	04
Dança de Salão	Clube D	04
Ginástica Localizada	Clube D	04
Vôlei misto	Praça esportiva E	03
Total	4 clubes e 1 praça esportiva	27

A faixa etária ficou em “aberto”, considerando as idades, de acordo com o número de participantes, a que predominou foi a faixa que vai dos 20 aos 30 anos. (quadro 4)

4- Faixa Etária	4 a-Número de participantes
20 – 30	11
31 – 40	05
41 – 50	08
51 – 60	03

Em relação à formação, predominou o ensino superior entre as participantes.

5-Formação	5 a-Número de participantes
Ensino Fundamental	01
Ensino Médio	06
Ensino Superior	18
Pós-graduação	02

Na freqüência ao clube, o que predomina é a visita de uma a três vezes na semana, assim como a dos homens. (quadro 6)

6-Freqüência ao equipamento	6 a-Número de participantes
1x por semana	07
2x por semana	04
3x por semana	08
4x por semana	02
5x por semana	01
6x por semana	05

A maioria das mulheres freqüenta outros espaços de lazer na cidade. (quadro 7)

7- Quantas mulheres freqüentam outros equipamentos de lazer na cidade:	7a- Quantas mulheres não freqüentam outros equipamentos de lazer na cidade:
20 mulheres	07 mulheres

No quadro 8, percebemos que a maioria das participantes não identificam outros espaços, como espaços para o lazer, assim como os homens também não identificaram.

8- Quantas mulheres não identificam os equipamentos de lazer;	8a- Quais os equipamentos que as mulheres não reconhecem, como sendo equipamento de lazer:
20 mulheres	<ul style="list-style-type: none"> - Shopping centers; - Clubes; - Bares; - Restaurantes; - Cinema; - Teatros; - Parques ecológicos; - Praças de esporte; - Festas / eventos.

No quadro 9, percebemos que um número menor das participantes identificam outros espaços como sendo espaços de lazer.

9- Quantas mulheres identificam equipamentos de lazer:	9a- Quais equipamentos as mulheres reconhecem como sendo equipamento de lazer:
07 pessoas	<ul style="list-style-type: none"> - Shopping centers; - Bares; - Restaurantes; - Cinema; - Teatros; - Shows; - Parques ecológicos.

Em relação aos espaços mais freqüentados, as mulheres procuram em primeiro lugar o cinema, enquanto os homens procuram pelos restaurantes. Já os bares são procurados tanto por elas, como por eles, assim como os shopping

centers. As mulheres citaram as festas, eventos e shows, já os homens não apresentaram esses espaços. (quadro 10).

10- Quais os espaços, mais freqüentados entre as participantes:	10ª- Número de pessoas:
1º Cinemas	13
2º Teatros	11
3º Bares	07
4º Shopping centers	06
5º Restaurantes	05
6º Parques	03
7º Festas/ eventos/ shows	03
8º Parques	03

Em relação ao item 11, notamos na fala das participantes que o que predomina é o gosto pela atividade, a preocupação com a saúde e o corpo, e em poucos casos a proximidade do clube. Já os homens destacam que buscam as atividades para fazer amigos.

11- As atividades:	11a - O motivo de escolher essa atividade na fala das participantes:
Futebol de campo	<i>“Sempre gostei de treinar futebol e competir” “Deu chance de jogar” “ Eu gosto” “ A única atividade que conseguimos reunir várias mulheres, e também não gosto de outras.”</i>
Peteca	<i>“ Porque meu marido começou a jogar e eu achei legal, comecei a jogar também”.</i>
Bocha	<i>“ Porque gosto”</i>
Musculação	<i>“ Primeiro pela saúde, por ter uma vida muito sedentária” “ Bem estar e pelo corpo”</i>
Ginástica Mista	<i>“Porque eu adoro, sempre fiz” “Porque preciso fazer uma atividade física, questão de saúde”</i>

	<i>“ Por causa da saúde”</i> <i>“Porque esta mais próxima de casa, e gostei”</i>
Dança de Salão	<i>“ Para interação com meu esposo na dança”</i> <i>“Porque gosto de dançar, minha intenção também foi de fazer um exercício físico e também para o emocional”</i> <i>“ Sempre gostei, acho lindo”</i> <i>“ Gosto muito de dançar”</i>
Ginástica Feminina	<i>“ Gosto muito de me exercitar”</i> <i>“Sempre pratiquei, moro perto do clube”</i> <i>“ Porque eu preciso fazer atividade aeróbica”</i>
Vôlei Misto	<i>“ Gosto de vôlei, é um esporte que não é violento”</i> <i>“ Sempre gostei”</i> <i>“Desde que era adolescente eu jogava”</i>

A maior parte das participantes frequenta o clube e pratica as atividades oferecidas há mais de cinco anos. (quadro 12)

12-Tempo de prática das atividades	12 a-Número de participantes
Menos de 1 ano	11
1 a 2 anos	03
2 a cinco anos	05
Mais de 5 anos	08

No quadro 13, vemos quais as atividades que elas praticam e qual o significado que elas vêem nessas atividades; conseqüentemente, detectamos o que elas procuram no seu tempo de lazer, qual o grau de satisfação e de que forma elas entendem o lazer. Em alguns discursos, elas apresentam a palavra *lazer*. Em outros, vemos palavras como *distração, diversão, prazer, bem estar*, que revelam o significado de lazer para essas mulheres.

13- As atividades:	13a – Qual o significado de praticar essas atividades para os adultos:
Futebol de campo	<i>“Desestressar, estar junto com as amigas, diversão e ajuda no preparo físico ”</i> <i>“ Além de praticar exercício, gosto de trabalhar em equipe.”</i> <i>“ Saudável, escape, terapia mental”</i>

	<p><i>“ Mais habilidade para jogar no campeonato, emagrecimento.”</i></p> <p><i>“ Movimento, exercício, socialização, dá risada, brinca, participa de campeonatos”[sic]</i></p> <p><i>“ Pratica uma atividade física, descontração</i></p>
Peteca	<i>“ Descontração, uma atividade física”</i>
Bocha	<p><i>“ Gosto da integração, distrai, é uma terapia”</i></p> <p><i>“Lazer”</i></p>
Musculação	<i>“ Bem estar, saúde, melhora a auto-estima”</i>
Ginástica Mista	<p><i>“ Prazer”</i></p> <p><i>“ O lado social, pelo físico, saúde-qualidade de vida e lazer”</i></p> <p><i>“ Bem estar físico, perder calorias, faço ginástica pra poder comer”</i></p>
Dança de Salão	<p><i>“ Descontração, exercício físico”</i></p> <p><i>“ Bem prazerosa, saio daqui bem relaxada”</i></p> <p><i>“ Além de desestressar, a gente se diverte demais, aproxima mais o casal”</i></p> <p><i>“Terapia e aprendizagem da dança”</i></p>
Ginástica Feminina	<p><i>“Saúde”</i></p> <p><i>“Bem estar, me sinto bem, me sinto mais disposta”</i></p> <p><i>“Cuidar do meu corpo e da mente”</i></p>
Vôlei misto	<p><i>“ Momento de diversão, alegria, encontro com os amigos”</i></p> <p><i>“ Trabalho em equipe, queimar calorias, atividade física intermediária”</i></p> <p><i>“Além de ser bom para o corpo, e bom para a alma, dá prazer participar com os amigos”.</i></p>

No quadro 14, percebemos que as participantes não têm consciência sobre se o profissional é formado na área da Educação Física ou não; porém, todas afirmam ser fundamental a presença de um profissional intermediando as práticas.

É importante destacar uma das falas: *“Eu acho que se for pra exigir habilidade técnica, não vale a pena, se for trabalhar harmonia no grupo e lazer vale a pena”*. Essa praticante indica a importância da presença de um animador, ainda que não use essa terminologia; ela deixa claro que o objetivo do grupo é lazer e se o profissional intermediar essa atividade nesse sentido vale a pena.

14- As atividades que as mulheres praticam:	14a – A opinião dos adultos em relação à atuação, ou não, de um profissional de Educação Física, como intermediário nas atividades específicas:
Futebol de campo (com intervenção de um profissional não formado)	<p><i>“Muito bom, atividades diversificadas”</i></p> <p><i>“Está dentro do que ele deve passar, não tenho do que reclamar”</i></p> <p><i>“Legal”</i></p> <p><i>“Acho que ele é orientador, uma formação tanto científica, quanto pedagógica”</i></p> <p><i>“É importante para o grupo não se perder, e ainda orienta a forma correta de praticar exercícios”</i></p> <p><i>“É positivo, pois oferece um treinamento específico para a modalidade”</i></p>
Musculação (com intervenção de um profissional da área da Educação Física)	<p><i>“Muito importante”</i></p> <p><i>“Fundamental, sem um profissional que tenha noção do que é certo não dá”</i></p>
Dança de Salão (com intervenção de um profissional da área da Dança)	<p><i>“Não faria diferença”</i></p> <p><i>“Ótimo, além de ser um ótimo profissional, é divertido e passa bem”</i></p> <p><i>“Acho que é bastante responsável, comprometido, é algo que ele planeja”</i></p> <p><i>“Fundamental”</i></p>
Ginástica Feminina (com intervenção de um profissional da área da Educação Física)	<p><i>“Maravilhoso, a professora é super aplicada”</i></p> <p><i>“Muito bom”</i></p> <p><i>“Acho que a profissional é ótima, a aula é bem dinâmica”</i></p> <p><i>“Acho ótimo, porque ela sabe até onde o aluno pode ir, sabe os limites dos alunos”</i></p>
Ginástica Mista (com intervenção de um profissional da área da Educação Física)	<p><i>“Atua muito bem”</i></p> <p><i>“Boa, muito boa, pedagógica”</i></p> <p><i>“A orientação é fundamental”</i></p> <p><i>“Excelente”</i></p>
Bocha (com a intervenção do profissional de Educação Física, somente na organização do campeonato de casal).	<p><i>“Não seria necessário”</i></p> <p><i>“Acho necessário porque a atividade seria mais organizada”</i></p> <p><i>“Não sei, porque nunca presenciei a atuação desse profissional nesta atividade”</i></p>
Peteca (não há intervenção profissional)	<i>“Acharia ótimo porque eu não sei nada”</i>
Vôlei misto (não há intervenção profissional)	<p><i>“Eu acho que se for pra exigir habilidade técnica, não vale a pena, se for trabalhar harmonia no grupo e lazer vale a pena”</i></p> <p><i>“De uma forma positiva”</i></p> <p><i>“Seria bem-vindo para orientação e correção”.</i></p>

A questão do tempo é fator determinante para outras práticas. (quadro 15)

15- Quantas mulheres não praticam outras atividades:	15 a- Os motivos de não praticar:
07 pessoas	01 – por preguiça 06 – por falta de tempo

Todas as outras atividades que as mulheres apresentaram foram de características físico-esportivo, nenhuma delas apresentou outros conteúdos culturais do lazer; assim como os homens, lembraram apenas do carteadado.

Nesse item também se destacam duas situações interessantes, quanto ao fato de não ter o profissional intermediando a atividade. Um dos participantes indica que: “ *Quando você tem um profissional, você tem como melhorar, acaba tendo um técnico.*” Novamente a visão restrita da atuação de um profissional voltada para o rendimento. E a outra fala, quanto a não ter o profissional é: “*Encaro numa boa é uma atividade pra brincar*”. Repete-se a idéia de que, já que é uma brincadeira não precisa de um profissional. (quadro 16)

16-Quantas mulheres praticam outras atividades:	16 a- Quais são essas atividades:
20 pessoas	- <i>futebol, bicicleta, tênis de campo, nataçãõ, caminhada, musculaçãõ, ginástica, academia, cartas e bocha.</i>
16b- Se existem profissionais intermediando essas práticas:	16c- O que os adultos acham disso:
Sim	“ <i>Acho importante</i> ” “ <i>Muito bom</i> ” “ <i>Excelente, o profissional corrige</i> ” “ <i>É positivo, pois passa bastante atividades diferentes</i> ”[sic] “ <i>Importante, porque ele orienta desde o alongamento, aquecimento e volta a calma</i> ” “ <i>Direcionamento para o treino</i> ”

Não	<p><i>“ Quando você tem um profissional, você tem como melhorar, acaba tendo um técnico.”</i></p> <p><i>“ Com o objetivo que nós temos, o que falta é um direcionamento, para segurança.”</i></p> <p><i>“ Não seria necessário porque os participantes são freqüentadores assíduos”</i></p> <p><i>“Encaro numa boa é uma atividade pra brincar”</i></p>
-----	---

A questão do tempo é fator que limita a vivência lúdica das pessoas; algumas delas não percebem que essa manifestação pode se dar em qualquer tempo.

As mulheres que afirmaram que não sentem falta do “lúdico”, manifestam a satisfação que encontram nos momentos de lazer, nos quais esses componentes são atendidos, através dos conteúdos culturais, desde os turísticos até os físico-esportivos (quadro 17). Assim como os homens, a maioria delas diz não sentir falta desses componentes e apresentaram as suas respostas, também no espaço de lazer. Uma delas diz que busca se ocupar no tempo livre; assim estabelecemos a idéia de que os adultos não são preparados para o tempo livre (ROSÁRIO, 2001), enquanto outras dizem ter tempo para fazer o que quiserem.

17- Se os adultos sentem falta de espontaneidade, alegria, prazer, de poderem fazer o que querem e de descompromisso:	17 a- Se sim, como resolvem isso. Se não, por quê?
08 pessoas disseram que sim	<p><i>“ A questão do tempo é complicada, procuro os fins de semana”</i></p> <p><i>“ Fazendo ginástica e assistindo filmes”</i></p> <p><i>“ Procuro colocar as prioridades, o que dá eu resolvo”</i></p> <p><i>“Fazendo uma atividade física”</i></p> <p><i>“Venho até o clube”</i></p> <p><i>“Academia, fazendo uma atividade física tudo flui melhor”</i></p> <p><i>“Não resolvo, estou mal resolvida”</i></p>
	<i>“Porque tenho tudo isso”</i>

<p>19 pessoas disseram que não</p>	<p><i>“Viajo muito, passeio bastante”</i> <i>“Estou de bem com a vida”</i> <i>“Sou dona de casa e tenho tempo pra mim, tenho tempo para o lazer, falta de tempo não é problema”</i> <i>“Porque estou completa, o esporte me proporciona alegria, a família unida, todos praticam esporte”</i> <i>“Arranjo tempo pra fazer tudo que preciso”</i> <i>“Me sinto feliz no dia-a-dia no fim de semana a gente tira o stress”</i> <i>“Procuro me ocupar no tempo livre”</i> <i>“Largo tudo e faço as atividades de lazer”</i> <i>“No clube tem tudo, muitas amizades, e o clube oferece muitas opções”</i> <i>“ Eu gosto de trabalhar, de regras”</i> <i>“Estou numa fase ótima, aposentada, descompromissada, fazendo o que quero”</i> <i>“Eu trabalho com crianças, é difícil não ver essas coisas no meu trabalho”</i> <i>“Procuro fazer as coisas aproveitando o momento”</i></p>
------------------------------------	---

Apenas 3 pessoas destacaram lembranças tristes da infância, as outras 24 lembraram de coisas boas, principalmente das brincadeiras, dos esportes, dos amigos e da família, todas as lembranças se relacionam com o lúdico. (quadro 18)

<p>18– Quais imagens e lembranças que os adultos têm da infância: Aspectos positivos:</p>	<p>Aspectos negativos:</p>
<p><i>“brincadeira de rua; reuniões familiares; praticar esportes e com isso conseguir muitos amigos; sítio; gostava de brincar de roda, jogar vôlei e fazer atletismo; bicicleta; copa de 70, fazenda; brincar com barro; liberdade total, fazia esportes e subia em árvores; casa da avô; brincadeiras na escola, imitando cantores; jogar futebol; todas as imagens são ligadas ao esporte”.</i></p>	<p><i>“Triste”</i> <i>“Trabalhei desde de criança”</i> <i>“Tive uma infância muito triste, não tenho boas lembranças”</i></p>

De uma maneira geral os clubes possuem uma boa programação para a faixa etária adulta em relação aos conteúdos físico-esportivos. Um ponto fundamental a ser aprimorado é a atuação dos profissionais, que precisam estar em constante atualização para que sua atuação seja mais efetiva e coerente com os objetivos que o grupo com o qual trabalha procura.

A questão do lazer ainda é vista de forma isolada tanto pelos profissionais, como pelos participantes; dessa forma é preciso um plano de ação no sentido da educação para e pelo lazer. Na questão da programação poderia ser ampliado para outras atividades de acordo com o interesse do público.

No espaço público percebemos várias deficiências: a principal delas é a falta de uma política específica para o público adulto em relação aos conteúdos físico-esportivos. A prefeitura, por ceder somente os espaços, deixa muito a desejar. Para sanar essa deficiência é preciso investimento financeiro para estruturar os espaços existentes e investir em profissionais qualificados e especializados da área de lazer.

Considerações Finais

Qual seria o perfil ideal de atuação do profissional de Educação Física, enquanto animador sociocultural, como intermediário entre o adulto e o seu momento lúdico, no lazer? Seria possível o encontro e a troca de experiências humanas, vivenciando o componente lúdico da cultura, na faixa etária adulta, mediada por profissionais, ou isso somente ocorreria de modo espontâneo?

Não existe um perfil ideal de animador, mas existe um profissional com competências específicas e gerais que são necessárias para uma atuação efetiva dentro do âmbito do lazer. O profissional de Educação Física, como animador de competência específica é essencial nesse campo de atuação, na perspectiva dos conteúdos físico-esportivos, ele é provocador e mediador das manifestações do lúdico. É possível o encontro e troca de experiências humanas dentro do espaço do lazer. Detectamos as diferentes relações entre os adultos praticantes da atividade com os espectadores; as relações entre os filhos desses adultos, que brincam enquanto seus pais se movimentam na atividade. Detectamos as relações de pais e filhos e as relações dos pais com os filhos dos amigos e vice versa. Verificamos também que todas essas relações são penetradas pelo lúdico, gerado tanto de forma espontânea, como despertado pelo animador daquele ambiente.

Retomamos os objetivos da pesquisa, para contribuir a essa problemática:

- 1-Detectar se o adulto sente falta do lúdico;
- 2- Entender o significado do lúdico para o adulto;
- 3- Detectar se atualmente o adulto vivencia momentos lúdicos, tendo o lazer como espaço privilegiado de sua manifestação;
- 4- Verificar qual o papel do profissional de Educação Física como mediador entre o adulto e o lúdico (que aspectos envolvem essa relação, o que ela deve levar em conta, e de que forma precisa ser operacionalizada).

Em relação ao item 1 consideramos que o adulto sente falta do lúdico e busca através do lazer sanar essa ausência; consideramos também que

aqueles que não sentem essa falta, é porque têm no tempo de lazer a solução para essa manifestação.

A falta do lúdico na vida adulta, também se representou pela distância que existe entre os adultos e as crianças. E em alguns momentos essa representação se deu pela falta de engajamento dos participantes nas atividades.

No item 2 entendemos que o lúdico para o adulto é a manifestação de liberdade, alegria, movimento, é parar, é relaxar, é sonhar e criar expectativas, é jogar e brincar, é superação, é vitória e derrota, é elevar-se, ir além do esperado, ultrapassar barreiras, diversão, distração, é mudar para outra parte e desviar-se. Desviar-se em busca de um momento melhor do que aquele que passou. Os adultos buscam no tempo de lazer o encontro com o lúdico, que durante o cotidiano se manifesta pouco, devido as ocupações e preocupações com as obrigações.

No item 3 confirma-se pelo estudo, tanto na revisão bibliográfica, como na pesquisa de campo, que o adulto através do lazer vivencia momentos lúdicos. E portanto, o lazer é um espaço privilegiado para manifestação do lúdico, na nossa sociedade, atualmente. Arriscamos dizer, que o lazer é um dos poucos espaços para a manifestação do lúdico.

Em relação ao item 4, a pesquisa de campo aponta que: o papel do profissional de Educação Física para os adultos no campo do lazer é visto de duas formas: primeiro como um animador de maneira superficial e do senso comum, porque as pessoas não reconhecem esse profissional como um animador sociocultural; e em segundo, ele é visto como um treinador / preparador físico; podemos afirmar que essa visão domina o entendimento dos participantes. Acreditamos que essa visão limitada se deve ao objetivo que as pessoas buscam no tempo de lazer, que em muitos momentos é associados a prática de uma atividade física para melhora da saúde física unicamente, as pessoas ainda enxergam o corpo humano com dualismo.

Para operacionalização desse processo, existem alguns equívocos, como:

1. quando as pessoas buscam por diversão, elas acham que o profissional é dispensável já que não é uma atividade séria, (se é pra brincar pra que um profissional? Pra que gastar com um profissional especializado se as pessoas só querem brincar?). É uma visão reduzida e limitada da compreensão de lazer e de brincadeira, mas é uma visão pautada nos valores do sistema de rentabilidade e eficácia. É necessário, uma educação para e pelo lazer para que as pessoas modifiquem essa forma de pensar;
2. em toda atividade de cunho esportivo, as pessoas acham que o profissional tem de ser um treinador de movimentos e não um animador do ambiente. As pessoas não enxergam o profissional de Educação Física como animador e mediador da cultura do povo e da cultura como patrimônio da humanidade. Elas acreditam que ele é treinador de atletas, que se preocupa basicamente com o rendimento de corpos. A partir da formação dos profissionais, com um trabalho voltado para a compreensão do processo de animação, pode acontecer mudança de consciência tanto do profissional, como do participante;
3. faltam políticas de democratização do lazer na cidade de Americana, não por espaços, mas profissionais qualificados, para que ocorra uma política pública de lazer é preciso entender as necessidades do ser humano como um todo e começar o processo a partir deles;
4. a formação dos profissionais de Educação Física ainda é deficiente na atuação no campo do lazer; muitos profissionais não se vêem como animadores, assim como o público também não os enxerga dessa forma. Alguns profissionais não fazem da sua atuação uma prática política e pedagógica; política no sentido de dar autonomia e capacitar os participantes com uma visão crítica e criativa. E pedagógica no sentido de que não transformam seu conteúdo e não adequam o seu conteúdo de acordo com a necessidade dos participantes;
5. os adultos buscam os conteúdos físico-esportivos do lazer por três motivos: a facilidade de acesso, a necessidade da socialização, de se envolver com outras pessoas e pela manutenção da saúde.

Apesar disso, a pesquisa bibliográfica e os resultados da nossa observação participante nos levam a concluir que o profissional de Educação Física,

apesar da visão equivocada das pessoas atendidas e do próprio profissional, é um intermediário entre o adulto e o lúdico, nas manifestações do lazer, necessitando de formação específica para o desempenho desse papel. Verificamos também que o lúdico se manifesta de forma espontânea, nas atividades físico-esportivas de lazer praticadas por adultos, com diferenças de gênero, já abordadas anteriormente.

Esse profissional, segundo nossa pesquisa de campo, demonstra que para atuar como animador sociocultural junto aos adultos, terá que reverter expectativas, pois, quando é desejado por eles, o é de uma perspectiva de “treinador”, não sendo visto como necessário, na grande maioria dos depoimentos, quando a atividade pode ser caracterizada como de lazer, pelo entendimento restrito que se tem dessa manifestação humana.

O profissional de Educação Física, precisa compreender e atuar na perspectiva de que as relações do lazer se dão tanto no esporte como prática de lazer, sem ter como objetivo principal os resultados; e como no esporte espetáculo, onde as pessoas querem e desejam o resultado. Assim, é preciso valorizar o participante, de duas formas: tanto como jogador de uma determinada modalidade, que deseja simplesmente jogar e brincar ou ainda aquele que quer ganhar o jogo. E como espectador das práticas, ou seja, aquele participante que não gosta muito de fazer, mas admira e entende a modalidade, conhece a história, as regras, acompanha assiduamente aquela prática. Além do que, a Educação Física precisa valorizar uma parcela dos seus conteúdos juntamente com os conteúdos da área do lazer. O profissional de Educação Física como animador sociocultural precisa atuar com a pedagogia da animação, para além da educação e formalização de movimentos corporais isolados, mas para a educação dos movimentos numa perspectiva crítica e criativa.

Referências Bibliográficas:

- ALVES, R. **A gestão do Futuro**. Campinas, Papirus, 1987.
- ALVES, R. **O amor que acende a lua**. Campinas, Papirus, 1999.
- ALVES, R. **A alegria de Ensinar**. 3ª Ed Campinas, Papirus, 2000.
- ALVES, R. **Cenas da Vida**. 7ª Ed. Campinas, Papirus, 2002.
- ALVES, R. **Quando eu era menino**. 1ª Ed. Campinas, Papirus, 2003.
- ALVES, R. **Ao professor com meu carinho**. 5ª Ed. Campinas, Verus, 2004a.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 7ª Ed. Campinas, Papirus, 2004b.
- ARIÉS, P. **História Social da criança e da família**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. p. 83-124.
- BAHIA, M, C. SAMPAIO, T, M, V. **Lazer na natureza: A formação de grupos praticantes de atividade de aventura no estado do Pará**. VI Seminário, O lazer em debate, Belo Horizonte, UFMG, 2005.
- BAUDRILLARD, J. **Da Sedução**. 3ª Ed. Campinas, Papirus, 2000. p. 149-205.
- BOTERF, G. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.51-81.
- BRUYNE e outros. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro - RJ, Francisco Alves, 1977.
- CAMARGO, L, O, L. **Recreação Pública Cadernos de Lazer**. 4ª Ed. São Paulo. SESC, p. 29-36.1979.
- CAMARGO, L, O, L. **Educação para o lazer**. São Paulo, Moderna, 1998.
- CANCLINI, N, G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4º Ed. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.
- CABI, A, H, C. **Lazer e esporte nos clubes social – recreativos de Araraquara**. (Dissertação de Mestrado), Programa de pós-graduação em Educação Física. Piracicaba, Unimep, 2006.

CARVALHO, A, M. **Cultura Física e Desenvolvimento**. Lisboa, Compedium, sd. 1977.

CAUDURO, M, T. O profissional de Educação Física e suas competências específicas. In MARCELLINO, N, C. **Formação e Desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas, Papirus, 2003.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do Lazer**. São Paulo, Sesc, 1980a.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo, Sesc, 1980b.

FERREIRA, A, F. et all. **O lúdico nos Adultos: um estudo exploratório nos freqüentadores do CEPE – Natal – RN**. HOLOS, ano 20, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo. FREIRE, A, M, A. (org). Unesp, 2001.

FREIRE, J, B. **O jogo entre o riso e o choro**. Campinas, Autores Associados, 2002.

GÁSPARI, J, C. SCHWARTZ, G, M, **O capital humano: investindo nas ações do brincar**. Cinergis, v.3, n.2. p.7-19. 2002.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo, Perspectiva/ EDUSP, 1986.

ISAYAMA, H, F. **Recreação e Lazer como integrantes de currículos dos cursos de graduação em Educação Física**. (Tese de Doutorado). Campinas, Unicamp, Departamento de Educação Física, 2002.

ISAYAMA, H, F. O profissional da Educação Física como intelectual: Atuação no âmbito do lazer. In MARCELLINO, N, C. **Formação e Desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas, Papirus, 2003.

ISAYAMA, H, F. **Educação Física, Recreação e Lazer: considerações a partir dos currículos de formação profissional em Educação Física**. in MOREIRA, W, W (org). **Educação Física Intervenção e Conhecimento Científico**, Campinas, Unimep, 2004.

ISAYAMA, H, F. **Um olhar sobre a formação profissional no lazer**. Licere, Belo Horizonte, UFMG, 2005.

IZQUIERDO, I, C. **Atuação Profissional em Lazer: Análise do profissional de Educação Física enquanto animador sociocultural, participante de equipes de lazer em hotéis.** (Dissertação de mestrado). Piracicaba, Unimep, Facis, 2004.

MACEDO, C.C. Algumas observações sobre a Questão da Cultura do Povo. In VALLE, E. & QUEIROZ, J. **A cultura do povo.** São Paulo, Educ, 1982.

MACHADO, M, M. **A Poética do brincar.** São Paulo, Loyola, 1998.

MARCELLINO, N, C. (org.) **Políticas Públicas Setoriais de Lazer O papel das prefeituras.** Campinas, Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, N. C. Políticas de lazer: mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e esporte: políticas públicas.** Campinas: Autores associados, 2001.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer: Uma Introdução.** 3ª Ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, N. C. Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia? In: MOREIRA, W,W (org). **Educação Física e Esportes Perspectivas para o séc. XXI.** 10º Ed. Campinas, Papirus, 2003a.

MARCELLINO, N, C. (org.) **Formação e Desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte.** Campinas, Papirus, 2003b.

MARCELLINO, N, C. **Lazer e Educação.** 11ºEd. Campinas, Papirus, 2004.

MARCELLINO, N, C. **Pedagogia da Animação.** 7ª Ed. Campinas, Papirus, 2005.

MORAIS, J, F, R. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, W,W (org). **Educação Física e Esportes Perspectivas para o séc. XXI.** 10º Ed. Campinas, Papirus, 2003.

MOREIRA, W, W. **Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 11 nº. 3 julho/ setembro. 2003.

OLIVEIRA, P. S. **Brinquedo e indústria cultural.** Petrópolis – RJ, Vozes, 1986.

PADILHA, V. **Apontamentos para um estudo crítico sobre políticas públicas de lazer.** Licere, Belo Horizonte, v.7,n.1, 2004.

PARKER, S. **A Sociologia do Lazer.** Rio de Janeiro – RJ. Zahar, 1978.

PASCAL, B. **Pensamentos.** São Paulo. D. Européia, 2ª Ed. 1961.

PERROTTI, E. A criança e a produção cultural. in: ZILBERMAN, R. (org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre - RS, Mercado Aberto, 1982.

PINTO, L, M, S. **A Recreação / Lazer e a Educação Física: a manobra da autenticidade do jogo**. (Dissertação de Mestrado). Campinas, Unicamp, Departamento de Educação Física, 1992.

PINTO, L, M, S. **Formação de Educadores e Educadoras para o lazer: Saberes e Competências**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.22, nº3, maio / 2001.

PINTO, L, M, S. Educação Física, Corporeidade, Lazer: diálogos com amigos sobre “riscos a correr”. In: MOREIRA, W,W (org). **Educação Física Intervenção e Conhecimento Científico**. Piracicaba, Unimep, 2004.

REQUIXA, R. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo, Sesc, 1980.

ROSÁRIO, T. **Qualidade de vida: juventude, idade adulta e educação**. In: MOREIRA, W. W. (Org) Qualidade de Vida Complexidade e Educação. Campinas, Papyrus, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. 48ª Ed. Rio de Janeiro, Agir, 2006.

SEVERINO, A, J. **Educação, Ideologia e Contra-Ideologia**. Pedagógica e universitária, 1986.

SEVERINO, A, J. **Metodologia do trabalho científico**. 19ª edição, São Paulo, Cortez, 2002.

SOUZA, J, X. **Educação pelo lazer: Valores que envolvem a relação adulto – criança**. (Dissertação de Mestrado). Campinas, Unicamp, Departamento de Educação Física, 1999.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

Roteiro para Ficha de observação participante:

Pesquisa: O papel do profissional de Educação Física como intermediário entre o adulto e o lúdico.

Responsável: Profª Mestrª. Cathia Alves

FACIS - UNIMEP – Curso de Pós Graduação em Educação Física.

Observação efetuada em _____, em ____/____/____.
(nome do equipamento) (data)

1. Descrever o espaço:

2. Atividade (descrição detalhada):

2.1. Faixa etária:

2.2. Gênero:

2.3. Dia da semana:

2.4. Horário:

2.5. Condições climáticas:

2.6. Outras observações:

3. Descrever o Material

4. Descrever a atuação do profissional:

4.1 Tipo de profissional

4.2 Ações desenvolvidas

4.3 Pontos negativos

4.4 Pontos positivos

5. Descrever a ação dos praticantes:

5.1 Pontos positivos

5.2 Pontos negativos

6. Descrever a relação dos profissionais com os praticantes

6.1 Pontos positivos

6.2 Pontos negativos

7. Outras observações:

(utilize quantas folhas forem necessárias, numerando as observações, por item).

Formulário para profissionais

Pesquisa: O papel do profissional de Ed. Física como intermediário entre o adulto e o lúdico.

Responsável: Prof^a Mestr^a. Cathia Alves

FACIS - UNIMEP – Curso de Pós Graduação em Educação Física

Data

Clube

Atividade ministrada no clube

1. FORMAÇÃO: ensino fundamental () ensino médio () ensino superior ()
 _____(indicar) pós graduação () _____(indicar)

2. Há quanto tempo está formado?

Menos de um ano () um a dois anos () dois a cinco anos () mais de cinco anos ()

3. Trabalha na área de Esportes, Atividades Físicas, Recreação e Lazer há quanto tempo?

Menos de um ano () um a dois anos () dois a cinco anos () mais de cinco anos ()

4. Trabalha no Clube há quanto tempo?

Menos de um ano () um a dois anos () dois a cinco anos () mais de cinco anos ()

5. Atua com a faixa etária adulta há quanto tempo?

Menos de um ano () um a dois anos () dois a cinco anos () mais de cinco anos ()

6. Prefere atuar com a faixa etária adulta, ou com outras faixas etárias?

() sim – por quê?

() não- por quê?

7. Que significado você vê no lazer para os adultos?

8. Você já trabalhou com o lazer para adultos em outros locais

() sim Quais: _____

() não

9. Há ou não algo que você valorize no trabalho que desenvolve com os adultos?

Sim () O quê?

Não ()

9. 1 Há ou não dificuldades em se trabalhar com a faixa etária adulta?

sim() Quais:

Não()

10. Há ou não facilidades em se trabalhar com a faixa etária adulta?

Sim () Quais:

Não()

Formulário para praticantes e espectadores

Pesquisa: O papel do profissional de Ed. Física como intermediário entre o adulto e o lúdico.

Responsável: Prof^a. Mestr^a. Cathia Alves

FACIS - UNIMEP – Curso de Pós Graduação em Educação Física

Data

Clube

Atividade

1. Faixa etária:

de 20 a 30 anos () de 31 a 40 anos () de 41 a 50 anos ()

de 51 a 60 anos ()

2. gênero:

Masculino () Feminino ()

3. FORMAÇÃO: ensino fundamental () ensino médio () ensino superior ()

_____ (indicar) pós graduação () _____ (indicar)

4. Frequência a esse clube:

diária () ____x por semana () semanal ()

raramente () primeira vez () outro () _____
(indicar)

5. Frequenta outros equipamentos de lazer da cidade?

Sim () quais?

Não () por quê?

6. Por que escolheu esta atividade?

7. Há quanto tempo pratica essa atividade?

Menos de um ano () um a dois anos () dois a cinco anos () mais de

cinco anos ()

8. O que significa praticar essa atividade para você?

9. Como você vê(veria) um profissional de educação física intermediando essa atividade?

10. Além dessa, você pratica outras atividades de lazer, ou não?

Sim () Quais:

Não () Por quê?

11. Há, ou não profissionais de educação física, ou de outras áreas, intermediando essas práticas?

Sim () o que você acha disso?

Não () o que você acha disso?

12- Você sente falta de espontaneidade, de alegria, de prazer, de poder fazer o que quer e de descompromisso, no seu dia a dia?

Sim () como resolve isso?

Não () Por quê?

13. Quais as imagens e lembranças que você tem da sua infância?
